

Presságio

Revista

Agosto 2025

Autorretratos



EDIÇÃO
36ª

Autorretratos



CBL



**Licenciada por Creative Commons - Atribuição-
Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional**

Sinta-se à vontade para compartilhar a revista, contanto que você atribua a autoria, não faça alterações no conteúdo e não a utilize para fins comerciais.

E-mail:revistaautorretratos@gmail.com

A SEGUNDA VINDA

O mundo gira em espiral sem fim.
O falcão já não escuta o chamado.
Tudo rui. O centro cede.
A desordem nua invade a terra.
Uma maré cega e rubra avança
e afoga a infância dos gestos puros.
Os bons se calam. Os maus urram
com fé ardente nos próprios demônios.

Algo se anuncia. Algo vem.
A Segunda Vinda — sussurro ou trovão?
Mal o nome é dito, vejo um presságio:
nas areias queimadas de um deserto
ergue-se uma fera:
corpo de leão, rosto humano,
olhar vazio como o sol do meio-dia.
Ela caminha lenta, pesada, inevitável,
entre os urros sombrios de aves em fúria.

A escuridão volta — mas eu entendo.
O sono duro de dois milênios
foi abalado pelo choro de um berço.
E agora... que besta selvagem,
com seu tempo enfim chegado,
se arrasta até Belém para nascer?

William Butler Yeats

O Presságio de Yeats

por Ricardo Neto, editor

Escrito em 1919, logo após a Primeira Guerra Mundial e durante a pandemia de gripe espanhola, o poema *The Second Coming*, (A segunda vinda) de William Butler Yeats, é uma das obras mais proféticas e inquietantes da poesia moderna. À primeira leitura, parece anunciar o apocalipse. Mas, para Yeats, não se trata do fim do mundo, e sim do fim de um ciclo e o nascimento de outro, mais obscuro.

O poeta irlandês acreditava que a história da humanidade girava em espirais (ou *gyres*), onde a cada dois mil anos uma nova força espiritual emergia. Ao descrever “Tudo rui. O centro cede” Yeats nos convida a olhar para um mundo em colapso. É nesse vácuo de sentido que algo se aproxima e não é o Cristo redentor da tradição cristã, mas uma criatura híbrida, pagã, indiferente, “com corpo de leão e cabeça de homem”, saída do inconsciente coletivo (*Spiritus Mundi*).

Essa “besta selvagem”, que se arrasta para nascer em Belém, representa o novo ciclo que se impõe. Não como salvação, mas como ruptura, caos, violência e fanatismo. A ironia amarga do poema está no título. “A Segunda Vinda” que Yeats prevê não traz redenção, mas o fim da inocência.

Mais de um século depois, os versos continuam a soar como um presságio possível para os tempos de crise, polarização e desenraizamento em que vivemos. A cada vez que a história parece girar sem direção, Yeats ressurgir. E sua pergunta final — que “besta selvagem, com seu tempo enfim chegado, se arrasta até Belém para nascer?” — volta a pairar, sem resposta, sobre nós.

Autores nacionais

Alda Freitas

Amanda Alves

Ana Pereira

Angela Gabriela

Anna Carolina Signorelli

Anna Rodrigues

Ari Göisler

Artton Potiguar

Bebel Pozzi

Bella Sarquiz

Caroline Naimeg

Cecília Deulefeu

Clarissa Machado

Demetra Ais

Desirée Marie dos Santos

Eduardo Vago

Glenda Brum de Oliveira

Irene Genecco

Isabel Spagnolo

Jéssica Ferrari

João Pedro Goldani de Medeiros

Júlia Araceli Golfo Dorta

Karen Cerutti

Katharinne de A. Alves Beividas

Katiucia Barros

Laila Angelica Moraes

Luana Schräder

Luzia Couto

Malu Zanoli

Maria Fernanda Perri

Maria Nazareth Doria

Marlene Krupa

Marta Bonimond

Nicole Scorsim Vieira

Nilda Rufino

Paula Mazzoli

Regiane Pankoski

Ricardo Pegorini

Rodrigo Gallo

Rosa Luizári

Sheila Dunoginessse

Simone e Alexandre Fraenkel

Suélen Ferreira Moreira

Susana Stähelin

Thiego Milério

Vânia Coelho

Autores internacionais

Anabela Vaz (Portugal)

Eliana Guerra (Portugal)

Vânia Sofia D. Santos (Portugal)

EDITORIAL

Bem-vindos à Revista Autorretratos, onde a literatura transcende fronteiras e conecta leitores e autores em uma celebração da criatividade e do pensamento crítico. Como projeto independente, temos o compromisso de dar voz a novos talentos, preservar a riqueza cultural da literatura brasileira e internacional, e explorar as nuances da experiência humana através da poesia, da prosa — contos e crônicas — e de ensaios e artigos contemporâneos.

Mais que uma revista, cada edição é um farol que ilumina caminhos literários. Publicada mensalmente em formato digital e impresso, cada número possui registro exclusivo na Câmara Brasileira do Livro (CBL), destacando sua singularidade como uma expressão artística completa. A Revista Autorretratos busca oferecer aos leitores uma experiência contínua e transformadora. Nosso objetivo é ampliar horizontes e abrir espaço para histórias que provocam, inspiram e ressoam com o mundo ao nosso redor.

Em 2025, seguimos firmes como um dos projetos literários independentes mais vibrantes do país. Já ultrapassamos a marca de 780 mil visualizações e mais de 14 mil downloads digitais, reafirmando o alcance e a relevância do nosso trabalho. Expandimos nossa presença física, com centenas de exemplares impressos circulando pelo Brasil, Portugal e outros países da Europa. Novos autores continuam a estreitar em nossas páginas, trazendo uma diversidade de vozes que transforma e enriquece cada edição. E celebramos um feito memorável: uma edição histórica com dezenas de autores reunidos, consolidando de vez nossa identidade como um espaço literário internacional, diverso e em constante ebulição criativa.



EDARTI: 2025000-08.
ISBN: 978-65-01-60383-4. 36ª EDIÇÃO

Agosto, 2025

Editor-Chefe

Ricardo Neto O. Mota

Revisão

Gabriel Mendes Amaral

Design Cromático e Diagramação

Thiago Freitas Pacheco

Concepção Estética e Perspectiva Temática

Ricardo Neto O. Mota

Ilustrações

Studio AR

STUDIO AUTORRETRATOS

(STUDIO AR)



Todos os direitos reservados.

POESIA

PROSA

ENSAIO

ARTIGOS



ME BANHEI DE MIM

E arde, Palavras que lavam minha face.

Gotejando minhas tantas miudezas, humanizando o que não tolero porque me vejo despida, inundada de tantas coisas, umas tem nome, outras tem sentir.

Mas com tanto ainda estou aqui.

Mergulho e fico, me falta o ar, estranhamente desejo lá ficar, em silêncio.

Como se na dor houvesse paz.

São costumes antigos me afogar, esquecer, dormentizando pra não ser.

A natureza de mim é grande demais, por isso fingir, é como goles a seco de uma bebida ruim.

Sem conclusão alguma só me levanto, instinto, impulso.

Certas horas sentir o Sol me parece razoável, alívios de pequenas proporções, mas de grandes impactos no morrer e renascer.

Ciclos de enlouquecer e sanar, saio de mim porque pra mim quero voltar, não assim como espera, mas assim como era, se me encontrar por aí, não me reconhecerá. Por quê? Não sei. Mas hoje, quis me olhar.

Nilda Rufino



Me chamo Nilda Rufino, tenho 40 Anos. Sou Mãe de Ana Clara, e considero esse meu maior feito, uma missão de amor infinito. Sou Católica, desde um período recente praticante. Formada em Letras, amo a Arte e suas vertentes, minha visão de mundo é ampla, vejo ou buco ver o belo no cotidiano, apesar dos pesares. Sou muito crítica, sobretudo comigo mesma. E escrever é meu lugar de paz liberdade e resiliência. Essa sou EU.



NUNCA FOMOS TÃO LIVRES!

Mulheres,

nunca fomos tão livres.

Livres para fazer o que quisermos

Livres para escolhermos um parceiro, ou para não ter um!

Livres para trabalhar no que escolhermos ou nos dedicamos a aprender

Livres para amar ou não amar

Livres para viajarmos sozinhas pelo mundo (exceto, ainda e infelizmente, a alguns lugares não recomendáveis)

Livres para irmos a um restaurante e jantar, sozinhas ou acompanhadas

Livres para ter ou não filhos

Usarmos a roupa que quisermos

E, livres, para menstruar ou não!

Porque será, então, que ainda nos submetemos

Nos submetemos a ter jornada dupla ou tripla

Nos submetemos a conviver com quem não nos agrada

Nos submetemos a trabalhos que não nos fazem felizes

Nos submetemos a preconceitos mil e a atitudes sexistas

Por que será que, a imagem de uma mulher desacompanhada em um restaurante ainda causa (em alguns idiotas) perplexidade?

Viajar sozinha ainda pode ser perigoso e temos que ter tantos cuidados

Porque, ainda, corremos o risco de ao assumirmos nossa sensibilidade feminina, perdermos terreno para os homens

Quantas gerações serão necessárias para uma real evolução da humanidade?

Quantas gerações de mães ainda educarão os seus filhos e até filhas numa visão inconscientemente machista

A igualdade não tem que nos tornar iguais em tudo

A igualdade deve ser o instrumento para nos tornarmos parte de tudo

Com liberdade de expressão, financeira, de vida e plenitude

Liberdade de alma, para vivermos nossa essência!

E, nossas escolhas!

Alda Freitas



Advogada atuante em Direito Previdenciário desde 2005. Nascida no interior de General Câmara/RS, morei na roça até os 18 anos. Trabalhei, juntamente, com os meus pais no plantio de fumo, milho e outros produtos agrícolas. Após, mudei para a cidade para fazer faculdade. Iniciei na psicologia e, posteriormente, mudei para o Direito, tendo me formado em 2003. Adoro viajar, experimentar sabores diferentes e novas culturas. Graduada em Direito pela Universidade Luterana do Brasil (2003). Especialista em Direito Processual Civil e Processual Constitucional pela Universidade Luterana do Brasil (2010); Especialista em Direito Previdenciário e Processo pela Univates (2014); Especialista em Direito Processual Civil: novo CPC, pela UNISC (2017); Especialista em Liderança e Coaching – Univates – 2020; PRACTITIONER - Formação em Programação Neurolinguística - Instituto Kaizen (2021); Curso de Extensão Liderança e PNL - Alcance e maestria da gestão - Univates (2022); Extensão universitária - Escrita Lucrativa – 2024. Redes sociais: @aldafreitasadvogada | <https://www.facebook.com/alda.freitas.35> | <https://www.linkedin.com/in/alda-freitas-b4b18977/>.

TENTATIVAS



Sempre soube,
mas não acreditava;
apostei e perdi.
Sempre soube,
mas nem tentava,
apenas desistia.
Tentava,
ia e voltava.
E nestas idas
e vindas,
me encontrei,
me reconectei,
me reconciliei
comigo mesma.
Porque sempre soube,
que poderia acreditar,
apostar e ganhar.
Sempre soube,
que todas as vezes
que eu desistisse,
teria um novo
recomeço,
um novo caminho,
um novo recorde,
um novo olhar,
um novo querer...
Sempre soube,
que eu jamais desistiria.

Bella Sarquiz



Bella Sarquiz, escritora e poetisa, palestrante motivacional, Gaúcha. Desde a adolescência, expressa sua sensibilidade e essência por meio de versos e palavras. Com vários textos, contos e poesias publicados em diversas Antologias e coletâneas, participando como coautora, já levou a sua poesia a vários eventos e publicou a sua obra, intitulada: Poesia da Alma. Graduada em Turismo e com Pós-Graduação em Comunicação; criadora e fundadora de “Mulheres em Transformação”, em suas Palestras, aborda sobre

a importância da valorização das mulheres e sua autoestima e amor próprio, além de abrir um novo olhar para o autoconhecimento e de procurar mostrar para a Sociedade de como as Mulheres são peças fundamentais. Faz parte da “Confraria dos escritores de Rolante/RS”; bem como da “Academia de Letras e Artes de Goiás- ALG, da “Academia de Letras e Artes do Rio Grande do Sul - ALARGS”, da Academia de”Academia de Letras e Artes do Rio de Janeiro - ALARJ”. “Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal - N.A.L.A.P”. Prêmio e Troféu 100 Melhores Poetas da língua portuguesa, na FLIP em Paraty; Prêmio Melhores Poetas de Paraty 2024; Prêmio Carioca de Excelência; Prêmio e Troféu Mulheres Fortalezas, recebido em Portugal (faz parte da I edição da Revista Mulheres Fortalezas); Personalidade do Ano em Portugal; Troféu Machado de Assis de excelência e inovação; Expo Poemas - Universidade de Português do Cairo-Egito. Instagram: escritorabellasarquiz



INSANIDADE

Caminhar com suas próprias pernas, tomar suas próprias decisões não é nada fácil...

Mas como saber o que é certo ou errado sem arriscar

Talvez tenha medo de tentar talvez não, talvez eu seja uma garota indecisa...

Menina-mulher que procura conquistar seus objetivos...

Talvez eu faça parte da insanidade do mundo, ou eu seja a própria insanidade...

Insanidade essa, que me mostra a verdade...

Da tristeza que as vezes me assombra, às gargalhadas estrondosas...

Do mal-humor ao bom humor, do estado de espírito inquieto, ansioso e ofegante...

À loucura de fazer atos impensáveis, à destreza de nada fazer...

Da alegria ao choro contínuo por qualquer motivo...

Das perguntas sem respostas, às respostas vazias, como se estivesse no abismo...

Onde grito por socorro e ouço meu próprio eco...

Loucura, loucura, me sinto só...

A escuridão está vindo e com ela a brisa leve que arrepia e me faz tremer...

Onde estou?! Não posso ver...

Mas espera, lá vem ela com todo seu encanto e magia...

Lá vem a lua brilhar e iluminar minha noite fria...

Ah! momentos insanos, talvez eu seja, apenas talvez...

Esse é um dos poucos momentos étlicos

Onde deixo o pensamento e a alma transcrever meus sentimentos...

Não é difícil me encontrar, nas entrelinhas da vida...

Só quem me conhece sabe.

Júlia Araceli Golfo Dorta



Sou natural de Foz do Iguaçu/PR, tenho 36 anos nasci no dia 14/02/1989. Sempre gostei muito de ler, minha paixão começou pelas cartas que meu pai havia escrito para minha mãe com dedicatórias, textos apaixonados e até mesmo músicas românticas de cantores que ele gostava, li e reli inúmeras vezes, passei então a ler livros de poesia e aos poucos foi surgindo minha inspiração, mas após a perda de minha mãe em 2010 esse encanto se perdeu por um bom tempo, a paixão pela literatura, poemas, a doçura das palavras ficaram adormecidas, mas aos poucos estou voltando a escrever. Atualmente resido em Gramado/RS trabalho como recepcionista em um hotel e sou encantada pelo meu local de trabalho, pois em cada canto tem um detalhe diferente o que remete muito à algo mais romântico e acolhedor. Tenho um curso técnico em Meio Ambiente, porém não atuo na área. Desta forma apresento minha poesia “Insanidade” como resultado desse processo criativo e completamente intuitivo, é o resultado de um movimento natural da minha vida e da minha forma de ser.



CALDEIRÃO DA EXISTÊNCIA

A insanidade faz morada no meu ser
A tempestade habita a minha mente
A liberdade enraizada em minha pele
Amanheço em meio aos escombros
Adormeço em meio aos rascunhos
Arrefeço em meio aos esboços
As cores ilustram as utopias de um escritor
As dores mascaram os anseios de um amador
As flores adornam as janelas de um sonhador
Vivencio a loucura em todos os seus pilares
Silencio a amargura em todos os seus patamares
Renuncio à cura em todos os seus andares
Coabitar em si mesmo é perplexo
Espelhar uma realidade desconexa
Devanear um caminho complexo
Os sentimentos borbulham no caldeirão da existência
Os momentos germinam no jardim da alma
Os alentos abrandam o mar da solidão
Somos sombras alheias ao âmago
Somos faces pintadas na ilusão
Somos projeções da nossa imensidão

Maria Fernanda Perri



Sou paulistana, 40 anos, nascida e criada em São Paulo, apaixonada por livros e filmes. Minha mãe e meu tio sempre me incentivaram a ler e escrever. Meu tio Klayton, escritor de poemas e contos, sempre será a minha grande inspiração para perseverar na leitura e escrita. Médica, estudante de direito, filha única, sobrinha, sou muitas coisas, dentre todas, posso ousar dizer que sou poeta. Instagram @mafeperrí.



A QUINTA HORA DO DIA: MEDITAÇÕES SOBRE A FUGA E A PERMANÊNCIA

Os dias que me antecedem
adquirem uma dimensão
que perturba meu corpo.
Uma ação exercida sobre ele
abala as estruturas
dos átomos agitados
que o compõem.

Os dias apertam meus órgãos,
alimentados por leituras das quais
tirei muito bom proveito.
Meu corpo só está vivo
porque a qualidade dos textos
que o alimentam é suficiente
para aguentar o peso da desordem
contida nas horas comuns.

Desordens vulgares são diluídas em água corrente.

[Nada que um bom banho não resolva].

Observo notáveis exemplos vividos
por quem se retirou da vida pública,

dedicando-se à leitura e meditação

[na prática, parece-lhes futilidade].

Todos ficaram bem.

Fugir às adversidades sociais

parece-me saudável.

É um fugir de si *para si mesmo*.

O *eu* contém um pouco de todos

e fugir desse todo, eventualmente,

para não precisar prestar contas a ninguém

do *porquê* e *se respiro* é uma espécie

de libertação ao espírito.

[Pensei em fazer isto na quinta hora do dia].

A presença do *outro* não me perturba,

meu caderno de notas está ali, à espera de mim,

virada do avesso, na companhia da caneta quase

tendenciosa que ainda me respeita.

As moléculas se agitam e começo

a necessária loucura que é fugir de mim

para dentro de um caderno pouco custoso,

mas que contém laços, traços e marcas

aleatórias compradas por justa causa.

[Pausa para o café].

Sigo para a Itália,
lugar onde vejo meu corpo,
agora em suspensão:

Un abito elegante
In Lombardia:
una camicia semplice,
il buon vino,
la pagina di un libro

Come è il percorso?
le consiglio
girare a sinistra,
girare a destra,
fermarsi,
discutere,
percepire i dettagli,
le disposizione delle piante.

Piccoli gesti.

Sto cominciando a Vivere.

Rosa Luizári



Rosa Luizári nasceu em São Paulo. É pedagoga formada pela UNESP e graduada em Letras-Português pelo Centro Universitário Claretiano. Autora dos livros *Sinopse do Corpo* (Helvétia Éditions, 2020), *Poemas para ler às oito da manhã* (2022) e *Escolhas inteligentes: um e-book pra te ensinar como ganhar mais a partir de seus investimentos* (2024). Rosa Luizári é professora de língua portuguesa na educação de jovens e adultos e no ensino fundamental. Como acadêmica da ALERC-SP, prefaciou *Amor Pálido*, livro de poemas de Lucas Plancke. É membro do Conselho Editorial da ALERC-SP.



NANY PEOPLE: PRESSÁGIO DE ALEGRIA E GRANDES ENSINAMENTOS

És inspiração para mim,
enquanto para outros,
pode ser transgressão.

O som do seu leque,
é presságio
de muitos ensinamentos
e risadas.

Nem mesmo os versos mais bem escritos,
conseguem descrever,
a pessoa incrível
e especial que és.

Você é brilho,
alegria,
determinação.

É a realização
dos mais belos sonhos.

És a nossa amada Cinderela brasileira
e mineira.

Sorriso cativante,
brilho no olhar.
Nascida em Machado,
vivida em Serrania,
florescida em Poços de Caldas,
mas foi em São Paulo
que ergueu sua morada-luz,
onde nos ensina, todos os dias,
a nunca parar de sonhar.

Laila Angelica Moraes



Nasceu em Votuporanga-SP. Graduada em Letras: Português/Espanhol e Pedagogia na Unifev (Centro Universitário de Votuporanga) e História na UniCV (Centro Universitário Cidade Verde), cursando Letras: Português e Inglês na UniCV. Professora Especialista, Pedagoga, Pesquisadora, Revisora e Escritora. Tem textos publicados nas Revistas Mallarmargens, Ruído Manifesto, Sucuru, Autorretratos, Revista Eletrônica de Pesquisa da UNIRP- Universitas e Revista Unifev: Ciência & Tecnologia. Coautora em diversas Antologias. Autora do livro de poesias “Poememórias” (2021) pela Editora Expressividade. Acadêmica Efetiva da Sucursal da ACILBRAS em Votuporanga, Membro afiliada da ABRESC (Academia Brasileira de Escritores), Acadêmica Correspondente da Nalap (Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal), Acadêmica da ALIPE (Academia Literária Internacional de Poetas e Escritores) e da AFGL (Academia Feminina Global de Letras).



O POEMA QUE TE ESPEROU EM VÃO

Não escrevi com pressa —
foi um poema que nasceu devagar,
como se cada palavra precisasse colher sua própria coragem
antes de desabrochar no papel.

Era noite... mas não qualquer noite.
Era uma daquelas em que a saudade é tão densa
que até o tempo hesita em seguir.
Minhas mãos tremiam sob o peso
de um nome que ainda não sabia pronunciar,
mas que meu coração já grafava em batimentos.

Tu não estavas nele — ainda.
Mas já havia tua silhueta no horizonte das rimas.
A metáfora dançava vestida de ti,
embora o verso negasse saber teu nome.

Eu o deixei livre, como quem semeia um segredo no vento.
E ele te encontrou.
Não sei como, não sei quando,
mas ao tocar teus olhos,
tornou-se teu abrigo.

Tu o leste como quem acolhe uma dor antiga,

sem querer curá-la — só compreendê-la.

E naquele breve encontro,

meus versos aprenderam teu ritmo.

Minha poesia aprendeu tua ausência.

Ficou ali, entre teus dedos, por segundos eternos,

e eu soube:

o poema não me pertencia mais.

Tu amaste o reflexo do que sentiste,

não o espelho que o ofereceu.

E quando partiste,

levaste a parte mais viva do que escrevi.

Agora ele repousa em minha gaveta,

como uma joia rara que ninguém mais procura.

Mas ainda cintila,

como uma constelação que brilha em nome de um sol que se foi.

E quando me perguntam por que escrevo,

por que insisto em forjar versos que sangram,

respondo sem sobrar voz:

Porque houve um poema que soube te amar...

mesmo quando você não ficou.

Luzia Couto



Nascida em Conceição de Ipanema, Minas Gerais, Luzia Couto iniciou sua trajetória literária em 2015. Desde então, publicou oito livros, entre romances e poesia, e em 2024 expandiu sua atuação para a literatura infantil, com quatro livros já lançados nesse gênero. A autora também participou de mais de 40 antologias poéticas, consolidando-se como uma voz ativa na cena literária. Atualmente, está escrevendo um romance policial em parceria. Luzia é encontrada no Facebook em Poesia Romântica Erótica e no grupo Luzia Couto e Amigos, além do Instagram, como @poetisaLuziaCoutoRodrigues. Para contato direto, seu número é (33) 98464-3513.



DOMINGO

Os domingos sempre voltam
Como sinos badalando
Na praça da matriz
Os domingos tem cheiro de pombo
Milho e praça
Como mendigos
Os domingos
Parecem morar nas velhas fontes
Cujas únicas águas descem do céu
Os domingo tem formato de pipas
E bolhas nos pés
Os domingos sempre dormem
Na hora da missa
Quando chove
Os domingos
Deixam de ser domingo
Viram rede ou cadeira de balanço
Moribundos os domingos comem
Pizza e algodão-doce
E quando os domingos morrem
Deixam suas pegadas de melancolia
Os domingos só são alegres nas
Manhãs de segunda-feira
Que como mãe os embalam
Até às noites de sexta-feira
(Domingos de parto prematuro)

No domingo nasce e morre a semana
No domingo é que a tristeza fica mais triste
Pois a palavra alegria não cabe nas horas do domingo:
O nome disso é engano
Já aprendi que o domingo só é domingo
Quando o galo chama pela segunda-feira.

Thiego Milério



Nascido em Manaus-AM, em 1981, formado em Medicina pela UFAM, escreve poemas por acreditar no poder da Arte e da Literatura para um mundo mais humano e justo.



MR. PERFECT

So, I met Mr. Perfect
Reading an astonishing book at the park
He was classy and stylish,
And when he saw me, he smiled.

So, I look at Mr. Perfect
I really wanted to know if
He was that perfect,
Indeed.

The fact is quite curious
'Cause Mr. Perfect is adorable
He talks to the pets and the plants,
And he shakes hands and says hello to everyone.

- Everybody loves Mr. Perfect -

One day, I saw Mr. Perfect
Playing chess with old people in the square
He was so respectful, empathetic and lovable!
Folks said every Sunday before church time, he was there.

Then, I asked Mr. Perfect
All about him, inch by inch,
For I actually needed to know
What makes him so perfect.

Now I see...

He is a man with a purpose
Who knows exactly who he is
And every little thing he wants.

- Everybody loves Mr. Perfect -

He works alone
His own business
His original ideas
His unique projects.

He is just
Who he is:
- Himself -
And that's all.

Honest.
Reliable.
Confident.
Good-tempered.

- Everybody loves Mr. Perfect -

Such a good soul!
No inconveniences
No bad manners
No vices.

Such a good man!
The portrait of a gentleman
Smooth and open-hearted,
A mastermind and a peacekeeper.

Well... I humbly confess,
I would be truly lucky
If someday I could meet Mr. Perfect
Out of my dreams...

- I love Mr. Perfect -

Clarissa Machado



Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)". Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL) e membro do Grupo Literário Fonte das Letras. **Instagram:** @artesliterariascriativas e @clarissaxmachado.



A POESIA,

Escrever, para mim é poesia;
É um instante rápido que cresce...
É uma saída que deságua e frutifica;
Sensibilidade à flor da pele;
E numa hora de descuido, dançam as palavras pelo mundo;
É um momento que faz brilhar a alma e o rosto;
A poesia me esvazia e acaricia;
É também terapia;
Os pensamentos se soltam e se organizam;
Sem desgosto, só magia;
Flui da imaginação e até da distração;
Ela chegou, me arrebatou e me enriqueceu.
Sorriu para mim a poesia,
Quem diria!

Katharinne de Albuquerque
Alves Beividas



Advogada com atuação no Brasil e em Portugal. Mestranda na Universidade de Lisboa (ULisboa), onde aprofunda sua formação na tradição jurídica europeia. Atualmente reside em Lisboa. Em apenas 1 ano e 7 meses, conheceu 17 países, colecionando experiências culturais e humanas que alimentam sua visão de mundo. Maratonista e apaixonada por esportes, encontra na corrida o ritmo da vida — e na poesia, o espaço onde repousa e se reinventa. Quando o corpo silencia, as palavras correm: é na escrita que ela se esvazia e floresce. @katharinnealbuquerquebeividas.



A SENTENÇA DO OLHAR

Não foi da coruja o agouro silente,
Nem das sombras noturnas em lúgubre voo,
Mas sim meu peito, fremente em pranto,
Sentiu a perda antes de ser assim.
A alma inquieta, em névoa se envolvia,
Tremendo ao toque do presságio mudo.
Nos véus do desejo, ardiam segredos,
Antes que o mundo descobrisse tudo.
Paixão vedada, em rubros enredos,
Se escondia em rigorosa lei,
Feita de olhares, de desejo ardente.
Um sim calado, latente.
Bordado no avesso do dia,
Vivíamos gestos, olhares, reticências...
A lua sabia. O vento talvez.
Nos encontrávamos no silêncio da alma e do coração.
Até que um olhar frio e severo,
Repousou sobre nós, feito sentença calada,
A paixão velada ruiu sem clemência,
Não houve carta, nem abraço, nem voz.
O beijo - aquele prometido - não veio.
Tudo findou sem forma, sem despedida,
Como se o amor fosse delito calado.
A lua chorou, vestida de nós,
Fiquei com o tempo, esse juiz infinito,
Com o peito em ruínas e o adeus sufocado.

Marlene Krupa



Marlene Krupa do Rosário é uma apaixonada pela arte da palavra, dedicando sua vida à poesia como expressão de sentimentos, memórias e reflexões sobre a vida. Reside na Cidade de Araucária/PR. Encontrou na escrita um refúgio e uma forma de dialogar com o mundo, transformando emoções em versos que tocam a alma. Atuante no cenário literário, participa do grupo de Poetas de Araucária, “Arte em movimento”, onde compartilha sua sensibilidade com outros poetas e leitores. Suas obras exploram temas como: amor, natureza, existencialismo, sociedade, sempre com uma linguagem cativante e envolvente. Além de poetisa, também é professora, fotógrafa, pintora de quadros, e acredita no poder da literatura para inspirar e transformar vidas. Seu trabalho já foi publicado em livros, (antologias), revistas, jornais, levando sua poesia a diferentes públicos e espaços. Com uma escrita delicada e intensa, Marlene segue tecendo versos que ecoam no coração de seus leitores, deixando sua marca no universo da poesia.



SUSPIRO DE UM PRESSÁGIO

Escrevo intuitivamente, com a leveza de um suspiro de algodão doce, presságio que flutua levemente.

As palavras fluem cristalinas.

Adornadas de pó de diamante, cintilantes e apaixonadas.

Eu e o branco puro da página, numa conexão divina.

Uma pureza que ousadamente visto de alma e beleza.

Adorno com o brilho das estrelas e uma lua de enigmas.

O coração acompanha cada impulso, cada insight, cada detalhe com o ritmo emotivo da sua melodia de missão.

Eu e os pontos mágicos que transformam a folha sem vida num mundo de encantos, vivências, sentimentos, alegrias e tristezas.

Em cada momento um cometa incendeia.

A razão tomba, reina a emoção.

Dou-me por inteiro, sem máscara, sem filtro, sem rodeio.

Ali me encontro e me perco em devaneios, em mundos encantados, em fantasias aladas e realidades abaladas.

Metáforas bonitas, fascinantes, atónitas.

Sou Deusa, fada, musa.

Metamorfose, transformação, apoteose.

Eu e as minhas palavras, as asas que me levam para lá das amarras.

Escrevo com alma, com paixão e arrebatamento o que me espelha a alma, o que sou, o que me move, o que me traz elevação, o que desejo ver neste universo evo.

Plenitude de um ser apaixonado pelo brilho sedutor da palavra amor.

Porque numa folha posso ser tudo, partindo apenas do presságio de um suspiro.

Anabela Vaz



Anabela da Cunha Vaz nasceu a 15 de outubro de 1971, na cidade de Braga, Portugal. O gosto pela escrita surge desde a infância. A sua imaginação levou-a sempre a conceder vida às páginas em branco, com a magia das suas palavras. Acredita no poder, no impacto e na magistralidade do mundo da escrita. É mulher de palavras, ancorada 21 anos no mundo dos números. No ano de 2020, adormece a razão, permite que impere a paixão. Encerra o seu capítulo de bancária, faz das suas palavras as asas que a levam de encontro aos seus sonhos, à sua liberdade, à sua felicidade. É autora do romance *Neblina* (2006) e do conto *Benedita* (2021), inspirada pela doçura e encanto da sua neta Benedita. Em 2022, com toda a turbulência, guerra e inquietações no mundo, escreveu *O Mundo precisa de fadas*. Em 2023, volta-se, de novo, para os adultos e escreveu a obra: *O que desejas ser depois da meia noite?* Em 2024, seduzida pela beleza e mistério do mar, escreve a obra *Maria do Mar, a sereia que sonhava voar*.



POR CAMINHOS

Vai sozinha, sem destino certo,
Pelo trilho bordado de flores,
O vestido leve, o passo desperto,
Esconde segredos e dores.

As pétalas caem como promessas,
O tempo esquece de passar,
E o caminho entre as pressas,
Se desfaz só para ela andar.

As árvores murmuram em flor,
E o vento sussurra promessas antigas.
Há paz naquele silêncio maior,
Do que todas as vozes perdidas.

Seguirá sempre, entre cores e brisa,
Até que o trilho se desfaça no ar.
Há caminhos que a alma precisa,
Mesmo sem saber onde vão dar.

Vânia Sofia Duarte Santos



Vânia Sofia Duarte Santos é uma escritora portuguesa, nascida a 20 de Dezembro de 1989, em Santiago do Cacém, Portugal. Desde 2021 que publica livros de poesia e histórias infantojuvenis que transmitem percepções reflexivas e com mensagens positivas. A escrita de Vânia explora temas de resiliência, esperança, autodescoberta e a beleza encontrada no quotidiano, proporcionando um espaço para os leitores pararem, refletirem e descobrirem positividade mesmo no meio dos desafios da vida. Vânia escreve com o objetivo de conectar corações e mentes, pois acredita que as palavras podem curar e transformar. Instagram: @vanisofisantos.



QUANDO O SILÊNCIO ME AVISOU

(monólogo ficcional em primeira pessoa)

Havia um silêncio específico que me visitava sempre antes de alguma coisa acontecer.

Não era um vazio: era uma presença.

Como se o ar ficasse mais denso.

Como se as palavras se recolhessem para que algo maior passasse por entre elas.

Eu não sabia nomear.

Nunca soube.

Apenas sentia.

Lembro-me de estar parada, certa vez, diante da janela.

O céu era um cinza sem vontade.

As pessoas passavam lá embaixo como figuras borradas, sem peso.

Eu deveria estar pensando em alguma coisa útil:

O horário, a próxima tarefa, o almoço que eu nunca queria preparar.

Eu só conseguia ouvir aquele silêncio.

Ele não vinha de fora.

Era dentro que ele gritava.

Agora penso que talvez já soubesse.
Não o que viria, exatamente
Não em forma nem em tempo,
Mas sabia.

Como se algo dentro de mim tivesse atravessado o futuro antes de mim
mesma
E deixado rastros que eu só podia seguir com o corpo,
Não com a razão.

Tentei ignorar.
Sempre tentei.

Eu me dizia:
É só um dia estranho.
É só uma inquietação sem causa.
É só...

Mas não era só.
Era um tipo de memória ainda não vivida.
Uma lembrança de algo que ainda não tinha acontecido.

Isso faz sentido? Talvez não.
A vida nunca me pediu coerência.
Só atenção.

Foi só depois, muito depois, que me dei conta
De que todos os momentos decisivos da minha vida
Haviam começado assim:

Com um silêncio.

Um silêncio que não queria me proteger,
Mas me revelar.

Eu é que não sabia escutar.

Às vezes, ele vinha de madrugada.
Eu acordava com uma espécie de silêncio molhado,
Como se o quarto estivesse cheio de névoa.

Nenhum som.
Nem da rua.
Nem de mim.

Só aquela coisa parada.
Uma espera imóvel.

Naquela noite, em especial,
O silêncio me acordou.

Eu me lembro do barulho do relógio:
Só ele ousava.

E me sentei na cama, sem saber por quê.
A casa parecia a mesma.
O mundo também.
Algo já se tinha partido.

Era invisível.

Como se o tempo tivesse feito uma curva
E eu estivesse olhando, sem saber,
Para o fim de uma coisa
Que ainda não tinha começado.

Sonhei com ele antes que ele me deixasse.
Isso eu nunca disse a ninguém.

No sonho, ele me olhava com uma calma estranha,
Como quem já foi embora,
Mas ainda está segurando a porta.

E dizia:
“Você já sabia.”

Eu acordava com a garganta seca,
Como se tivesse tentado gritar dentro da água.

No dia seguinte, ele ainda estava lá.
Preparou o café.
E me beijou a testa.
Fez uma piada qualquer.

E eu respondi, como sempre.

Algo em mim já se tinha recolhido.

Não por medo.
Por reconhecimento.

O presságio não dói quando chega.
Ele dói antes,
Quando a gente ainda luta contra o que já entendeu.

Freud talvez dissesse que eu reprimi.
Jung diria que era minha sombra.
Hegel? Que era o espírito, finalmente, se vendo.

Eu não pensei em nada disso.
Só ouvi aquele velho silêncio me abraçando pelas costas.

E então ele foi embora.
Dois dias depois.

Com malas que eu não vi fazer.
Com palavras que ele treinou no espelho.
E uma expressão de alívio.

E eu...?
Eu me mantive inteira.

Porque, de algum modo,
Eu já me tinha despedido antes.

Talvez meses antes.
Talvez anos.

Desde então, aprendi a não discutir com o silêncio.

Ele continua vindo.

Às vezes, na hora do banho,

Quando a água escorre

E o mundo lá fora desaparece.

Outras, no meio de uma frase que eu nunca termino.

Ele se senta comigo.

Não exige nada.

Só me olha.

E, por algum motivo,

Eu entendo.

Não como antes,

Não com medo,

Não com resistência.

Agora sei que ele não chega para me assustar.

Chega para me lembrar do que ainda não sei que sei.

Talvez seja isso o que chamam de razão,

Ou espírito,

Ou inconsciente,

Essa parte em mim

Que percorre os corredores do tempo
Com os olhos fechados,
Mas ouve tudo.

Hoje, quando o silêncio me toca o ombro,
Eu me inclino.

Escuto.

Aceito não entender de imediato.

Porque sei que, um dia,
A cena vai acontecer.
A palavra vai surgir.
O gesto vai se repetir.

E eu vou reconhecer.

Não porque vi antes,

Mas porque já era meu,
E apenas me esperava.

Sheila Dunoginesse



Sheila Dunoginessse nasceu na Bahia e habita os bastidores do serviço público, onde observa o silêncio entre as palavras e os gestos. Escreve como quem recolhe cacos de espelho: para se ver melhor e, talvez, para refletir outros olhares.



PRECIOSIDADES DA MINHA VIDA

Boooooommmmm diaaa, minhas Preciosidades!

É assim que começo tantos dias,

com o coração em festa,

agradecendo à vida por vocês:

meu **paizinho Jaime**, minha **mãezinha Margarida**,

meus primeiros lares,

meus eternos portos seguros.

Vocês foram sol, caninha-de-açúcar e vento no rosto.

Foram bifeinhos no colo cansado,

balinhas de luz escondidas no bolso da farda,

foram rede estendida na sombra da árvore no clube de campo,

com barracas improvisadas e infância em festa.

Mãezinha,

toda vez que me esperou à noite na rodovia,

que lavou as louças para eu estudar,

que enfrentou o mundo com coragem

para me ensinar a ser mulher,

eu cresci um pouco mais.

Sua força me moldou.

E seu colo era mais doce que qualquer leite condensado

que eu tomava quando enferma da hepatite.

Seu pão de ló simples, com vela comum,

foi o maior banquete de festa e de amor que já tive.

Paizinho,

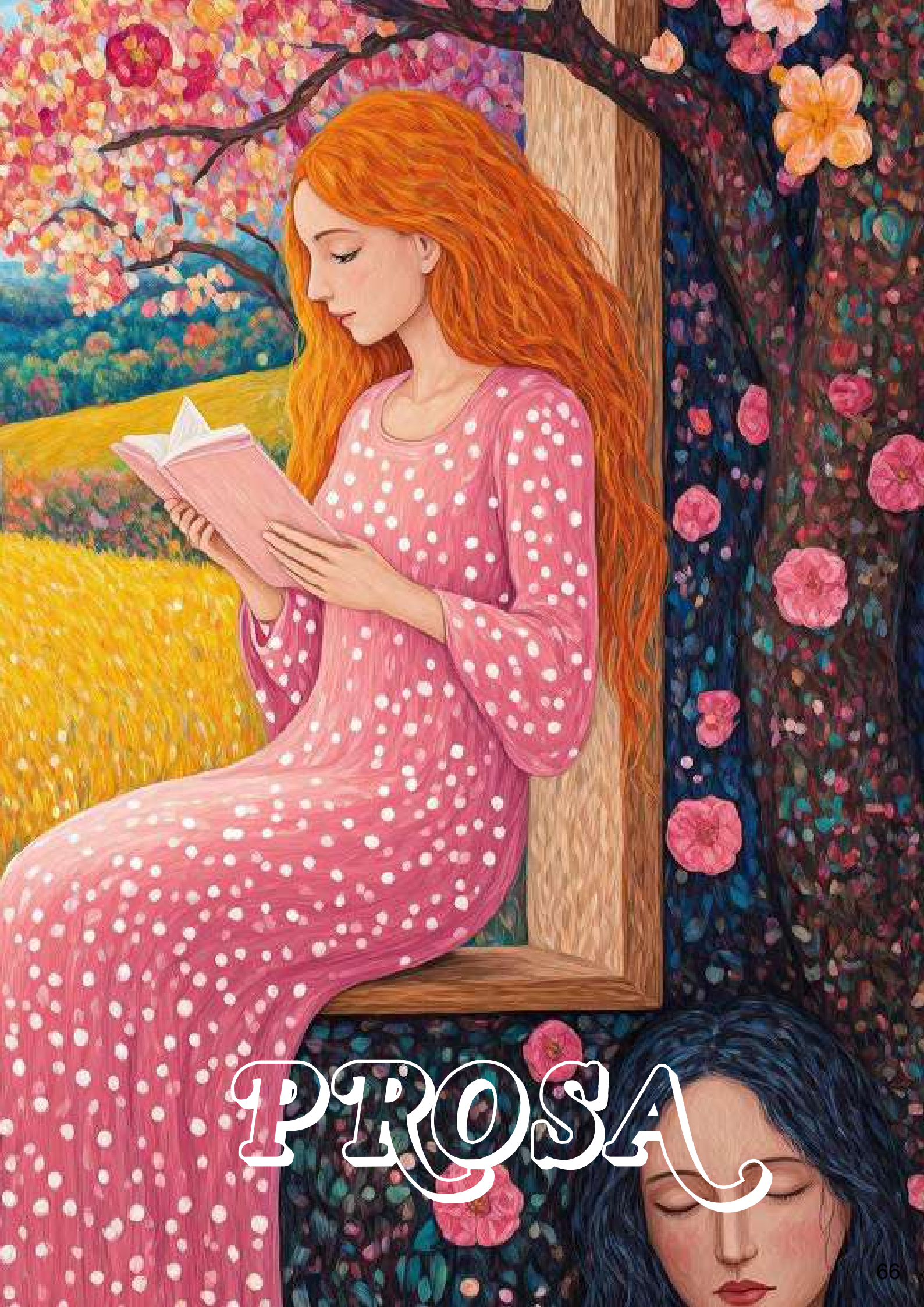
você me ensinou a correr contra o tempo,

a cuidar dos cachorros como seres sagrados,
a pintar os cantinhos da casa e da vida,
a ter orgulho do nome *Guerrinha*
e do coração gigante que herdei do Senhor.
Quantas vezes me senti ranheta,
teimosa, exagerada...
mas era só excesso de amor transbordando,
tentando alcançar vocês.
E, se em algum momento,
minhas palavras ou gestos
feriram a pele delicada do passado,
eu lhes peço perdão
com a humildade de quem sabe que
vocês foram o meu primeiro e **maior amor**.
Hoje, escrevo para que o tempo me leia.
Para que o mundo saiba que a Eliana, aqui,
é feita de vocês.
Feita dos paninhos, do coxim do fusca azul, das balanças no corredor,
das tabuadas cantadas em alto e bom som.
Dos conselhos do policial rodoviário
e da sabedoria da mulher que encerava o chão de joelhos,
mas nunca se curvava diante da vida.
Amo vocês hoje, amanhã e para sempre.
E, mesmo que um dia o tempo nos leve,
nesta página da revista
vocês estarão eternizados,
como são no meu coração:
Minhas Preciosidades.

Eliana Guerra



Eliana Guerra é historiadora da arte, aposentada, brasileira, atualmente doutoranda em História da Arte e Musicologia pela Universidad de Salamanca (Espanha). Possui mestrado e graduação em História da Arte pela mesma instituição. Sua pesquisa atual se debruça sobre as representações do Sertão nordestino no cinema brasileiro, com enfoque interdisciplinar nos estudos culturais, pós-coloniais e cinematográficos. Tem interesse especial na articulação entre imagem, território e identidade no contexto audiovisual latino-americano. E-mails: elianaguerra@usal.es | elianaguerra@uol.com.br.



PROSA



EU ERA O SONHO DOS OUTROS!

Eu era o sonho dos outros e nunca percebi que era. Quando o espetáculo da minha vida acabou e as luzes se apagaram eu não tinha mais plateia, as cortinas se fecharam e eu morri ali.

Nas profundezas da minha sepultura eu me vi sozinha, com medo, com frio, sem rumo.

À medida que meu corpo caía, eu encontrava a cada palmo de terra uma mulher da minha linhagem. Elas todas viviam ali, naquela raiz de Bábá, que entrelaçava a vida de todas nós.

Naquele momento, caindo em queda livre, eu entendi que eu era o sonho de todas elas, mas não sabia ser o meu próprio sonho.

Na queda, a primeira que eu encontrei foi minha mãe, recém chegada, repousando, finalmente, em paz.

Quando as cortinas da vida dela se fecharam e seu corpo afundou no buraco da inação, uma parte de mim foi junto... Como Alice, eu parti pro mundo das Maravilhas dela e também morri. Ao menos uma parte de mim.

No nosso afundar, ela sussurrou nos meus ouvidos que agora, enfim, estava livre.

Entendi, naquele renascer, que ela também foi o sonho dos outros e que o peso de carregar um milhão de sonhos foi árduo. Trouxe pra ela uma corcunda que mantinha em segredo. Era vergonhosa demais. Monstruosa!

Embarcamos em Orum, recebidas por Ikú, e ali fizemos nossa última jornada juntas.

Sussurrando como um oráculo, mamãe me mostrou a nossa linha da vida. Dividiu, de forma inédita, o peso de ter uma vida sonhada para os outros, jamais para si.

Encontramos, nesse caminhar, minha abuela. Linda e serena como nunca pode ser em vida. Suave como a avó que poucas vezes presenciei. De braços abertos nos recebendo. Cantarolando como cantarolava no dia a dia, ela nos ***disse "Aqui, encontramos nossa paz. Aqui seremos apenas mulheres. Nada mais!"***.

Entendi, naquele momento, que ser o sonho uma da outra custou a todas elas uma vida inteira de armadura, fel, medo travestido de força, trevas ao invés do sol.

A cada metro que eu caia, de mãos dadas com mamãe, eu entendia o quão profunda e milenar era aquela raiz que nos interligava.

A certo ponto, mamãe sorriu e se despediu. Disse que aquele era nosso fim, mas também os nossos começos. Me guiou de volta à superfície. Resisti, não queria deixá-la. Não sabia como seguir sem ela e sem o seu sonho pra mim. Chorei como quando era criança e esperneeí.

Mamãe sorriu e me disse para seguir, agora, sozinha! ***"Seja seu próprio sonho e permita que a vida que nascer de ti também tenha um sonho pra chamar de seu!"***, disse ela.

Acordei, dias depois, com 30 mulheres a menos na minha balança. A minha corcunda, que foi crescendo ao longo dos anos, arqueada pelo peso de todas elas, enfim, sumiu.

Lá fora o vento assobiava e era familiar. Abuela veio me despertar. Um cavalo branco me aguardava no quintal de casa... A herança delas para mim.

Montada nele e cavalgando pela minha estrada – agora só minha -, eu entendi que ser o meu próprio sonho era, em parte, também o sonho delas. Ser, nesta nova estrada, uma mulher salva por si mesma, era, também, um grito de liberdade para a cova de mulheres que eu encontrei na minha morte.

Voltei pra mim e deixei meu cavalo-herança no quintal de casa. Ele, agora, era meu e eu dele.

Mamãe soprou nos meus ouvidos que ele seria a minha herança. Para mim e para a vida que viesse de mim.

Essa vida viria pronta, me confidenciou! Viria munida dos seus próprios sonhos, medos e histórias... Com o cavalo-herança para mostrar o caminho a frente e com o meu amor frágil, emotivo e doce para lembrar o caminho de casa.

Agora, enfim, a cova de mulheres deixou de ser sombria e virou calmaria.

Da próxima vez, todas virão sem o peso de ser o sonho dos outros.

Amanda Alves



Olá, me chamo Amanda Alves, sou capricorniana, filha de oxum, gaúcha, nascida em Porto Alegre/RS. Me considero uma mulher em pleno processo de transmutação. Eu entendi, através da dor, que era preciso reescrever a minha narrativa e revisitar os lugares por onde eu chorei, sorrindo, vivendo e sendo feliz, desta vez! Curiosa desde sempre, a escrita se apresentou a mim por meio das histórias que colecionava dos avós, das tias e dos pais. Sem saber, ali já nascia uma escritora da vida - ao menos da minha vida -. Cursei Letras pela PUCRS e lá entendi, em definitivo, que a minha versão criança que esperava ansiosa pelas crônicas da Martha Medeiros sempre soube que as palavras seriam nossa fonte de cura. De 2018 pra cá publiquei alguns textos em portais como o Geledés e no blog Feminino em Debate. A escrita despretensiosa de mim e do que colecionei até aqui tem curado a mim e a minha linhagem. Como diz Ryane Leão **"(...) através da palavra vou destruir o que quase me matou"**.



O VIGÁRIO DO RIACHO

Nas águas salobras do riacho que atravessa aquele povoado, conhecido como o riacho do Vigário, muitas pessoas relatam que recebem muitas graças, tocando nas águas do riacho e fazendo uma prece e um pedido ao Vigário do Riacho.

Em determinada época do ano, os moradores do povoado, colocam muitas armadilhas para pegar os gigantes Pitús, famosos naquela região, onde o riacho é cercado por rochas e mata dos dois lados.

E é nesse trecho que muitas coisas são vistas, o mais famoso deles é um Vigário, ele aparece todo vestido de preto, um chapéu de abas largas, preto também, e carrega uma pasta na mão, assustando os pescadores de Pitús.

Um fato que corre até os dias de hoje, de boca a boca, é que tinha um senhor muito sério, morador respeitável no povoado, ele jamais contaria qualquer história, que não fosse verdadeira. Sua história: ele saiu de casa á tardinha, levando suas armadilhas para capturar os famosos PITÚS, essas armadilhas deveriam ser colhidas na madrugada, era sempre colocadas nas luas cheias que iluminava as matas e as estradas, no outro dia, por volta das quatro e meia da manhã, lá estava ele na beira do riacho, a lua iluminando tudo, como era necessidade ele portava uma espingarda, um facão e os seus apetrechos de pesca, dentro do seu bornal.

Colocou no chão os seus pertences, se preparava para entrar no riacho para arrastar a primeira armadilha, quando ouviu um barulho estranho vindo da mata, rapidamente voltou e pegou a sua espingarda e se pôs em posição, esperando ver o animal que estava vindo, ali costumava aparecer muitos porcos espinho, de repente surgiu na margem do riacho em Vigário, vestido com uma batina preta, um chapéu preto e uma maleta

preta da mão. A princípio o senhor Porfírio ficou chocado e pensou: meu Deus! O que está fazendo um Vigário aqui á essa hora?

Aqui no povoado nem Vigário tem! O que significa isso? De onde está vindo esse Vigário meu Deus? Ficou só olhando não teve coragem de falar nada, o Vigário só olhou pra ele, colocou a maleta no chão, tirou o chapéu, deu até pra ver a coroinha no alto da cabeça dele, calmamente abriu a batinha, retirou e colocou no chão, e atirou-se dentro do riacho, mergulhando e logo se levantou já no meio do riacho.

Senhor Porfírio largou a espingarda e tudo que levou e saiu em disparada, chegou a sua casa ofegante, correu e foi se deitar ao lado da esposa tremendo, ela acordou e perguntou: já voltou? Foi rápido hoje, você está gelado e tremendo, o que foi?

Nada não, fica tranquila, respondeu ele.

Tempos depois quando se levantaram a esposa pediu pra ele trazer os PITÚS para que ela cuidasse, ele respondeu:

Eu vou pedir para o meu irmão ir buscar, eu senti muitas câibras e voltei, não arrastei as armadilhas, vou lá falar com ele.

Seu Porfírio foi á casa do irmão que morava próximo e pediu que ele fosse buscar sua espingarda e seu material deixado lá, e arrastar as armadilhas. O irmão achou estranho, mas se dispôs ir até lá, retirar as armadilhas e trazer os pertences dele. Chamou o filho mais velho para ajudá-lo e seguiram. Chegando lá arrastaram as armadilhas tinha muitos Pitús, estava tudo normal, pegou as coisas dele e trouxe de volta, ele agradeceu e dividiram os Pitús.

O irmão comentou, se você quiser ir amanhã, vou com você, olha só que belezas esses PITÚS, e tem muitos pelo visto.

Ele respondeu: acho que não vou não, temos bastantes Pitús, dar pra gente comer uns três dias. Muito obrigado mesmo.

Já fazia muitos dias, o irmão foi algumas vezes e o convidava porem, ele sempre inventava uma história para não ir. Até a esposa estava sem entender, ele gostava tanto dessa pescaria, não estava mais querendo ir, ela estava cismada, o que será que aconteceu?

Certo dia, ele chamou o irmão e disse que tinha algo para falar com ele, sentaram embaixo da uma jaqueira ao lado de sua casa, olha irmão o que vou te falar, não é criação da minha mente não, foi real o que aconteceu comigo, aquele dia que larguei tudo na beira do riacho, teve um motivo que só agora estou tendo coragem para te falar, e relatou tudo o que viu naquele dia.

O irmão ficou em silêncio, minutos depois respondeu: pois eu, já ouvi essa história da boca do meu cunhado, como ele vive mais bêbado que sóbrio, pensei que fosse os fantasmas da cachaça, ele me contou que foi colocar as armadilhas para os Pitús, já estava escurecendo ai, escutou umas pisadas vindo da mata, ele parou pra ver o que era e deu de cara com um Vigário, todo vestido de preto que se sentou no chão pegou um livro e começou a ler, ai ele perguntou o senhor esta perdido padre? Posso te ajudar?

Diz ele que o padre se levantou, e desapareceu na frente dele, e que ele saiu correndo e tropeçando porque estava escuro e ele estava meio tonto. Contou essa história lá em casa, mas ninguém acreditou e disseram que era o efeito da cachaça, que era bom ele não falar pra ninguém porque ia virar chacota de família, “Zé Bebinho” não tinha noção do que falava.

Agora você me fala isso, eu estou arrepiado, então, ele viu mesmo! Será uma alma penada? Eu acho que é bom a gente ir falar com dona Rosa, ela é uma benzedeira de mão cheia, e muita entendida dessas coisas, o que você acha?

Boa ideia, vamos lá agora?

Vamos, respondeu o senhor Porfírio.

Pediram licença e entraram na casa da benzedeira que perguntou: qual dos dois veio para ser rezado, ou serão os dois?

Nós precisamos de sua ajuda, e contaram pra ela as duas histórias com o Vigário.

Ela fechou os olhos e parecia falar com o invisível, logo falou: é o espírito de um padre que morreu no meio da mata, ele saiu como muitos faziam, atrás de encontrar índios e ouro, onde tinha índios naqueles tempos, tinha ouro também, o coitado se perdeu na mata e acabou morrendo, por uma picada de cobra, ele continua perdido, ainda não consegue achar a saída, nós precisamos ajudá-lo, vocês me ajudam a chegar até lá, e eu vou rezar fazendo a chamada dele e conscientizá-lo que está morto e que deve seguir para o reino dos mortos.

Quem me leva até lá?

Senhor Porfírio falou: eu não tenho coragem de ir! Não quero mais ver o Vigário, acho que morro ali mesmo. O outro também disse que não tinha coragem de acompanhá-la.

Dona Rosa então falou: chame o seu cunhado, ele terá coragem de me acompanhar e não vou sozinha pelo fato de ser no meio da mata, na beira de um riacho, e eu enxergo muito pouco, ainda mais que tem que ser feito depois da hora da Ave Maria.

O cunhado foi chamado, contou sua história com o Vigário e aceitou de boa em acompanhá-la, e ainda disse: tomara que ele apareça, eu até gostei de vê-lo!

Dona Rosa, preparou tudo e pediu segredo a ele, Zé Bebinho, não fazia mal a ninguém, não perturbava ninguém, ganhava os seus trocados fazendo um pequeno serviço aqui e ali, só fazia mal a ele mesmo.

Dona Rosa, explicou a ele, que ninguém podia ficar sabendo para não atrapalhar o seu ritual.

Chegaram ao local onde aconteceram as aparições do Vigário, Zé Bebinho com sua garrafa de pinga na mão, disse para dona Rosa que era por causa dos mosquitos, era só passar um pouco nos braços e eles fugiam dona Rosa até sorriu e disse pra ele, Deus vai te abençoar pela caridade de hoje, ele respondeu: amém!

Dona Rosa acendeu uma vela e começou a rezar em determinado ponto da oração ela disse em voz alta: Meu amado irmão, eu sei que o senhor está ai, em nome de Jesus me ouve, estamos aqui para ajudá-lo!

Zé Bebinho, já tinha tomado toda garrafa de pinga e se levantou valentão, eu também estou te vendo seu Padre, fale de vez o que o senhor quer? A gente pode lhe mostrar o caminho por onde sair!

E baixinho falou no ouvido de dona Rosa: eu não estou vendo é nada! Mas se a senhora tá vendo ele, deixe pensar que eu estou vendo também!

Sente-se e fique em silencio, não fale nada, pediu dona Rosa para o Zé Bebinho.

Ele obedeceu a ela, sentando-se e logo estava cochilando.

Tempos depois, dona Rosa tocava no rosto dele pedindo pra ele se levantar que o Vigário já tinha ido embora.

Ele orgulhoso por ter ajudado a levar ela até ali, olhando para o riacho, falou em voz alta: Vai com Deus seu Padre! O senhor nem se despediu de mim! Deus te leve para o céu que é o seu lugar, e peça a Jesus para me ajudar! Adeus seu Padre, vai com Deus!

E se comentam até os dias de hoje, que milagrosamente, sem qualquer explicação a partir daquele dia, Zé Bebinho, nunca mais colocou uma gota de álcool na boca, não ai mais as bodegas, nem aceitava convites para beber. Certo dia apareceu no povoado um carrão com três senhores de alta classe, procuravam por José Batista, ninguém sabia quem era, até que apareceu uma senhorinha e disse, é o Zé Bebinho gente! O nome de registro

dele é José Batista da Cruz, só tem o sobrenome da mãe, ele não tem pai no registro.

Aqueles homens, um era advogado, os outros, dois ricos fazendeiros, estava ali informando que o pai deles, no leito da morte pediu para eles entregar uma poupança com uma alta quantia de dinheiro e uma fazenda com muitas terras, para José Batista que era seu filho também. Os irmãos pediram perdão, não sabiam desse irmão sertanejo e estavam ali para fazerem justiça e atender o ultimo pedido do pai.

Zé Bebinho, foi embora tomar conta de sua fazenda, se casou e formou uma família, e era muito respeitado e querido na sua fazenda, ele era o Senhor José Batista.

Jesus levou o ladrão ao paraíso e “Zé Bebinho” aos bons caminhos em terra, para um dia alcançar também o caminho do céu.

Maria Nazareth Doria



Sou jornalista e escritora, tenho 21 livros publicados, 6 deles traduzidos em espanhol, acumulei muitos prêmios e títulos, sou vencedora de alguns concursos literários, contos e poesias, inclusive um na cidade do Panamá, recentemente recebi a Medalha Cinquentenária da ABFIP- Associação Brasileira das Forças Internacionais da Paz, prêmio NOBEL da Paz de 1988 a 2002, essa medalha é outorgada pela ONU. Apresentei por 3 anos consecutivos o programa RAIZES INDÍGENAS (sou descendente indígena).



LIBERTE-SE

pode ir
vai ficar tudo bem
ficou tudo bem
quando foi com ele
quando foi com ela
então vai ficar tudo bem
agora que é você

eu te amo
sempre irei te amar
até as estrelas
Quantos anos-luz
daqui até lá?

logo penso
Tão gracioso!
o ocaso corado
se fundirá a você
os seus tons aquarelando
no crepúsculo ligeiro

Como sou boba!
listando o benigno
e tentando esquecer
toda a ótica maligna

vá, por fim

pode ir
vá a sorrir
liberte-se, sim
cure-se da dor
que arde em você
como faz em mim

me torno fingidor
mas sem muito rancor
abro mão de seu ardor
e me despeço com Adeus...
liberte-se, meu amor

RIO DAS OSTRAS, 2022

Assistindo minhas pegadas sumindo conforme as mansas ondas apagavam-nas, conseguia sentir a brisa em meu rosto. O céu se fazia uma paleta nas cores azul, rosa e laranja. O mar se estendia até onde meu olhos alcançavam, com pedras decorando sua imensidão. A orla da Costa Azul nunca esteve tão linda.

A canga envolvia minha cintura em um resistente nó. Segui caminhando com os calçados em uma mão e a bolsa vermelha na outra vendo as ondas se aproximarem e se afastarem. De vez em quando me alcançavam numa lembrança da água gelada que me aguardava. Minha atenção voltou-se para as gaivotas que voavam inquietamente pela vastidão colorida dançando uma coreografia que só elas entendiam.

Olhando para a direita pude ver pessoas caminhando tranquilamente. Umas vestindo roupas de banho úmidas da água salgada. Outras com camisas, bermudas e vestidos com estampas praianas apenas admirando o horizonte à frente.

O Sol batia forte no meu rosto tentando alcançar a pele por debaixo do protetor solar, enquanto minha sombra me seguia à medida em que andava. O vento esvoaçava meus cabelos salgados, agora secos e alvoroçados. Alguns banhistas estava sentados na areia vendo o paraíso que lhes rodeava. Uns sozinhos, outros acompanhados de parceiros ou familiares.

Olhei para trás e vi minha mãe, assim como eu, segurando os chinelos, sentindo a areia nos pés, vestindo shorts por baixo da canga colorida. Enquanto seu cabelo lutava contra o vento, ela conversava com uma amiga ao telefone sobre as praias que havíamos ido anteriormente. "A gente foi à Praia da Tartaruga, da Joana..."

Lembrei-me, então, de que este era apenas o primeiro dia lá. Quatro sóis depois e estaríamos na estrada, em direção à mesma rotina cansativa de sempre.

"Quer voltar logo para casa?", minha mãe pergunta.

Olho para os meus pés já meio sujos de areia e volto meu olhar para ela novamente.

"Mas já estou em casa", digo.

Ana Pereira



Meu nome é Ana Pereira, tenho 16 anos, moro na região serrana do Rio de Janeiro e sou estudante do 3º ano do Ensino Médio. Ainda criança, desenvolvi interesse pela leitura e pela escrita, e passei muito tempo me aventurando pelos gibis da Turma da Mônica e por diários secretos. Com o passar dos anos, esse interesse foi sendo conservado e lapidado e, hoje em dia, minha paixão pela arte reflete meu amor pela música e pela Literatura. Instagram: @anasivygrows.



PARTE II

LOCKER 18

Six

3:20 pm

They arrived in Natália's house in the middle of the afternoon, Maurício had really made them wait hours until he handed Natália her payment. But It had been a nice day, they had talked and laughed together for hours, finding out they had similar humors and just enjoying each other's company.

As they were going up the stairs of the old and yellowed building Isla saw a window on the ground floor open and just as quickly closed, she tugged at Natália's jacket to get her attention.

"I think we are being watched" Natália laugh and kept climbing the stairs.

"Oh we are, its my landlady, she must be lonely, never someone paid so much attention to my life" she smiled at Isla and then raise her voice "Miss Edna It is exactly what you are seeing, I have found more lesbians for my army, aiming for world domination, one pussy lover at a time"

Isla couldn't help but laugh as she followed the woman.

Natália's apartment had a door painted an avocado green, her living room was a mess of clothes on the couch, a red armchair and a giant cat tree. On the other end of the room was a small open kitchen and closer to the door a beige and old closet door.

"Your skin, coat is here" Natália said nervously reaching for the door, she opened the closet and carefully took out her selkie coat, folding it with an inscrutable expression on her face. She looked at the coat and ran her

hand over it. The touch was soft and a little admiring, and Isla felt it all the way to her bones.

She swallowed nervously, knowing she still needed Natália to give her the coat back, but couldn't deny that the sight of her holding It was... rather appealing.

It was a weird mix of feelings, the echoes of her mother's warnings about any entanglements with humans but also the warm feeling that had made way in her heart since she first laid eyes on the woman.

It felt like something sweet blooming.

Something beautiful.

But...

The worse thing for a selkie is to lose freedom

It is better be free than loved

The ocean doesn't cage you

Isla's mind was a whirl of confused thoughts and feelings, she heard Natália saying something, but It was as if she was faraway, trying to reach her above water.

It was an almost burning heat that woke her from her mind, she looked up and Natália was putting her selkie coat in her arms, the skin reached for her, heating up her body.

Isla looked from Natália worried expression to the coat now almost entirely in her arms and did the unthinkable.

Let It drop.

The coat landed softly in Natália's red armchair.

"Isla, are you fine?" Natália sounded frantic.

Isla could only look at her, the worry, the care

The handing back of her coat.

Isla approached her, putting one hand in her waist and tugging her close, her other hand tangling in her curls and pulling them lightly, Natalia

looked at her with dilated pupils and tilted her head towards her. Their lips collided and they kissed. The kiss started slow with her bodies inching closer and closer until their curves were flush against the other. Isla bit Natalia's lower lip making her moan, and whispered in Natalia's ear.

“Bedroom?” The heat of her breath made Natália shiver.

“Too far” She responded with swollen lips stained by purple lipstick. Isla looked around and remembered Natália's hands in her coat.

“I have an idea pretty lady, stay still” She made Natália pry her hands from her with some resistance, then took her selkie coat and lay it open in the floor, she approached Natália and went back to kiss her, Isla trailed kisses from her neck to her collarbone, and touched her top asking for permission.

“Yeah, you can take it off” Natália answered breathless, Isla took her top off greatly appreciating the lack of a bra, Natalia's small nipples hardening in the breeze, she then took off her own shirt, Natália's eyes travelled over her curves hungrily.

Isla went back to kissing Natália, slowly laying her down on her coat, as soon as Natália's back made contact with Isla's fur coat they both moaned, Natália due to the softness and Isla due to the almost electric overwhelm of sensations, as if Natália was touching her everywhere. She took the woman left breast in her mouth, sucking her nipple while rolling the other in her hand.

Natalia was running her nails over Isla's scalp, the slight pain making her clit throb, she let go of her breasts and kissed her for a while, Natália tried to take Isla's top off, but she caught her wrists kissing each one before redirecting her hands.

“Not today sweetheart” Natália nodded, smiling at her. She took Natalia's jeans and panties, kissing her thighs going up until her navel.

Isla stopped and looked at her, her legs spread wide, the cascade of curls spread out over her head, eyes dilated with lust, lips swollen with kisses, breasts moving with each gasp of her breath. And the image between her legs was mouthwatering.

Isla kissed her pussy, hearing the gasps and moans Natália made, feeling her own release building at each new surge of arousal that Natália flooded in her mouth and the adoringly hot sounds she made.

Isla had been with other women before, even other selkies such as herself, but she had never felt the type of pleasure she was experiencing with Natália, in between her thighs she felt grounded and at the same time free, her salty sweat was like tasting the ocean, and the way she rode her face made the selkie coat mold beneath them, making Isla's body vibrate with overstimulation, her orgasm came fast followed by the telltale sights that Natália reached hers.

Isla felt the woman limp under her, kissed her pussy soothingly before going up to kiss her.

“That was, wow” Natália said still a little breathless, Isla couldn't help but kiss her some more.

“For me too” Isla said feeling the warm sensation of been embraced by the other woman's legs.

They laid together for a while, exchanging caresses and enjoying each other's company until the change of light in the window remembered then of the night to come.

“You have to go right?” Natália asked still running her hands through Isla's head, she nuzzled in her hand before responding.

“Yeah, its time, and to go I will need you to let me” Natália pouted but slid her legs away, Isla was the one who needed a minute after saying the words, thinking again about how true they were.

She had felt such relief in the coffee shop when Natália agreed to give her selkie coat back.

Why know she was feeling so bittersweet about It?

Shaking this thoughts out of her mind Isla got up putting back her shirt, and at last taking her coat, the fur warmed under her touch instantly, and she could almost taste the ocean near.

Natália had pulled her clothes back on and It was looking at her with a rather intense look.

“What is it pretty lady?”

Natália looked in all directions but her own before saying.

“Can I go... to see you? So we could say goodbye on the beach?”

She was looking so hopeful and cute, that Isla didn't have in her heart to say no.

.....

Seven

6:56 pm

They arrived at the beach in time to watch the sunset in each other's arms, enjoying the colorful sky together. As lovely as the moment was, Natália was trying really hard to ignore the knot in her stomach at the thought of saying goodbye, she had seen the terror in Isla's eyes at the possibility of being trapped on land. And she would never want to provoke that in her, a part of her was even anxious to see the transformation, but the biggest part was saddened to think that by the time Isla decided to return to that beach, perhaps her whole life would have already passed.

The darkness that covered the beach was already making Isla grow antsy, Natália turned in her arms the question in her eyes before It reached her lips.

“You have to go right?” Isla nodded letting go of her and walking toward the sea, the beach was empty and the glowing moonlight cast a

blueish light on the whole scene. She looked to Natália and gave her one of her confident smirks albeit It looked slightly pained now.

“Natalia, don't get scared, It will still be me, and after I go don't stay in the beach for long, its kind getting late”

“I'm not your wife anymore for you to order me around” Natália joked “But fine, I'm going home the same as you”

I wish it was the same home, Natália wished longingly, Isla came closer to her, giving her a deep and caring kiss, they touched their foreheads, breathing each other in.

“I will miss you” Isla whispered, Natália nodded lightly shoving her toward the Sea.

Go.

This slowly goodbye... feels way worse.

Natália gaze at the stars as Isla made way into the waves, as she was about to be engulfed by the sea she must have put on her coat, because Natália saw a flash of silver light and the woman was replaced by a big blue grey seal, she was...

She was majestic, swimming sinuously beneath the waves, her colors shimmering beneath the water. The seal stopped beneath the waves and seemed to look deeply into her eyes. Natalia watched her thinking, "You are beautiful," knowing that somehow Isla had understood. The next waves made her disappear from sight. Natalia was left alone, the moon and her broken heart for company.

.....

Eight

00:01 am

It had felt amazing to sink in to the waves, feel the water surround her body, slide easily through the ocean.

But for the first time in her life, It didn't make her feel whole.

It was comfortable to be in her selkie skin, but a knew ache had appeared, since Natália had touched it probably.

Isla thought back about the last day and night, the rush of adrenaline she felt seeing Natália for the first time, long before she had took her selkie coat home, and knew she was embracing denial.

It wasn't the magic.

Or better it was but not only.

It was her magic, their magic, maybe she had yearning it into happen.

Of course It would have took Isla almost a century to fully grasp the curse of the selkie.

Not their love for the ocean, its infinity boundaries and colorful shades.

But this new ache in her chest, the hollowness threatening to swallow her whole.

The paradox draws itself in front of her, missing the sea when with Natália, missing her when in the sea.

Maybe it was long overdue for her to stop believing in others stories.

She had liked her selkie marriage as brief as it was.

Felt seem and loved in a whole new way.

Isla thought about having Natália in her arms, and the ache grew smaller, making a decision she prepared to dive deep, to earn her happy ending.

.....

Nine

06:00 am

Natália had a restless night, trying not to think how hard It would be to face the next day

Next week...month...rest of her life.

How could a brief encounter change her so much? She felt like the earth after a seismic movement, altered forever.

It was as if in just a few hours Isla had come and made a room for herself in her heart, a space that Natália couldn't phantom to ever be able to fill.

"How very lesbian of me, a magical wedding that didn't last twenty four hours and here I am suffering, idiot" Natália thought reprimand herself, she was being watched by Jabuticaba's one yellow eye, she had twisted and turned all night long and the cat had expressed his displeasure by meowing and tearing one of the pillowcases off the bed. Now he blinked and stared at her.

"Come here Jabuticaba, mommy is sad." He approached and allowed Natália to pet him for a while.

Giving up on sleeping Natália decided to start her day, she brushed her teeth, put some mint tea in the stove and still in her pajamas opened the window, she wasn't ready to the suddenly ocean breeze that invaded the house, making her yet again think of Isla, her beautiful transformation and how much she was already missing her.

"You will end up making me hate the ocean" Natália thought darkly, but she took a deep breath regardless, breathing in the smell of the ocean and hoping that at some point the longing would stop.

She had just finished getting her tea to drink when she heard the intercom ring. "That's all we needed, some confused delivery man," Natália thought as she went to answer it. Her irritation only grew as she said hello repeatedly without any response. Her landlady had probably just let anyone in... That was how the building had lost the fern at the entrance.

The frantic knock at her door started her, Natália grabbed a blanket to cover her strawberry themed pajamas and went to open the door, on the other side of it

Isla.

Isla beaming at her but with her huge eyes seemingly for once uncertain.

Her black t-shirt and jeans appeared to be damp from water, perched over her left shoulder the selkie skin.

“I came back” Isla said smiling at her, Natália stayed glued to the door holding herself.

“I see... but what about” Isla interrupted her

“I thought about it all night and... I can't let others experiences shape my life...I want to be with you and you don't want to cage me in, so If you want to be with me, I made you this” She fumbled into her pocket fishing a silver locket and putting it into Natália's hands.

It appeared old, an oval locket with a drawing of a seal carved into It, despite the metal exterior both the chain and the locket were warm. Natália opened the locket finding a small piece of seal fur in It, the colors matching Isla's selkie coat. She looked at her questioningly.

“This way we will be able to feel each other even when I'm in the sea... If you want It”

Natália looked at Isla, her hopeful smile, the way her eyes seemed to grow bigger with worry and how she didn't stop passing her right hand through her short hair. She thought about the longing this woman was already making her feel and the love that was blooming in her heart.

Natália held on to the locket and dived in Isla's arms, her blanket falling on the floor as she encircled her legs between Isla's waist, she carried Natália across the threshold of the door.

They pulled apart breathless, gazing at each other in comprehension and love.

“So... between you deliberately handing me your selkie skin and carrying me through the doorway... I think we're already considered married to most of the universe” Isla laugh, holding tighter on to Natália.

“And I intend that our second selkie wedding is going to last forever”.

Cecília Deulefeu



Psychologist with a psychoanalytic approach, co-founder of the page @casamentotranshomoafetivosim, writer and screenwriter, lesbian and carioca. She lives with her wife Gizele and their two cats, Pérola and Safira, in the heart of Rio de Janeiro, overlooking sugarloaf mountain, where she finds inspiration and contemporaneity for her works.

Psicóloga com abordagem psicanálitica, co-founder da página @casamentotranshomoafetivosim, escritora e roteirista, lésbica e carioca. Vive com a esposa Gizele e duas gatinhas, Pérola e Safira, no coração do Rio de Janeiro, aos pés do morro da Urca, onde encontra inspiração e contemporaneidade para suas obras.



JUÍZO FINAL (TÍTULO PROVISÓRIO)

Dia negro aquele. A grande mãe surgiu no horizonte, mas diferente de outras vezes em que se derramava em alimento sobre nós como maná. Estendeu uma parte de si sobre nosso habitat, mergulhando nele como que uma extensão, cuja ponta sugava porções de substância, levando nosso alimento. Repetidas vezes algo semelhante a franjas flexíveis, mas firmes, alcançava o chão e revolvia-o, não ficando pedra sobre pedra. A luz turvava-se numa grande turbulência. Nossa pressão atmosférica modificava-se à medida que aquele buraco negro tragava nosso oxigênio líquido. Um peso mórbido em nossos corpos inundava-nos de pânico ante um extermínio iminente. Mesmo assim, paradoxalmente, nos movíamos mais velozes, como que fortalecidos pela iminência do extermínio, gerando o caos. Os poucos que não foram levados aos céus, onde sumiam engolidos noutra dimensão, permaneciam em completo desespero, na angústia crucial de serem salvos das garras da morte. Entretanto, de tempo em tempo, o céu se derramava sobre o planeta, devolvendo nossas substâncias, desta feita, purificadas. Porém, isso significava que mais uma vez as franjas enrijecidas como garras tornariam a revolver o chão, pedra sobre pedra. Isso se repetiu em vezes que pareciam infindáveis. Até que o céu começou a derramar tão somente cachoeiras de substância purificada. Nossos companheiros foram devolvidos ao nosso convívio, sãos e salvos, e a luz voltou a brilhar, límpida como nunca. Um doce murmúrio de borbulhas inundou nosso mundo, e o maná voltou a cair, paz eterna à nossa boa vontade.

Título definitivo: Limpando o aquário

Irene Genecco



Irene Genecco, é natural de Porto Alegre, tem 4 livros solo publicados – poesia, contos, crônicas , e participação em diversas antologias, ao longo dos anos. Formação em música. Ama ler e estudar, em especial Filosofia, e assuntos ligados à espiritualidade universalista, na busca do autoconhecimento. Pós-graduação em Educação, e em Literatura, Artes e Filosofia. Instagram: @irenegenecco - email irene.genecco@hotmail.com.



REVOADA

Sempre fui espectadora de boas decolagens. Nunca achei que fosse para mim esse saltar sem chegada. Excitava minha alma escutar o farfalar daquelas asas, cobiçando o que há por vir.

Fascinava-me essa construção caminhante, sem fim, a guiar um pouso — convenhamos — incapturável. Batia palmas, verdadeiramente emocionada. Vibrava, torcia, contentava-me.

Encantava-me ser ponto de partida. Como uma catapulta, sabe? Ali, rígida, fixada. Como se fosse vantajoso ser rota traçada. Nunca achei que fosse para mim esse nó da coisa esperada.

Envaidecia-me essa calma, esse voo sem escalas traiçoeiras. Custou-me... ver minha covardia. Quis culpar todos que vi saltar, ao perceber meu mecanismo envelhecido, enferrujado.

E, quando percebi que nenhum corpo era lançado — que tinham asas os corpos, presumidos por mim catapultados — senti o eixo no topo migrando para o meio do dorso...peguei a última corrente de vento.

E, assim, num lampejo, me vi revoadada.

Jessica Ferrari



Jessica sem acento. Digo isto, pois a estética da palavra me toca de tal maneira que tenho tatuado em mim o dito: "A palavra invade tudo". Mais do que um reduzido desejo de ofício, transborda em mim e me constitui de forma orgânica, como uma dimensão indivisível do meu ser, desde meu primeiro ato na existência. Divido fragmentos desse transbordamento no Instagram @jezzferrari. Ah, esqueci o básico: meu nome é Jessica Ferrari - sem acento - tenho 39 anos, mãe e mineira de Beagá.



NOS TEMPOS DA SOCIEDADE MÁQUINA

O tique-taque não parava, os martelos batiam na grande máquina, e os vapores dela vinham para fora dos canos metálicos de cor amarela-laranja, os operários trabalhavam de forma exaustiva. O sino do intervalo bateu, Sebastian pode enfim se levantar e respirar um pouco de ar-livre, esse era o momento que às máquinas ficavam menos agitadas. O rapaz Sebastian, estava com os cabelos pretos encharcados de suor, caindo na frente dos olhos azuis, aos seus vinte e três anos a vida ainda não prometia muito, pelo menos ele assim pensava.

No horário do almoço tinha-se pelo menos uma hora de descanso, melhor do que em muitos outros lugares, a casa de máquinas C era quase um luxo, embora fosse necessário trabalhar ao menos dez horas no mínimo. Muitos funcionários que entravam na parte C abaixo da cidade não saiam de lá, pelo menos não até se aposentarem aos 85 anos. A vida de operário não era bem um jeito confortável de passar as horas, muitos deles nem tinham tempo para passar com a mulher, isso se tivessem alguém. Os operários sempre tinham que estar atentos, e como dez horas leva grande parte do dia chegavam em casa exaustos, as mulheres também não tinham interesse nesse tipo de vida. Porém, não é só que as moças não quisessem um homem que trabalhasse de forma exaustiva, algumas até se apaixonavam por esses homens, mas se fossem bonitas deveriam deixá-los para os ricos, era regra. Havia algum tempo que as coisas eram assim, desde o período comercial chamado de “A grande largada” a ideia desse nome era dar cabo de melhorar a economia mundial, mas as coisas mudaram depois de se estabilizar.

Sebastian havia comido, já estava com olheiras por causa do cansaço, ele mal tinha vontade de olhar para aqueles canos, e muito menos para os robôs auxiliares. Sentindo que ia desmaiar, mesmo assim, o rapaz continuou, Sebastian sempre comia no turno da noite, assim podia ir pra casa mais rápido, o problema é que o estômago pesava e o tempo parado não era suficiente. Ele continuou trabalhando, faltavam apenas duas horas para ser liberado, e pensava cansado “Apenas duas horas, apenas duas horas...” A ansiedade era tanta que chegava ao ponto do desespero.

O trabalho tinha acabado, agora, faltava o deslocamento, cada vez mais inumano, a cidade grande “Dos operários” tinha cada vez mais problemas com o trânsito, os ricos voavam e os pobres caminhavam ou esperavam como sempre. Era uma cidade um tanto boa, se você tivesse tempo, gostasse de chuva e do excesso de nebulosidade, claro que se você tem tudo isso provavelmente tem dinheiro. Na cidade Dos operários, que ficava no primeiro andar dos prédios do solo, não chegava nem o sol por causa dos outros prédios altos, no geral os trabalhadores tinham sérios problemas com vitamina D. Muitos problemas com fome, uma nutrição ruim por que não havia nutrientes na maior parte do que comiam, a saúde tinha se tornado algo hierárquico, uma verdadeira pirâmide de alimentos.

Sebastian tinha chegado em casa depois de uma hora de trânsito, em seus mais profundos sentimentos vibrava um certo rancor: “E ainda tem gente rica por aí dizendo que o trabalho excessivo enriquece”. Ao entrar pela porta principal do quarto, que ficava ao lado do espaço de dormir de sua mãe, ele jogou tudo na cama, sentou-se com a cabeça para baixo, tinha botado as mãos nas têmporas. E ainda em pensamento “Que dia, de tantos outros que virão e de tantos outros que já foram.”

Alguém batia na porta, devia ser a mãe, Ana, uma senhora, professora de setenta e seis anos, aposentada ainda no período antigo da política com setenta anos. A mãe batia na porta, e Sebastian não sabia se ele dizia

pode entrar, se levantava ou se chorava, gritava, ou se a sacada e seus tantos andares seriam uma opção melhor. Porém quando ouviu a voz da mãe:

-Filho? posso entrar? Fiz janta hoje.

-Não entra ainda, depois eu vou aí.

-Está tudo bem?

-Tudo, tudo, só preciso me arrumar pra comer e ir dormir.

-Tem certeza?

-Depois nos falamos.

Sebastian tirou as roupas e se olhou no espelho de casa, ele sim tinha um corpo de rico, mesmo com toda aquela podridão da cidade e a comida cara a sua saúde era boa, afinal, ele gastava um bom dinheiro com alimentos de qualidade. Mesmo assim, olhava-se de forma depreciativa, “Tão bonito...” ele pensava, “E sem tempo pra sair com qualquer moça que seja.” Olhava-se já fazia uns vinte minutos, e aquela vontade asquerosa de estar com alguém o possuía, raiva, remorso, tudo vinha em sua mente quando se tratava da solidão. Sebastian puxou bem forte o ar, e socou a parede, a mão não doeu, e ele não quebrou nada, mas o sangue saía de suas mãos, um sangue embrutecido pelo tempo e pelo suor inútil da exaustão. O rapaz ainda teve vontade de gritar, puxou o ar forte de novo e soltou, não podia acordar os vizinhos, e ainda vivia naquele cubículo horrível, sem nenhuma natureza. De novo se sentou na cama, olhando a mão ensanguentada, e ficou divagando, como seria bom um pouco de verde, um lugar bonito, bem longe daqui, com alguém e com sol...

-Sebastian?! Desse jeito a comida vai esfriar - chamava Ana.

-Já vou - respondeu Sebastian.

Enfim, se levantou da cama, a raiva o corroía, porém não gostava de demonstrar raiva na frente da mãe, ela já tinha muita coisa com que se preocupar desde que o pai morrera no trânsito. Sebastian ainda se lembrava do

nome da matéria do jornal que anunciou a morte do pai: “Motorista morre, trânsito é atrapalhado por um taxista da cidade baixa!”.

-Como foi o dia de trabalho hoje? - perguntou a mãe.

-Foi bem - respondeu Sebastian.

-Você não parece muito bem.

-O dia está bem, eu não...

-O que você tem?

-Necessidade.

-Hummm.

A mãe ficou quieta por algum tempo, ela sabia que eram muitas as necessidades de um homem na idade dos vinte e quatro anos, viver, comer, e outras coisas mais. Ela mesma tinha necessidades na época em que tinha essa idade, mas os tempos mudaram, e não havia uma árvore para fazer sombra, e nem sequer uma maçã de oportunidade para um operário.

-Eu sei Sebastian, eu sei, mas logo vai passar - disse Ana.

-Vai passar é? Sim! Vai passar quando eu estiver morto embaixo da terra, isso se tivermos lugar num cemitério e dinheiro para o caixão! - respondeu Sebastian.

-Ahh guri não fala isso, pelo amor de Deus! Escuta Sebastian, eu sei que não é fácil, sei que você anda chateado, mas tem que continuar filho...

-Continuo trabalhando como um condenado então?

-Ninguém sabe quando isso vai mudar.

-Ninguém sabe quando isso vai acabar, você quer dizer.

-Tudo bem, eu entendo, vou recolher os pratos e lavar a louça, por que não vai ler um livro e se acalmar?

-Hoje não, vou usar ou o computador ou olhar um pouco de T.V. os livros já não dão mais futuro.

Sebastian olhou para a mãe, que ficou calada com um rosto que expressava dúvida se ele continuaria a falar mal dos livros, além da dúvida

ele percebia uma certa rigidez nos olhos de Ana. No fim, os dois não falaram nada um para o outro, um foi dormir e o outro ficou assistindo T.V.

Quando Sebastian acordou eram quatro horas da manhã, a mãe parecia que ainda dormia, e ele não sabia ao certo por que, mas acordou, as luzes de casa estavam vermelhas. Sebastian olhou para cima, ainda sonolento e percebeu “Luzes vermelhas!” Isso significava que um dos grandes canos de pressão tinha se rompido. Sebastian se levantou e foi ao quarto da mãe.

-Acorda! Rápido, temos que sair daqui, agora! - gritou Sebastian.

-Mas o que... A luz vermelha? - perguntou Ana.

-Sim, um dos canos de pressão principais rompeu, alguma parte da cidade vai ruir

-Mas não ouvi barulho algum.

O rapaz parou e pensou por um momento, isso era verdade, se as luzes vermelhas ligassem era para que todas as torres de mil metros de altura dessem o alarme com a luz e o barulho, o que significava que a situação talvez fosse pior do que se esperava. Por um tempo ele ficou entre dizer o que achava ser possível e o que não queria, mas resolveu preservar seu pensamento para si.

Os dois foram até os elevadores, não estavam funcionando, teriam que descer os andares de escada, a mãe de Sebastian já tinha problemas quando precisava caminhar muito, o rapaz pensou, só tinha um jeito, levaria ela nas costas.

-Eu vou te carregar - disse Sebastian.

-Não precisa, eu consigo - falou Ana.

-Não é hora pra ficar fazendo charme, droga, sobe logo nas minhas costas.

E assim foram os dois, Sebastian achava estranho que ninguém vinha pelas escadas, e pensou nos elevadores não funcionando, logo tentou

parar de olhar para as estruturas do prédio, a maior parte das paredes estavam rachadas. Continuou descendo, até que chegou em um andar onde se podia ver as janelas, havia água lá embaixo, na verdade eles teriam que subir, e esperar os helicópteros.

-Merda! - disse Sebastian

-O que foi agora? - perguntou Ana.

-A cidade está inundada.

-Filho...

-Que é?!

-Se quiser pode deixar que eu caminho.

-Cala boca e vamos subir!

O rapaz ficou triste, não gostava de falar assim com a mãe, porém estava desesperado, nunca imaginou que a cidade fosse ruir assim, sem ninguém avisar. Sebastian subiu correndo os andares com a mãe ainda nas costas, quando olhou para baixo a água subia, ele sabia que não era só isso, provavelmente os fios condutores de energia do prédio estavam rompidos lá embaixo, se a água chegasse até eles era o fim. Continuou subindo, faltava apenas mais uns dez andares, entretanto suas costas agora queimavam, e ele sentia uma dor que restringia seus movimentos. Sebastian precisou parar, nesse momento a mãe desceu.

-Chega filho, chega - disse Ana.

-Como assim?

-Deixa, eu me viro.

-Cala boca porra, falta pouco...

-Não, não falta, e você sabe disso.

-É só você subir.

-Filho, você sabe que eu não aguento nem cinco andares de escada.

-É só...

-Adeus!

E antes que Sebastian pudesse falar alguma coisa, Ana se jogou, de cima, indo em direção à água. Sebastian ficou 3 longos segundos olhando incrédulo, mas a água subia, ele subia também, a única água que descia enquanto ele corria era a de seus olhos.

II

Sebastian estava sentado na parte de cima do prédio, ele contava mais trinta minutos antes de ruir a estrutura toda, passara pelo menos uma noite e agora esperava o dia acabar, a água tinha parado de subir. Ali, como se estivesse em uma ilha no meio de muitas outras, ele olhava o fim de tudo, já tinha ouvido presságios sobre o fim da humanidade, não pensava que ele mesmo veria tudo acontecer. Ao longo do tempo que ficou ali em cima, pode pensar muito, e também ver muita coisa, as pessoas dos outros prédios estavam fazendo filas e se jogando do alto para a água.

Sebastian sentia que o tempo que lhe sobrava o angustiava mais do que lhe trazia alguma reflexão, a única coisa que não saía do pensamento até agora era a mãe, o pai e a vida que vivera. Quando olhou para o céu de novo, os helicópteros haviam chegado, ele fora resgatado.

III

Sentado, ali em um dos bancos em que escolhera, ou melhor, que fora obrigado a escolher porque alguns ricos não queriam um operário por perto, ele, Sebastian, ouvia a conversa.

-Você viu? Foi quase que nos pegaram dessa vez, não é mesmo?

-Ah sim, esses operários...

-Inúteis, inúteis... de fato, não prestam para nada!

Três homens conversavam e riam, Sebastian os olhava, havia alguma coisa de loucura nos olhos do rapaz operário, ele sentia um ódio ao redor do corpo, é como se fosse pura energia e força. Os três homens por fim notaram aquele olhar parado e voltando-se para Sebastian falaram:

-O que foi senhor operário? brabo? - perguntou um.

-É senhor operário, o que vai fazer? Hahaha, vai girar a chave? - falou outro.

-Eu acho que o senhor operário pode fazer melhor, ele pode voltar a trabalhar nos canos, o que acham? - disse o terceiro.

Os três choravam de tantas risadas, Sebastian se levantou, passou por um guarda, e se dirigiu ao motorista do helicóptero, o rapaz operário sabia que só tinha sido salvo por uma questão humanitária falsa. Sebastian tinha ido correndo, queria derrubar o helicóptero em outro e assim todos teriam um final infeliz, porém seria muito satisfatório para o trabalhador que perderá tudo. Os guardas se jogaram em cima dele quando ele estava chegando. Os políticos, ricos ou comerciantes, se levantaram, foram até o já imobilizado operário, um dos homens pisou em cima do rosto de Sebastian ladrando:

-Seu vermezinho pobre, acha que é assim que vamos morrer? Vamos viver para sempre enquanto escravos que nem você trabalharem para nós

-É uma pena, parece que um dos seus guardas se descuidou - disse Sebastian.

-O que? - perguntou o aristocrata

-Acho que deixou passar uma coisa, olhe para o chão.

Sebastian tinha uma granada na mão direita, ela estava sem o pino.

-Não... não! - gritou o homem.

-Adeus, seu filho da...

O helicóptero explodiu, levando consigo o investidor, o político, e o presidente principal do movimento "ponto de largada".

João Pedro Goldani de Medeiros



Gosto de ler e escrever, no momento estou em duas graduações, ambas de Letras em licenciatura, uma sendo em Português e a outra em Inglês. Gosto muito de criar histórias, escrevo poesias, crônicas e contos. Acredito que para escrever não existe a necessidade de transcender a essência do que já se é, mas descobrir a si mesmo enquanto escritor. A escrita é um ambiente livre, no qual o amor e a dor fluem em consonância para criar arte e dar sentido para a vida. Faço Licenciatura em duas Universidades o que por vezes toma muito o meu tempo sendo uma delas a UFRGS e a outra Universidade LaSalle, gosto de ambas e creio que o conhecimento floresce conforme usamos e aprendemos. Sou do Rio Grande do Sul, e é às vezes em meio a solidão que as idéias se apresentam, nossos fantasmas nunca se acalmam não é mesmo? Estão sempre preparados para nos dar um susto e dizer “escreva”. Contato: @joaopedrogoldanide / jgoldanidemedeiros@gmail.com.



COMO ESCREVER UM CONTO MÁGICO

Pela terceira vez, Paula revirava seu caótico apartamento antigo atrás do livro de literatura que insistia em desaparecer. De estatura mediana, loira, de olhos claros, carregava no olhar o cansaço típico de professora, junto ao hábito constante de perder tudo.

Sua manhã pareceu uma prova de resistência: derramou café na calça, estourou a caneta no bolso e, claro, o giz havia sumido. Enquanto revirava a bolsa, percebeu os alunos observando sua sequência de desastres. Foi quando um deles sugeriu:

— Professora, já pensou em se benzer? Minha mãe conhece a Luzia, que também faz amuletos, lá na Colônia Escocesa.

Paula respirou fundo, tentando manter a compostura.

— Magia é coisa de livro. E, por sinal, é justamente o livro de literatura que sumiu hoje.

Ao sair da escola, Paula ainda pisou numa poça de barro que sujou até o joelho. Sem pensar muito, ligou para a mãe de seu aluno:

— Oi, dona Sônia, pode me passar o endereço da Luzia?

Anotou na palma da mão e seguiu direto pra lá. Afinal, pior não podia ficar.

Ao chegar na Colônia Escocesa, Paula estacionou em frente a uma casinha azul-claro, rodeada de flores, cercas antigas e cheiro de ervas no ar. Antes que batesse, a porta se abriu.

— Pode entrar, meu bem — sorriu Luzia, baixinha, de coque bagunçado, saia longa e blusa de girassóis. Aparentava ter uns trinta e poucos, como Paula.

Lá dentro, o cheiro de alecrim e incenso se misturava às prateleiras cheias de potes, pedras e plantas.

— Então, você faz... proteção, essas coisas? — perguntou Paula, tentando parecer natural, mas soando mais cética do que gostaria.

— Faço sim. Amuletos para proteção, equilíbrio, harmonia — respondeu sorrindo.

— Pois é, acho que o azar resolveu morar comigo — suspirou Paula.

— Pra eu fazer um amuleto, ele precisa ser feito com algo que você realmente perdeu — Explicou Luzia.

— Como assim? — Paula franziu a testa. — Perco coisa todo dia, tem até um giz perdido na minha bolsa.

Luzia riu:

— Não vale o que some e aparece no mesmo dia. Tem que ser algo desaparecido de verdade, fora do seu alcance.

Paula pensou e falou baixinho:

— O chaveiro do meu pai, perdi faz anos. Era de madeira, ele me deu quando passei no vestibular. Nunca achei.

Luzia sorriu, concordando:

— Perfeito, serve.

— Mas onde eu acho?

— Duendes — explicou, puxando um caderno velho. — São eles que guardam coisas perdidas. Gostam de colecionar objetos esquecidos. Se quiser de volta, tem que negociar.

Luzia explicou que os duendes são invisíveis e gostam de colecionar objetos esquecidos. Quando algo some sem explicação e aparece dias depois em outro lugar, pode apostar: foi um duende.

— Por isso, quando um objeto some sem explicação, pode ser que um duende esteja com ele. Você precisa descobrir qual é o objeto que eles possuem na sua casa. Depois, oferece algo em troca para negociar e recuperar

o que perdeu. Você vai saber que o duende aceitou a troca, se o objeto que ele possui aparecer quebrado.

No caminho de volta, Paula não teve dúvidas. Ela tinha certeza de que o objeto possuído pelo duende era o livro de literatura que estava sempre sumindo.

Ao chegar em casa, Paula teve uma ideia: oferecer um caderno com perguntas sobre o livro para trocar com o duende. Afinal, ele parecia “estudar” e ela era professora, uma negociação perfeita. Naquele mesmo dia o livro reapareceu com a lombada quebrada. Paula ficou com um pé atrás, achando que fosse só uma coincidência.

Algumas semanas depois que o livro reapareceu, Paula estava organizando a estante quando algo caiu de dentro de um velho caderno. Era o chaveiro do pai, preso a um elástico meio gasto. Ela sorriu, segurando o objeto com carinho, como se tivesse reencontrado um pedaço perdido de sua história e, talvez, sinal de que a negociação com o duende tivesse realmente funcionado, mesmo que ainda não acreditasse em nada disso.

Paula voltou à casa de Luzia com o chaveiro nas mãos, um pouco nervosa, mas esperançosa.

Luzia pegou o chaveiro e começou o ritual, falando baixinho palavras que pareciam vir de outro tempo.

— Isso só funciona se você acreditar, Paula — explicou, olhando firme nos olhos dela.

Paula respirou fundo. Depois de tudo que viveu, não tinha outra escolha senão acreditar.

— E qual é a forma de pagamento? — perguntou, curiosa e um pouco apreensiva.

Luzia sorriu.

— Não cobro dinheiro. Mas peço favores.

Luzia explicou que o favor era simples, mas importante.

— Quero que você escreva um conto sobre tudo isso que viveu. Mas não diga que foi verídico. Apenas conte uma história para seus alunos, na aula de literatura.

Paula concordou, pensando que não era um preço tão alto para o que ganhara.

De volta ao apartamento, percebeu que o caderno com as perguntas sobre o livro aparecia cada dia em um lugar diferente da casa. Era o duende se divertindo, ou talvez estudando.

Nicole Scorsim Vieira



Nicole Scorsim Vieira é mestranda em Arte, onde pesquisa as relações entre estética, paganismo e cultura popular. Apaixonada por histórias de aventura e magia, encontra nos livros uma forma de conexão com o sagrado e o imaginário. Escreve para organizar pensamentos, transformar emoções e dar forma às pequenas magias do cotidiano. Acredita na força das palavras, dos símbolos e dos encantos feitos à mão.



OBSERVAÇÃO DO TEMPO

Sentei-me na cadeira e olhei para ele. Como corria! Vi o menor ao seu lado, e este pareceu-me mais prudente, cauteloso. O maior não se preocupava em economizar seus caminhos. Talvez até um tenha envelhecido mais que o outro, já que percorriam a jornada em velocidades diferentes. Mas depois notei que não. Na verdade, eles se completavam, e tanto um quanto o outro fizeram o mesmo percurso no mesmo tempo. Velocidades diferentes, mas chegadas iguais. Levantei-me depois de muitos fins de tarde e quando me olhei no espelho, percebi que apenas eu havia envelhecido. Eles, não. Os ponteiros do relógio permaneciam os mesmos – nem cansados, nem velhos – apenas mantiveram sua constância, enquanto eu, desprevenida da vida queurgia à minha frente, envelheci.

Susana Stähelin



Susana Stähelin é poetisa e faz parte do grupo "Escritores do Belo", um braço da Academia Catarinense de Cordel; é também escritora dos romances: "Fios que sangram" e "As chaves não caem como as folhas". Produz conteúdo literário no canal do YouTube: Susana Stähelin. É membro da Academia de Letras do Brasil - Santa Catarina - Seccional São Francisco do Sul. Formada em Letras e Pós-Graduada em Literatura Brasileira, leciona na rede estadual de ensino.



SAIU PARA COMPRAR UM PERU E VOLTOU COM UMA ESTÁTUA

Era uma manhã de véspera de Natal, e Haroldo acordou ouvindo as propagandas na TV com trilha de sininhos e muitos ho-ho-ho em cada comercial. O cheirinho dos quitutes sendo preparados na cozinha inundou suas narinas e fez Haroldo erguer-se num pulo, salivando como um cachorro famélico. Dona Veridiana percebeu os movimentos vindos do quarto e apareceu na porta, com as duas mãos na cintura e um sorriso emoldurando a arcada linda, branquinha e reluzente.

- Haroldo, bom dia, meu amor... já providenciei as bebidas, a farofa, o cuscuz, o panetone... agora só falta você buscar o peru no mercado!

Deu dois passos em direção à cozinha e subitamente um pensamento travou sua caminhada. Voltou e lascou a complementação da ordem:

- Nada de inventar moda, Haroldo. Peru. Grande, bonito e temperado.

Ele assentiu com um suspiro, vestiu a roupa tranquilamente, pensando em cada possibilidade de encontro com algum amigo para um cafezinho, colocou o chapéu e saiu para o centro da cidade. O mercado municipal estava lotado. A ansiedade mundana e popular espremia os corações angustiados entre os corredores, disputando freneticamente desde frutas exóticas até enfeites de última hora. Haroldo se deslocava no corredor do mercado empurrando sutilmente a massa de gente à sua frente, sufocado pelos suores da agonia popular e esmagado pela energia corpulenta da multidão. Caminhava com passadas decididas em direção ao setor de carnes quando, na esquina do corredor leste com a alameda norte, algo sugou

sua atenção. Era um pequeno antiquário, com uma vitrine repleta de objetos curiosos.

No meio do caos natalino, a tendinha vazia no mercado lotado parecia um oásis, um instante quase mágico. Um brilho dourado refletido pela vitrine fisgou seu olhar. Era uma estátua. Mas não era qualquer estátua, era o objeto de desejo acumulado há anos, uma querência adormecida no coração desde a infância, a imagem que o atormentava em seus sonhos pelo menos uma vez por semana. Ali estava ela! A estátua dourada dos sonhos! A santa coberta por um véu dourado, estranhamente elegante e naturalmente bizarra ao mesmo tempo. Onde já se viu um véu dourado? Haroldo não sabia dizer por que, mas sentiu que precisava imediatamente daquela estátua, antes que mais alguém a levasse e roubasse seu sonho.

Empurrou, um pouco amedrontado mas muito emocionado, a porta do antiquário, que rangeu como se não fosse movimentada havia anos. Lá dentro, o ambiente caoticamente organizado tinha um cheiro nostálgico de madeira antiga e mistério novo. Atrás do balcão, um homem oriental, magro, de idade indeterminada, o saudou com um sorriso.

- Veio por ela, não foi?

Apontando para a estátua antes mesmo que Haroldo pudesse abrir a boca. Confuso, Haroldo gaguejou.

- Bem, eu... eu estava indo comprar um peru, mas... não consegui resistir...

O vendedor sorriu ainda mais maliciosamente, como se ouvisse algo já esperado.

- Essa peça é única. Dizem que traz sorte e prosperidade para quem a possui.

Haroldo franziu a testa, agora sim, desconfiado, mas não conseguia tirar os olhos da estátua. Sem entender muito bem o porquê de estar evoluindo nessa negociação, perguntou o preço. Era caro. Bem mais caro que o peru.

Algo dentro dele, contudo, parecia implorar que ele precisava levar aquela estátua. Tinha alguma coisa nela que arrebatava suas defesas lógicas, dissolvía a sua resistência emocional e enterrava a responsabilidade familiar. Fez um rápido cálculo mental, lembrando-se do dinheiro reservado para o jantar, e, numa tentativa de driblar o arrependimento, entregou as notas destinadas ao peru e mais tudo o que tinha na carteira ao vendedor. Quando saiu do antiquário com a estátua embrulhada em papel pardo, uma mistura de euforia e culpa instalou-se no seu espírito.

- O que foi que eu fiz?

Compungido e envergonhado, deu meia volta para desfazer o negócio. Mas voltou à esquina do corredor leste com a alameda norte e não havia mais antiquário lá. Deu a volta no bloco, esquadrinhou todos os outros corredores cada vez mais desesperado. Nada. O antiquário sumiu!

Voltou arrasado, cabeça prostrada, coração esmagado pela culpa, ignorando no caminho os amigos no café da padaria e os zeladores dos edifícios, seus parceiros de jogo e conversa fiada. Chegando em casa, encontrou a esposa na cozinha, cheia de expectativas. Ela olhou para o pacote em suas mãos e arqueou as sobrancelhas.

- Haroldo, o que é isso?

Ele hesitou, pensando em algo convincente, mas acabou entregando a verdade.

- Bem... eu ia comprar o peru, mas vi essa estátua e... não consegui resistir.

Dona Veridiana ficou em silêncio por um momento, o olhar oscilando entre a raiva e a incredulidade. Então, soltou uma gargalhada.

- Haroldo, você é um caso perdido! Agora nós não temos peru, mas pelo menos temos uma... coisa dourada?

E saiu rindo-se com as irmãs, já acostumada com as presepadas de Haroldo. Naquela noite, o jantar de Natal foi improvisado com o que havia

na despensa. Apesar da ausência do peru, a família riu e brincou ao redor da mesa, e a estátua se tornou o centro das piadas. Alguns meses depois, Haroldo recebeu uma ligação inesperada de um colecionador, oferecendo uma quantia exorbitante pela peça. Ele nunca soube como o homem descobriu que a possuía. Mas dizem que esse colecionador sonhava constantemente com um peru de Natal e no recibo do peru estava o telefone de Haroldo.

Ricardo Pegorini



Ricardo Pegorini, nascido em Porto Alegre (Brasil) em 8/12/1961, finalista do 3º Concurso Mario Quintana, primeiro lugar na categoria "crônica" com o texto "Um homem, uma mulher e um batom", publicado na antologia "A Semente e o Verbo" organizada por Caio Ritter, em 2007, e participou das antologias "Inquietude Impressa" (2022), do Projeto Cultural Guapo-Rock, e da "Alma em Prosa e Verso" (2024), da Editora Panoplia, com destaque para seus textos "Bom dia I, II, III" e "Lágrimas na Chuva". **INSTAGRAM:** @cronicas_ricardo_pegorini | **SITE:** <https://www.cronicando.online/blog>.



APARIÇÕES E MULHERES-PATA

Cena I

Nossa Senhora lançava olhares. Olhares que partiam dela e de uma coleção de santos cujos nomes nunca eram por todos lembrados. Olhares que naquele momento, eram recebidos apenas por um padre ocioso e pelo visitante, um verdadeiro incapaz na tarefa de perder o gosto por igreja. Se movia percebendo as pinturas do martírio, os ventiladores e o brasão pintado mais para o alto, definitivamente não era como a Matriz da cidade. Para o visitante, essa outra era tão suntuosa que causava vertigem, tão estrangeira que parecia saída de uma confeitaria. Quando o sacerdote arrancou os olhos do livro, o que fez foi perguntar num quebra-gelo:

-Olá, Basílio, é bom te rever. Como vai sua mãe?

-Continua daquele jeito. Você entende...

Respondeu o visitante, enquanto limpava os óculos na camisa. A entonação que usou era séria e ferida, mas sabia que estava falando com um bom conhecido. Bastou poucos instantes para o sujeito se ajoelhar num banco de madeira, preparado para gastar o tempo numa expurga de pensamentos que só ele conhecia, diante dos jarros floridos, aqueles bolos verdes salpicados de branco e vermelho. Murchariam com os segundos em sucessão, tal como as mensagens que tantos assimilavam em manada de missa? Demorou pouco para o ajoelhado sumir com o pensamento aleatório e se voltar ao seu objetivo. Ficou lá, murmurando orações e angústias, sentindo as pedras de suas costas se desfazendo em areia. Ao sentir seu suficiente, levantou o corpo e declarou:

-Tenha uma boa tarde, padre Raul. Realmente preciso sair mais cedo.

-Deus lhe abençoe, meu filho.

Foi insignificante o meio tempo entre o virar de Basílio e o alcance da saída. Se virou para se benzer e retomou seu caminho até as escadas da igreja com escassas plantas, essas sim bem enraizadas. Percebeu seu lugar naquela penumbra de anoitecer nublado e teve medo, olhando para vários lados. Que felicidade. O carro estava ali, visível na praça. Quando já se dirigia ao que queria, foi abordado:

-Doutor, me dá uns trocados pra pão?

Basílio olhou, mas não deu retorno em palavras. Estava processando a imagem da mulher baixa, de olhos assustados e cabelos sujos. Um lençol tão gasto quanto sua bermuda e camisa cobria do ombro à cabeça. O asco disparou em seu interior.

-Por favor, não comi quase nada hoje. Tô tendo que passar no lixo.

Pediu outra vez. Agora Basílio pode dar com o desbotado de seus dentes. No entanto, também pudera sair da emersão e pensar um tanto a respeito. Por fim, lançou uma resposta logo depois de lançar a mão no bolso.

-Estou dando. Mas olhe lá, não gaste dinheiro com droga.

-Deus lhe ajude. Você precisa, ela precisa.

O fim daquele diálogo foi trazido com pouca atenção pelos sentidos de Basílio. Quando percebeu a última frase, logo se arregalou, mas era tarde. Quem tinha falado já não estava no campo de visão.

Mas logo ele ganhou mais motivos para se perturbar. Vira uma ave horrenda, de bico sem ponta com pele vermelha juntando os olhos feito pequenas máscaras. O pato-do-mato voava em círculos, enquanto um grasnar insuportável saía de si e de outras duas criaturas idênticas se juntavam àquele estranho voo, baixo o bastante para Basílio espantá-las defensivamente. Conhecia as aves por gentileza do Moscoso e de outros parques da cidade. Pareciam domesticados, mas se olhasse bem, eram de uma identidade a parte,

saindo dos mangues e matas para se comprimir nas ruas, assim como os humanos se comprimiam em ilhas como aquela, se misturando até criar uma identidade nova.

O fato é que mesmo familiarizado, não aguentou ver aqueles animais grasnando em sua frente como se zombassem loucamente. Quis se satisfazer vendo o grupo se retirar em separado para árvores da proximidade. Quando estava desembolsando a chave do pequeno fusca, ouvira novamente. Dessa vez, vozes agudas, em ritmo descontrolado:

- A cabeça está esburacando!
- Água há de vir! Tem de vir!
- O guardião largou a farda?
- Nada disso! Voltará a vesti-la!

Cena II

A Avenida República estava quase vencida, assim como os fantasmas do Centro. Basílio estava em ânsia com a chuva caindo naquela ilha. A cada gota que caía nos vidros, lhe vinha à mente algo horrível. Certamente estava desgastado com a mãe, pessoa que se deixava digerir pelo Alzheimer. Era uma absorção lenta, como se aquela senhora estivesse no estômago de uma besta intangível. Seria cada lembrança que a fazia como uma gota daquela chuva? Fugindo para os bueiros? O conhecimento que acumulou como modesta professora, as dores e prazeres, os nomes das noras, netos, dos filhos que criou sem o marido, incluindo ele mesmo? De tanto dividir a cabeça com esses pensamentos, os olhos de Basílio imitaram a chuva em progressão. No entanto, precisava se despir de sentimentalismo para seguir com o trânsito, agora em sinal verde.

Já era uma noite bem-feita quando o destino foi alcançado, depois de adentrar o bairro e descer ladeiras acomodadas com as rochas. A pequena casa do Tabuazeiro tinha apenas um andar e um terraço e era o

lugar no qual a mãe de Basílio se recolheu para a aposentadoria. Quando saiu do carro, o visitante teve sua atenção chamada. Bem na borda do terraço, um pato escuro chamou sua atenção. O danado era enorme e deselegante, dava duas daquelas aves que espantou perto da Igreja do Carmo lá no centro da cidade. Grasnava com asas agitadas, como um desesperado tentando dar aviso. Sua vista bem parecia se lançar com profundidade na vista de Basílio. Lhe remetia a uma idosa ameaçadora, querendo lhe manter longe da porta. O chuveiro caía e ele se sentia impelido a ter essa atitude. Era como tomar culpa do próprio inconsciente e dores de outrem.

De repente, no entanto, Basílio sente raiva de si. O que aquela pata poderia lhe fazer? Mesmo que fosse algo, não ia ganhar ficando parado. Como a esperança equilibrista, sabia que show de todo artista tem de continuar. E a porta lhe lembrava do que estava devendo, por onde deveria começar.

-Olá Basílio, tudo bom?

Lançou-se uma voz. Era Jacira, uma das cuidadoras que Basílio e os irmãos se viravam para pagar.

-Tudo, Jacira. Onde está mamãe?

-Lá no quarto. Eu já ia levar para dar banho.

-Não precisa, eu dou hoje, já que estou aqui.

Respondeu sem pensar duas vezes. O desejo de contato maternal dispensava explicações.

Quando Basílio pôde entrar no quarto, finalmente deu com a mãe. A senhora estava sentada na cama, encarando o armário. Estava de pijama, talvez desde ontem de noite.

-Oi mãe, como vai a senhora?

Disse, dando um beijo na bochecha ao mesmo tempo que um tímido abraço. Em reação, ela respondeu, arregalada.

-Quem é você?

Por essa, Basílio não esperava. Não tão cedo. Por dentro, estava jogado no chão ao saber que estava sendo apagado de uma existência. Teve vontade de marejar os olhos. Mas não se deu por vencido:

-Sou seu filho do meio, Basílio. Lembra que você me puxava como um menininho, não aguentava quando eu gritava com uma menininha menor?

-É mesmo? Que danado...

Respondeu sorrindo, como se não estivesse prestando atenção.

-Quer ir para o banho? Eu vou com você, vai ser bom.

Pois bem, o banho correu logo depois que as roupas foram tiradas. Basílio passava a esponja ensaboada com cuidado na pele, sob o som dos resmungos e do verdadeiro dicionário de repreensões que sua mãe lhe lançava. Aquele trabalho no qual estava se prontificando lhe parecia delicado e ele se desconfortava enquanto usava luvas e lidava com o corpo. As rugas, as pelancas, a força da insatisfação verbal. Estaria sentindo asco? Não. Isso nunca. Sua mãe o aguentara naquela situação uma infinidade de vezes e teria de retribuir esse bom sacrifício em qualquer hora. Danem-se as rugas, as pelancas, as palavras. Aquela era a mulher que o criou. Depois que a espuma alcançou todas as partes, o chuveiro foi posto para chiar, numa imitação tímida do que voltava a acontecer do lado de fora.

-Eu quero sair daqui, estou com fome!

Disse Marília, já enrolada em toalhas.

-Tenha calma, mamãe, só falta você se vestir.

-Hoje vai ter polenta?

-Não, vai ter *canjica, que você gosta muito.

-Mas eu nunca provei, menino!

-Não tem problema, eu te mostro.

Enquanto movia a senhora pelo corredor mais uma vez, o medo retornou a Basílio quando ele ouviu um novo barulho, semelhante a um

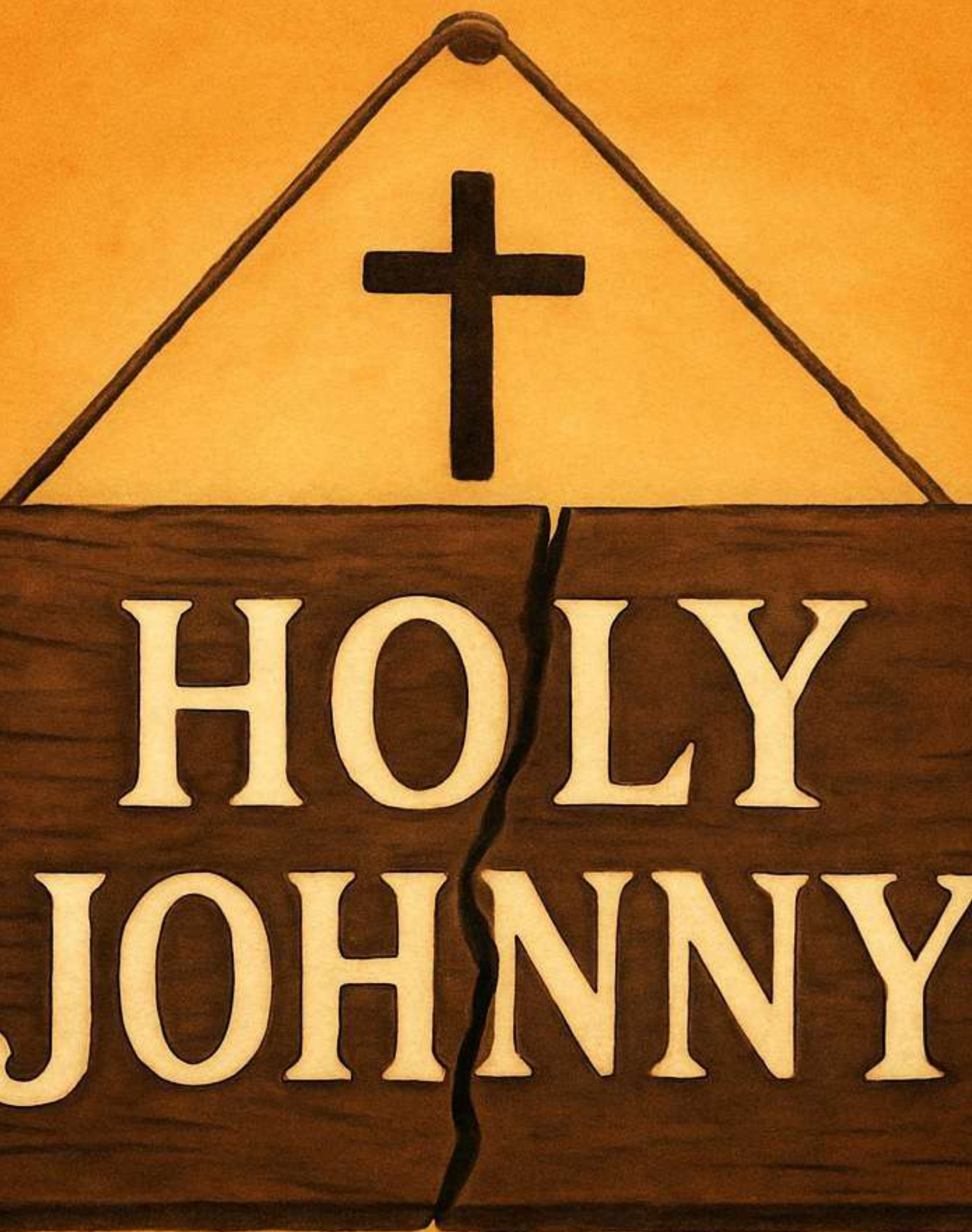
debater. Perto que estava de uma janela do quarto, viu um vulto tomando voo, preto com detalhes brancos. A ave, ao que parecia, tinha mergulhado para fora do terraço. Basílio não resistiu a sorrir triunfante, diante da criatura agourenta que desistiu de assombrar. Deve ter voltado para as próprias fofocas, a danada, ou quem sabe passado num cemitério para revirar cadáveres. Mas essa sina não lhe importava, o que ele queria era comer o creme de milho branco, desfrutando a companhia da mãe e de Jacira. Muitos agouros ainda lhe viriam, mas ia lutar contra eles. Nessa guerra, qualquer sorriso, qualquer correspondência de sua criadora já lhe daria um gosto de triunfo. Lhe bastava aproveitar.

*aqui usado como sinônimo de mucunzá: prato feito à base de milho cozido.

Eduardo Vago



Eduardo Vago, também respondendo por Eduardo A. Vago Pereira nasceu em 01 de setembro de 2000. Embora tenha começado a vida na cidade de Mundo Novo, Bahia, mora em Salvador devido à vida universitária. Atualmente, está graduado em Ciências Sociais pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) e cursando o Mestrado em Antropologia pela mesma universidade. O interesse pela cultura, política e pelas marcas que ambas deixam nos rumos de todos é um rio que corre em paralelo com sua veia artística, incansavelmente traduzindo as faces da existência por meio do verso e da prosa. É autor do livro *Corpo Sem Freio e Outras Impressões* (2022), publicado pela Editora Viseu. Quanto ao terreno digital, costuma divulgar as próprias produções através do perfil de Instagram @autor_eduvago. Sua inspiração para a escrita vem da divisão que sempre lhe rondou: entre referências do Nordeste e do Sudeste, entre a introspecção e a curiosidade, entre as lições do passado e as necessidades do futuro.



GERAÇÕES

John “Holy Johnny” Barnes estava inquieto naquela manhã. Seria sua primeira batalha, lutando ao lado de colegas combatentes que falavam um idioma diferente, e rodeado por forças inimigas que haviam destruído cidades inteiras nas últimas semanas. Suas mãos tremiam ao segurar o fuzil, enquanto o caminhão chacoalhava incessantemente ao cruzar a precária estrada rumo ao nordeste do país. O mercenário fazia uma oração não muito silenciosa, que irritava os outros soldados e, ao mesmo tempo, era pouco apropriada para a ocasião. Esse seria o batismo de sangue de Holy Johnny, que sonhara com o púlpito da igreja, mas abraçou as máquinas de morte.

John Barnes nasceu e cresceu em uma pequena cidade no interior do Arkansas, rodeado por pessoas humildes, que lutavam para sobreviver, e por animais em uma fazenda pobre e assolada por traumas. Desde cedo, aproximou-se fervorosamente de uma comunidade de protestantes, que o encaminhou nos ritos iniciais da fé e dos mandamentos. Domingo após domingo, o filho caçula da família se desgarrava dos irmãos para ir à missa e orar pelos famintos, pelos doentes e por aquelas cuja alma havia sido maculada pelas decisões de vidas errática. A fé inabalável e a dedicação às escrituras renderam-lhe logo cedo o apelido “Holy Johnny”, dada sua natural inclinação para a vida religiosa.

Johnny era o orgulho da mãe, por conta de suas atitudes sempre orientadas para o bem comum; mas era o desgosto do restante da família, que o considerava fraco e afeito a tarefas “não muito masculinas”, nas palavras de um dos irmãos. Havia, evidentemente, um comportamento machista no ambiente familiar, que espelhava o modo de vida tradicional dos *red-necks* daquela parte do país.

O problema é que, no caso de Holy Johnny, havia um agravante. Sua família era repleta de exemplos ligados às forças armadas. Seu avô serviu no Vietnã, onde foi alvejado na perna direita durante a confusa e sangrenta Ofensiva do Tet, que

deixou mais de 100 mil mortos e feridos de ambos os lados do conflito. Ao regressar à América, com uma sequela permanente e uma medalha no peito, foi tratado como herói pelos vizinhos. O pai, por sua vez, enfrentou a rápida, porém intensa, Guerra do Golfo, quando integrou a primeira equipe de soldados norte-americanos a desembarcar no Kuwait, sob a benção do rei Fahd, na tentativa de expulsar o exército iraquiano. Ainda que não tenha se ferido e nem realizado algum feito notável, também foi coroado em seu regresso para o Arkansas.

Holy Johnny, que nasceu na década de 2000, como último filho da família, viu dois irmãos embarcarem também para o Oriente Médio, a partir da deflagração da Doutrina Bush, para combater supostos terroristas no Afeganistão. A exemplo do pai, não voltaram mutilados e nem glorificados por medalhas reluzentes no peito, mas trouxeram graves sequelas emocionais, que os impediu de retomar os estudos e encontrar empregos regulares - mas, mesmo assim, contavam com abraços fraternos, tapas nas costas e menções orgulhosas em todas as reuniões de família. John, por sua vez, enfrentava o desprezo especialmente do pai.

— Reza nenhuma salvou a América até aqui, moleque — repetia o pai, um homem amargo e violento, possivelmente como trauma das experiências da guerra. — Você precisa fazer como seus irmãos: lutar pra defender os inocentes!

Holy Johnny fingia não se importar, da mesma forma como dava de ombros para os colegas da escola, que usavam expressões não muito elogiosas para chacotear seus hábitos religiosos. Mas, no fundo, cada crítica soava como a estocada de uma baioneta no peito. No fundo, ele sonhava

com a aprovação da família, dos vizinhos e dos amigos. A adolescência e o início da idade adulta foram momentos de muito sofrimento, sobretudo quando todos começaram a se distanciar a John por conta das suas escolhas, que, por sua vez, o afastavam cada vez mais da cultura tradicional das pessoas daquela região - a exceção dos grupos religiosos.

A tradição militar estava entranhada no DNA da família e da própria região em que morava, como se fosse uma espécie de herança inescapável: quem ousasse negá-la, sofreria as duras consequências sociais.

A pressão de manter o legado da família atormentava Holy Johnny. Ao completar 22 anos, ainda franzino, pouco eficiente nas tarefas da precária fazenda, e sob o olhar cada vez mais crítico do pai, dos irmãos e dos vizinhos, ele sabia que precisava provar seu valor, inclusive para si mesmo: tantos anos de dedos em riste fizeram com que passasse a duvidar de si, e as palavras de consolo do pastor Joseph há não eram mais suficientes para devolver-lhe as noites de sono.

Sem realmente entender as nuances e complexidades da guerra, tomou uma decisão intempestiva e arriscada, que o levaria para uma chuva de sangue - literalmente: Holy Johnny se alistou como mercenário para defender a Ucrânia, que desde fevereiro de 2024 era atacada por tropas russas, que àquela altura já haviam assumido o controle de partes do território ucraniano.

— Ninguém nem sabe onde fica essa Ucrânia, moleque. Essa guerra não é nossa — censurou o pai durante o jantar, enquanto lambia os dedos engordurados. A mãe, aos soluços, apenas temia pela vida do filho caçula. — Mas pelo menos isso vai te ensinar a ser um homem crescido como seus irmãos.

xxxxx

O treinamento na Ucrânia foi rápido, mas intenso e brutal. Holy Johnny, acostumado à segurança de seu lar e do frescor da igreja, agora

enfrentava um cenário de caos e desespero. As semanas que passou sob instruções rígidas foram um pesadelo constante: cada dia era uma batalha contra seus próprios medos. Os ossos frágeis dos braços pareciam que se partiriam sob o tranco dos disparos do rifle, e os comandantes, no fim, sabiam que aquele garoto seria apenas carne de canhão. O campo de treinamento era um lugar frio e desolado, onde a vida e a morte se encontravam a cada sombra. Johnny orava todas as noites, pedindo a Deus que o protegesse e lhe desse força, e que, se possível, colocasse fim àquele conflito.

Então, o dia chegou. Era uma terça-feira. O tempo estava frio e nublado, com grossas gotas de chuva desabando esporadicamente - sinal de que uma tempestade poderia surgir a qualquer momento.

O caminhão chacoalhava enquanto enfrentava a estrada destruída pelos blindados russos, rumo à Dombass, região tomada à força pelas tropas de Moscou. O objetivo dos mercenários sob a bandeira da Ucrânia era tentar retomar o controle de uma estrada vicinal, importante para dar acesso às tropas de assalto pesado. O veículo parou, perfilado com outros caminhões, que, juntos, desovaram jovens mercenários vindos de todos os cantos do mundo: França, Uruguai, México, Brasil, Estados Unidos. E Holy Johnny foi jogado, enfim, em sua primeira batalha, com o coração disparado e a mente tomada por um turbilhão de pensamentos. O peito arfava com dificuldades, causadas em parte pelo medo, mas em parte pelo peso do equipamento.

Após uma curta caminhada até um conjunto de casas semi-destruídas, o silêncio tenebroso foi finalmente rompido pelos barulhos da guerra. Subitamente, balas começaram a zumbir ao redor do jovem soldado. O barulho era ensurdecador, superado apenas pelos gritos de dor dos feridos. Ele se viu correndo em direção a um abrigo precário, de onde poderia se proteger e mirar nos inimigos - como aprendera nos treinamentos.

Comandantes gritavam ordens incompreensíveis, já que ele não entendia o idioma local de forma apropriada. Holy Johnny aparentemente estava apenas desperdiçando projéteis a esmo, já que não conseguia identificar a localização dos russos. E, perto dele, mais colegas mercenários eram alvejados e mortos.

Foi então que aconteceu. Para a surpresa dos combatentes de ambos os lados, o céu, antes cinzento e ameaçador, começou a derramar uma torrente de sangue grosso, que rapidamente encharcou o campo de batalha. Holy Johnny sentiu as gotas caírem sobre seu rosto como um sinal divino, e automaticamente olhou para cima. A tempestade vermelha inundou a rua, tingindo tudo ao redor com um tom macabro e

surreal. Ainda assim, o silvo dos disparos não cessou, e a violência do confronto seguiu.

Subitamente, Johnny caiu de joelhos, mesmo sem ter sido baleado. Seus olhos arregalados não escondiam lágrimas, e as mãos faziam reverências solenes aos céus - enquanto os combatentes russos tomavam controle de uma posição elevada. As gotas de sangue pingavam sobre ele, misturando-se com a terra e a lama e, em meio ao caos da batalha, Holy Johnny levantou os braços requisitando uma improvável atenção celestial, e, trêmulo, entoou uma mensagem.

— Senhor, perdoe-nos — gritou para os céus, surpreendendo a todos, com a voz quebrada pela emoção. — Este é um sinal. A guerra precisa acabar agora. Não podemos continuar assim essa matança.

Todavia, guerras não se pautam por sinais divinos. Enquanto Holy Johnny pedia que, por obséquio, mercenários e russos cessassem fogo em meio à chuva de sangue, um projétil o atingiu no peito, perfurando o colete e se alojando próximo ao coração. Alguma artéria se rompeu imediatamente. Ele caiu para trás, com o corpo encharcado de vermelho - dos céus e de seus pulmões -, e os olhos fixos no céu que chorava sangue.

A batalha continuou ao seu redor, implacável e indiferente à morte daquele jovem religioso que saiu do Arkansas para provar seu valor em um conflito além da compreensão do pai e dos irmãos. Para Johnny, a luta estava terminada. Sua alma, carregada de temor e esperança, subiu para encontrar seu Criador, deixando para trás um corpo sem vida, um jovem que buscava cumprir um destino que nunca fora realmente seu.

Naquele campo de morte, a chuva de sangue continuou a cair de forma abundante, como um lembrete sombrio e inexplicável do custo da guerra e da fragilidade da vida humana. Os homens lutavam, morriam e rezavam, enquanto o céu parecia chorar por todos eles.

Rodrigo Gallo



Rodrigo Gallo é cientista político, professor universitário e escritor de ficção e não-ficção. Seu primeiro livro de contos, “Kairós”, foi lançado em 2003 (editora Flyve) e ganhou os prêmios 4º World Book Review Awards 2023-2024 (Melhor Livro de Contos e Crônicas), Troféu Maurício Vaitsman de Literatura 2003 (Melhor Livro de Narrativa Curta), Prêmio Inspirações 2024 (Melhor Livro de Contos) e Prêmio 20 Destaques Literários 2023 (Melhor Livro de Contos). Além disso, publicou cerca de 80 contos em antologias diversas, alguns dos quais foram premiados em alguns concursos, como 1º Prêmio Singular de Literatura 2024 (“Encruzilhada”, na categoria Melhor Crônica), 1º Concurso Literário de Microcontos 2024 (“Medo”), 2º Prêmio Carnage de Literatura 2024 (“Liberdade”, na categoria Melhor Conto de Ficção Científica), dentre outros. Instagram: @rodrigo.gallo1982.



O ABRAÇO DA FÊNIX

Eu sempre enfatizo a frase:

Basta um dia, para mudar a vida; para o bem ou mal! - e nunca, isso, foi tão verdadeiro; pois, aconteceu comigo!

No final de um domingo, exatamente dia 13/04, após um dia de muitas atividades, sorrisos e cumplicidade; enquanto me vestia após o banho, pude perceber algo estranho no seio direito. Uma irregularidade que não estava ali!

No primeiro momento, lembrei-me do cirurgião plástico que me alertou na última troca das próteses de silicone:

“Fica tranquila, que essas próteses são de uso vitalício! Não é previsto que se rompam! Porém, se o acaso ocorrer, elas não escorrerão pelo seu corpo! Ficarão concentradas na textura de gel no local da ruptura!”

Imediatamente, mostrei ao meu marido, agregando a novidade à informação. Fomos dormir sem muita preocupação; mas, já com a certeza de que seria necessário substituir o silicone uma vez mais; a quinta cirurgia para ser mais específica!

Estávamos tão certos com o nosso diagnóstico que decidimos agilizar o processo... Meu marido, então, sugeriu que eu, aproveitando meu convênio médico, marcasse uma consulta com um profissional do plano para conseguir as requisições dos exames.

- Para a troca das próteses, provavelmente, uma ultrassonografia e exames de sangue, resolverão! - ele afirmou.

- Farei isso amanhã, sem falta! - respondi.

E agi de acordo com o combinado. O nome do profissional foi quase um jogo infantil de uni-duni-tê! - consegui marcar um horário na mesma semana.

Engraçado, é que duas semanas antes, conversando com meu amor, do nada eu disse:

Você se prepara, porque nesta Páscoa algo muito grande virá, mudando as nossas vidas para sempre! - juro que foi verdade.

Resolvemos compartilhar a nossa experiência aqui, sem querer apontar um caminho... Cada história de câncer é única! As pessoas não têm tumores idênticos; cada corpo reage da sua própria maneira. A dor não pode ser mensurada; o medo não é compatível às estatísticas! O emocional flutua nesse cenário com altos e baixos que comprometem o discernimento. Queremos apenas mostrar com a vivência que tivemos, que o inevitável está além do controle e o importante é manter-se unido à fé, aos princípios, ao amor; de mãos dadas!

Esse é o começo da cura!

Fomos, às cegas, ao consultório; digo isso, porque não tínhamos nenhuma informação sobre o profissional e naquele momento, não nos parecia importante! A espera foi longa, apesar do horário marcado. É comum, sobretudo em hospitais, olhares trocados na sala de espera. Um sem querer unânime que torna o jogo comum; os pacientes, que aguardam serem chamados, entreolham-se, talvez tentando adivinhar o que cada um carrega sobre os ombros para estar ali. Não se ouve conversas, apenas alguns sussurros aqui e acolá!

Fomos chamados e entramos no consultório de mãos dadas. A médica nos olhou de cima a baixo, visivelmente intrigada.

- O que os traz aqui? - perguntou sem revelar simpatia.

E, sem querer, talvez pelo nervosismo e inquietação tive o impulso de responder:

- Viemos comprar pão! Aqui não é uma padaria? - porém, engoli a brincadeira e o riso frouxo que sempre está agregado à insegurança e medo.

Comecei a contar que havia notado algo irregular no seio direito próximo ao mamilo e para me blindar, já relatei meu primeiro raciocínio a respeito, com a suspeita do rompimento da prótese do silicone.

A médica me olhou fixamente, olhos de loucura, quando afirmou:

- Não existem próteses rompidas!

Foi minha vez e oportunidade de retribuir-lhe o olhar!

- Como assim? - pensei - Se aconteceu anteriormente comigo?

Mas, antes de eu retomar o fôlego e responder-lhe algo, ela interrompeu meu silêncio e acrescentou o que me abalou mais ainda:

- Apesar, que eu tive esse problema no passado! Fui fazer um exame e minhas próteses estavam totalmente dilaceradas!

Eu apertei a mão do meu marido para que ele percebesse minha estranheza ao relato.

Depois, ela perguntou se fazia algum tratamento ou tomava medicação regular. Expliquei, com poucas palavras, que medicação diária somente para a tireoide e acrescentei que me tratava com constância com um médico do esporte. Para quê?

A médica fazendo caretas, sacudia a cabeça de um lado para o outro, até dizer:

- Médico do esporte? Não! Não! Não! Eles são horríveis! Para que alguém os escuta?

Achei antiético, preconceituoso e deselegante! Afinal, um médico da área do esporte não fez a mesma faculdade de medicina que ela?

Daí, decidi me calar de vez! Percebi que seria imprudente argumentar com ela.

A médica apontou a mesa de exames e requisitou que eu me despisse da cintura para cima. A profissional apalpou o nódulo sem tocar no outro seio para compará-los e somente mencionou:

- Eu não sinto vontade de ficar tocando o local! Não é algo que me deixe nervosa! Pode se vestir!

E afirmando não acreditar que pudesse ser um problema grave foi logo me entregando os requerimentos para a ultrassonografia, a ressonância magnética e para a biópsia! E não solicitou exame de sangue!

Antes de sairmos, estendeu a mão com seu cartão pessoal, avisando que sua secretária faria contato e as próximas consultas não seriam ali! Agradei e saímos de lá sem olhar para trás...

Precisamos de tempo para organizarmos o que foi dito na consulta ou o que faltou explicação; portanto, naquela noite, sentamos para conversar. Eu e meu marido temos esse hábito a vinte anos; tempo que estamos casados. Nada fica oculto ou é varrido para baixo do tapete. Talvez seja a nossa fórmula para um relacionamento verdadeiro e feliz!

- Amor, eu estou me sentindo completamente perdida! Você notou a falta de coerência e ética da médica? Foi uma sucessão de erros, a meu ver!

- Realmente a consulta foi muito ruim e certamente essa médica não nos verá de novo; independente do resultado dos exames! O importante é que já temos a requisição do ultrassom e esse é o próximo passo! A partir daí, veremos o que fazer! Se precisarmos, iremos procurar outros profissionais! Fica tranquila, meu amor! Você não está sozinha!

E como é usual para nós, guardamos um ao outro; nossos sentimentos, com gentileza e empatia.

Eu nunca aceito quando alguém atribui o nosso casamento à sorte! Não concordo porque sorte parece ser coisa do acaso! E não se aplica, nem um pouco, ao que escolhemos viver. Justamente isso, nós somos responsáveis totalmente pelas escolhas que fizemos desde o início e por mantermos nossas promessas e conexão vivas! Nosso casamento é bem estruturado, não deixamos arestas soltas! Cuidamos um do outro com zelo, empenho, dedicação e extrema atenção! A fórmula é fácil: Você respeitará o outro e será respeitado ou não haverá relacionamento possível! E podemos provar e garantir que dá certo! Enfrentamos juntos o maior pesadelo da vida, além do aprendizado; porque são os momentos difíceis que nos fazem crescer, aumentamos de forma inacreditável nossa cumplicidade, união e amor! Se antes parecíamos inseparáveis, hoje nos tornamos apenas UM!

Apesar de todo o apoio que encontramos um no outro; eu que tive no passado diagnóstico de depressão, fui tratada com terapia e medicação por dez anos até receber alta, precisei reconhecer que a doença - considerada sem cura - é possível retornar em situações mais sensíveis! E está tudo certo! Aprendi nas consultas a enxergar a vida com objetividade e a não cair nas ciladas que a mente constrói. Poucos sabem, mas tive uma infância conturbada; sofri perdas irreparáveis no início da fase adulta e fui obrigada a transpor grandes obstáculos.

Uma das técnicas mais utilizadas para não se perder o controle da situação é eleger seu "ponto de apoio"; alguém em que possa realmente confiar e contar. Essa figura de extrema importância deve ser quem seu coração apontar! Claro, para mim é meu marido. Ele já conhece as fraquezas que possuo e sabe as lutas que tive; não preciso fingir a força que não tenho! Posso admitir meus limites e aceitar que sou, às vezes, frágil! Com

ele sou totalmente honesta até porque nossos anos juntos propiciaram tal transparência. Não tenho medo de mostrar minha verdadeira versão! E essa atitude é recíproca!

- Amor, tentarei expor com detalhes, o que está me atormentando! Reconheço que soará como desespero, com pitadas de exagero; contudo, meu coração parece esmagado! Quando enfrentei situações horríveis no passado, eu não conhecia a felicidade. Não tinha medo porque o que possuía era muito pouco. Hoje eu tenho tudo ao seu lado e meu maior temor é perder a vida que estamos construindo! Temos tanto por fazer!

- Calma! Ainda não temos a certeza do pior! E, se algo ruim acontecer, lutaremos contra! Eu já disse um milhão de vezes que não está só! Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance por você! Sua vida é minha também! Seus problemas são meus! E sua dor, dói em mim com a mesma intensidade!

- Estou sentindo que a depressão voltou! Reconheço os sintomas! E não poderei resolver essa questão sem ajuda!

- Você a terá! Da forma que melhor se encaixar na situação!

- Obrigada, meu amor!

Naquela noite, ele recebeu no celular a seguinte mensagem que enviou:

"Obrigada pela luz que você me traz; pela paz com que me abraça, deixando meu coração tranquilo. Obrigada pela beleza dos seus sentimentos que tornam tudo simples e mais fácil. Obrigada pela nossa união e a cumplicidade que só soma e não permite que percamos nada. Obrigada pela diversão e os sorrisos que encantam. Obrigada pelas surpresas constantes. Obrigada pela magia que nos envolve em pura felicidade. Obrigada pela sua força que nunca me desampara. Obrigada pelos belos

momentos; mas, principalmente, pela vida ao seu lado! Obrigada pelos abraços que me reiniciam. Obrigada por me olhar como preciso ser notada. Obrigada pelo apoio e compreensão perfeita e infinita. Obrigada pelo amor verdadeiro que me faz crer que o melhor sempre está por vir... Porque é cada vez melhor com você! Obrigada! Obrigada! Obrigada!”

E por causa da depressão, decidimos guardar silêncio. Resolvemos contar somente para os filhos, nora, genro, para minha sogra e amigos que são família. Ficaria mais difícil administrar dúvidas, medos, incertezas com grande exposição.

Eu me sinto normal! Tento olhar para dentro e não enxergo nenhuma enfermidade! Porém, os resultados dos exames sempre chegam com má notícia!

Durante a noite, acordo diversas vezes e quando me lembro da situação, meu coração parece explodir de tanta tristeza! Está sendo a pior fase da minha vida e acredite, já sofri bastante! Passei fome, fui humilhada de maneiras diferentes, agredida física e verbalmente! Espero um milagre! Peço sem trégua para que Jesus Cristo me salve! Se ele o desejar, estarei curada!

É como se estivesse em uma estação de trem, vendo as pessoas embarcarem aos seus destinos e eu fico paralisada, sem poder continuar aguardando uma resposta e um sopro de vida!

A verdade é que tudo está nas mãos de Jesus Cristo! Nenhuma folha cai da árvore sem o seu consentimento!

O tempo passou se arrastando ao máximo! De lá para cá foi uma sucessão de exames e médicos errados até chegarmos naqueles que consideramos anjos! Fui operada no dia 09/06 por uma mastologista e também

um cirurgião plástico para fazer a reconstrução dos seios. Porque um dos tumores estava perto do mamilo, tiveram que removê-lo para posteriormente, recolocá-lo. Com isso, o seio saudável também precisou ser operado! Retiraram um quarto do seio direito, com margem de segurança que é crucial nesses casos! O cirurgião aproveitou e trocou as próteses que estavam antigas, com dezoito anos! A médica, ainda, retirou dois gânglios da axila e ambos tinham células do câncer e um, estava rompido!

Agora, já estou tomando medicação oral para impedir que o problema volte! Farei isso por cinco anos! E estou aguardando a total cicatrização da cirurgia porque preciso fazer de cinco a oito sessões de radioterapia! Para completar o tratamento, tomarei um remédio que eliminará qualquer célula comprometida no corpo por também cinco anos! A quimioterapia foi totalmente descartada porque a essência dos tumores não reage a ela.

Meu marido tem sido extraordinário! Acompanhou todos os exames dentro das salas e não soltou minha mão um só segundo! Além disso, vendeu o carro para arcar com os gastos! Um grande homem! Que ensina pelas atitudes e palavras como a vida pode ser encarada com mais leveza apesar da seriedade que se faz necessária!

Eu disse a ele, que quando estiver livre desse processo, a primeira ação será abraçar aqueles que amo e agradecer adequadamente a Jesus Cristo por me dar nova chance!

E as cicatrizes que restarem, serão apenas uma lembrança da minha vitória!

Simone & Alexandre Fraenkel



Simone é paulista e Alexandre, gaúcho; o encontro se deu em Florianópolis onde vivem, casados há vinte anos. A harmonia entre os dois de tão perfeita reflete-se nas histórias que escrevem, sempre a quatro mãos. Gostam de trocar ideias com leitores interessados em saber como criam suas obras. E adoram dividir suas experiências de viagens. Viajar é paixão de ambos! "Costumamos dizer que durante o dia somos pessoas normais, iguais a qualquer outra; na madrugada, emprestamos nossas almas para darmos vida aos diversos personagens que criamos!". "Nosso interesse é entreter; oferecer elementos para o leitor sentir-se parte da trama! Para as nossas histórias ecoarem em seus corações o maior tempo possível!".



A MÃE (NÃO É A DE GORKI) ¹

A mãe de Serguei foi abandonada por seu companheiro de longa data, um gordo e alegre bielorrusso, gerente de caixa de banco.

Ao se despedir, deprimido, disse:

- Irina, conheci uma paixão avassaladora e tenho que lidar com esse sentimento agora. Você é única e excepcional, espere por mim, se puder.

A rádio fofoca da vizinhança relatava que essa paixão avassaladora tinha endereço, uma moça de vinte anos com um gigante airbag.

Irina fez as malas e foi para Berlim morar com seu filho, o qual há muito tempo não via. Serguei, naturalmente, ficou feliz, mas se encontrava diante de um grande desafio, ou seja, dois empregos, faculdade e agora uma mãe em crise. Inicialmente, essa mãe não chamava atenção dentro dessa situação caótica. Ela passava a maior parte do tempo na cozinha, cantarolando canções folclóricas russas:

“Quando eu morrer,
Quando eu morrer,
E for sepultada
Nenhuma alma penada chorará por mim.”

Ela precisa urgentemente de um novo namorado, pensamos. Sugerimos para o nosso vizinho a ideia de colocar um anúncio no jornal russo: “Simpática mulher russa, 53 anos de idade, gostaria de conhecer um homem

inteligente, sensível, criativo, a partir dos 45 anos e não um tarado qualquer de traseiro grande”.

Logo após o primeiro dia da publicação no jornal, vieram as primeiras ligações. Irina não atendia o telefone, mas a autoestima dela melhorou consideravelmente. Ela não ficava mais sentada na cozinha curtindo sua melancolia, ao contrário, pairava pelo apartamento cantando antigas canções socialistas:

“Tudo é possível, tudo pode ser alcançado.”

- Irina, você não pode deixar essas pessoas no vácuo, você tem que atender as ligações” - falávamos constantemente.

E, de fato, após dois dias ela começou a atender o telefone.

- Sim! Não! De que anúncio o senhor está falando? Deve ser engano. Como é mesmo o seu nome? De Nova Sibéria? Que interessante, eu já estive lá uma vez.

Esse foi o primeiro senhor que conseguiu conquistar a confiança de Irina: um tal de Ivan da Nova Sibéria, campeão de Biatlo² em 1969.

Irina marcou um encontro com ele, mas no dia marcado não conseguiu sair do apartamento, permaneceu na cozinha fazendo suas unhas, cantando alegremente canções que enalteciam a época soviética.

- Mamãe, talvez esse seja o seu destino. -, falou Serguei de forma cautelosa- Talvez ele não ligue mais.

- Quando se é o destino, meu querido filhinho, então com certeza ele vai ligar uma segunda vez- , considerou a mãe de forma filosófica.

Ivan, da Nova Sibéria, ligou novamente. Irina explicou que no dia do encontro estava sobrecarregada de compromissos e eles marcaram um novo encontro.

Dessa vez, de fato, ela compareceu. Porém, nessa noite não voltou para casa, nem no dia seguinte. Serguei mencionou que tal coisa já teria acontecido anteriormente em sua cidade natal, Gomel. Mesmo assim, nós e o Serguei ficamos bastante preocupados, pois, em certo sentido, nós nos sentimos responsáveis por ter empurrado a mãe para esse turbilhão de romance de jornal.

Do Ivan da Nova Sibéria não havia sinal. Tampouco havia um número de telefone ou endereço. Serguei foi à delegacia de polícia registrar um boletim de desaparecimento.

No momento em que voltou para casa, sua mãe reapareceu. Ela não conseguiu, de forma alguma, entender nossa preocupação e se recusou a contar qualquer coisa sobre o seu paradeiro nos últimos três dias. Somente isso: O Ivan dela quis mostrar-lhe sua coleção de medalhas e taças de Bi-atlo e isso levou esse tempo todo. Ela o definiu de forma geral como “acrobático demais”.

Na sequência, indiscriminada, ligaram: um inteligente professor de Potsdam que desejava apresentar a ela a sua cidade e a convidou para o teatro; um chef, de Charlottenburg, que cozinhava apenas por hobby e queria convencê-la a tomar um chá verde. Nesse ínterim, com espaços regulares, o “acrobático” Ivan de Nova Sibéria ligava, e queria se mandar

com a Irina para um campeonato de Biatlo na cidade Hammarskjold, na Noruega.

O clube de interessados pela mãe crescia continuamente, o telefone da república estudantil russa estava constantemente ocupado.

Eis que, em algum momento, até o “falecido” chefe de caixa de banco da sua terra natal também ligou. Com uma voz chorosa, ele pediu a Irina encarecidamente que voltasse para ele, pois sua paixão avassaladora de grande airbag findou muito antes do esperado. Irina manteve seus planos de futuro em segredo perante o filho. Ela somente disse:

- Eu preciso de tempo para refletir.

Após um mês, Serguei contou que sua mãe havia voltado para a Rússia. Eu não conseguia acreditar.

Tudo era possível, tudo era viável.

Por exemplo, teria sido possível que ela tivesse descido do trem logo após Wannsee³ e ficasse agarrada em Potsdam com seu professor. O mais improvável de tudo seria a possibilidade de ela voltar para o chefe de caixa de banco em Gomel. Eu, como um velho fã de Biatlon, depositaria todas as minhas fichas no acrobata Ivan da Nova Sibéria.

Mesmo após meses, os rapazes da república continuaram recebendo ligações estranhas, vozes masculinas procurando por Irina.

- Ela não mora mais aqui”, respondia Serguei - Foi embora, mas talvez volte no próximo ano. Continue lendo os anúncios do jornal. Ah sim, pro senhor também. De nada. Até logo.

¹ O autor faz referência ao livro “A Mãe”, do escritor soviético Maksim Gorki.

² Esporte popular na Rússia, Noruega, Alemanha e República Tcheca.

³ Wannsee é um distrito que fica na cidade de Berlim.

SOBRE O AUTOR

WLADIMIR KAMINER

Wladimir Kaminer é um escritor e colunista russo que ficou muito conhecido na Europa, principalmente na Alemanha, por sua escrita leve e bem humorada. Apesar de ter nascido e estudado na Rússia, o escritor se mudou para Alemanha em 1990 e optou por escrever seus livros na língua alemã. Kaminer escreve sobre sua experiência na antiga União Soviética e sua vida como imigrante na Alemanha. A escrita do autor é única e leve, ele sabe misturar a sátira com a melancolia e o sarcasmo. Infelizmente, não é muito conhecido no Brasil, mas merece, com toda a certeza, a atenção do leitor brasileiro.

Anna Carolina Signorelli



Anna Carolina Signorelli, 35 anos, nasceu em Belo Horizonte. Formada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica, estuda língua russa desde os 19 anos e língua alemã desde os 22 anos. Morou em Berlim onde cursou língua e literatura alemã adquirindo certificado em língua alemã. Em 2015 ministrou o workshop de literatura comparada organizado pela AMPA no Hotel Otto em Vespasiano, MG. Em 2019 cursou e concluiu o curso de língua e literatura russa em São Petersburgo, também obtendo certificado reconhecido pela cidade de São Petersburgo, Rússia. Além disso, também traduz textos do russo, alemão e inglês para o português e do português para os três idiomas mencionados. Seu último trabalho foi a tradução para o português de poemas de Maiakovski e Rilke Maria Reiner. Além disso, já deu aulas de literatura fantástica, língua alemã e literatura russa. Já participou de cursos ministrados por grandes tradutores como Arlete Cavaliere, Bruno Barreto, Rodrigo Alves do Nascimento, Irineu Perpetuo Franco e Rubens Figueiredo. Instagram: @annaearussia.



A SOMBRIA

Keila é uma mulher de 25 anos, bela, solitária, depressiva e sem o tesão necessário para viver com ousadia. Mora apenas com seu pai, Roberto, de 57 anos, alcoólatra, infeliz e preguiçoso, pois sua mãe fugira com outro homem, deixando a filha de dez anos para trás. Aparentemente, a mãe desejava começar outra vida e resquícios de seu passado não eram bem-vindos. Havia também outro ser que morava na casa, mas esse era conhecido apenas por Keila, pois vivia entranhada em suas células, em seu cérebro e na sua alma. Ela chamava essa criatura de “A Sombria”. Keila não gostava dela, mas, as vezes era impossível contê-la, e nessas ocasiões, ela interferia diretamente em suas ações e em seus sentimentos.

Quando sua mãe fora embora, durante muitas noites permitiu que suas lágrimas encharcassem o travesseiro. E nessas noites tentava desesperadamente entender o motivo de não ter sido levada. Entretanto, quando as lágrimas secaram e a necessidade de obter uma resposta desapareceu, A Sombria se apossou da situação e fez com que o ódio se manifestasse. Esse sentimento, Keila admitia, lhe fizera muito bem.

Porém, na grande parte do tempo, Keila não sentia nada, não se permitia sentir nada, não se importava com ninguém, nem com seus colegas, nem com os clientes de seu trabalho, e muito menos com a mulher que lhe dera à luz e a abandonara. Sua maior preocupação era trabalhar, pagar as contas da casa, uma vez que o pai vivia de bicos e gastava o pouco dinheiro que recebia em bebidas. Gostava também de ouvir suas músicas, ler e sonhar com o dia em que abandonaria tudo e todos.

Keila morava em uma casa simples, com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, em um bairro simples localizado em uma cidade simples do interior de São Paulo. A casa fora herança de seu seus avós paternos, que

havam deixado para ela, a fim de evitar que o filho vendesse para gastar com bebidas e mulheres. Os avós, enquanto vivos eram carinhosos e a incentivaram a terminar o ensino médio. Porém, eles morreram em um acidente de carro quando ela tinha apenas 16 anos. O acidente, não apenas terminou com o sonho de cursar uma faculdade, mas também abriu espaço para que A Sombria ganhasse mais força. Nessa época, Keila arrumou emprego em uma lanchonete, onde trabalhou como atendente até o dia da decisão.

Keila trabalhava de domingo a domingo, evitava tirar folgas, tanto para ganhar horas extras quanto para evitar ficar em casa. Afinal, além de ganhar relativamente bem, ela ainda conseguia tirar gorjetas altas dos clientes homens, que não perdiam uma oportunidade de assediá-la com cantadas vazias e ridículas. Sentia nojo daqueles homens patéticos que tentavam provar a si mesmos que ainda eram jovens, belos e irresistíveis. Ainda assim, Keila conseguia manter as mãos deles longe de seu corpo e as vezes até esboçava um sorriso (ahh se soubessem o verdadeiro sentimento que havia por trás daquele sorriso) para conseguir as gorjetas. Mas era assim que conseguia pagar as contas e guardar um pouco de dinheiro todo mês em sua conta, afinal, pretendia, o quanto antes, abandonar o pai, aquela vida e sair dali de uma vez por todas.

No pouco tempo em que ficava de folga, Keila se trancava no quarto, colocava seu fone de ouvido e ouvia suas músicas preferidas e também sons da natureza, mais especificamente, sons do mar, que ela amava e sonhava em conhecer. Era um sonho pequeno, ela sabia, mas nunca havia conhecido uma praia, nunca tivera tempo para pegar um ônibus e passar alguns dias no mar. Por isso, quando ouvia aqueles sons, conseguia viajar e criar aventuras incríveis. Naqueles momentos, A Sombria parava de sussurrar palavras advindas do mais profundo fosso e Keila se libertava por um breve momento. Em sua mente, Keila entrava no mar, sentia a água

batendo em seu corpo, as suaves pancadas das ondas e até mesmo o gosto salgado da água em sua boca. Quando vivia essas sensações, ela sabia, em seu mais profundo âmago, que quando fosse dar fim à sua existência, certamente seria no mar, contemplando a imensidão do oceano. Morreria feliz sabendo que seu corpo pertenceria para sempre às águas gélidas, frias e misteriosas.

A Sombria sempre sussurrava em seu ouvido que ela era fraca demais, afinal, se ela não conseguia sequer afrontar o pai, ou deixar aquele emprego medíocre para tentar algo melhor, ou sair dali e começar uma vida nova em outro lugar, como ela ousava sonhar com uma morte tão digna?

Era uma entidade cruel que se divertia e se alimentava da dor alheia e as vezes passava a noite toda acordada ouvindo a voz afiada como a lâmina de uma faca: “fraca, fraca, fraca...”. As palavras assumiam o som das batidas dos ponteiros do relógio: “fraca, fraca, fraca...”, e quando isso acontecia, nem mesmo suas músicas conseguiam afastar a criatura maléfica.

Ainda assim, Keila sabia que um dia iria se ver livre das amarras, e tinha certeza que o momento se aproximava. E ela também sabia que quando acontecesse, pessoa alguma sentiria sua falta: ninguém do trabalho, nenhum vizinho, nenhum cliente, pois eles arrumariam facilmente outra mulher para assediar. Seu pai? Ele certamente sentiria falta do dinheiro mas não de quem levava esse dinheiro. A única que talvez sentisse sua falta era A Sombria, já que ela não mais poderia se alimentar de seus sentimentos obscuros, mas ela encontraria outra vítima.

Na verdade ela sabia que iria se tornar um mero ponto de interrogação temporário, talvez um “o que aconteceu?” ou “onde está aquela moça, como se chamava mesmo?” E depois disso, ela seria nada mais que um vazio, o espaço em branco deixado pelo ponto final no último parágrafo de

um texto. Será que ela poderia ser mais que uma sombra indistinta perdida em meio a tantas outras?

Aquela noite estava particularmente linda, do jeito que Keila amava: nublada, chuvosa e fria. Saiu da lanchonete e foi para a casa sem abrir o guarda-chuva, pois as gotas que escorriam pelo seu rosto a faziam se sentir bem. Assim que abriu a porta viu seu pai jogado no sofá. A televisão estava ligada, mas ele dormia, roncava alto e resmungava palavras incompreensíveis. Estava sujo e cheirava mal, provavelmente havia dias que não tomava banho. Keila ficou alguns instantes parada, olhando fixamente a decadência daquele homem, e, então se deu conta que a genética dele estava contida nela e aquela sensação a deixou enojada: seria aquela imagem um prenúncio de seu futuro? Se fosse, não desejava um futuro.

Keila sentiu sua cabeça girar, deu meia volta, e, com a roupa ainda molhada pela chuva, foi até um barzinho que ficava nas redondezas. Pediu uma cerveja e sentou-se em uma mesa mais afastada. Enquanto sentia o amargor que vinha do lúpulo, sua mente vagava sem rumo. Olhou para o copo em suas mãos e percebeu uma certa ironia do destino. Afinal, aquele copo contendo bebida alcoólica não a aproximava de seu pai? Não seria ela mais parecida com ele do que poderia imaginar? E quanto à sua mãe? Teria deixado algum “presentinho” em seu DNA? Seria ela capaz de fazer o que a mãe fez? A resposta era óbvia, já que estava planejando abandonar o pai alcoólatra muito em breve. Por outro lado, não estaria sendo injusta consigo mesma se ficasse e continuasse sendo torturada pela Sombria?

Sempre ouvira dizer que a vida é feita de altos e baixos, mas a dela parecia ser feita apenas de baixos. Não se lembrava de nenhum momento feliz, ou de um instante de paz, exceto o curto período que vivera com os avós e aqueles em que colocava seu fone de ouvido para ouvir suas músicas. De repente sentiu um desejo enorme de saber como estaria sua mãe. Estaria feliz? Poderia ter alguma esperança de ter um gene de alegria presente em seu ser?

Por fim, terminou sua cerveja, se levantou e saiu dali, e com os pensamentos ainda dispersos, voltou para sua casa.

Seu pai continuava roncando no sofá e como a noite estava gelada, ela pegou uma manta, o cobriu e se trancou no quarto, com seu melhor amigo: o fone de ouvido. Keila sintonizou sua playlist e colocou para tocar no modo aleatório. A primeira música que tocou foi “Meu jardim” de Vander Lee, e pela primeira vez ela realmente prestou atenção na letra: “Tô relendo minha lida, minha alma, meus amores, tô revendo minha vida, minha luta, meus valores...”.

Então, Keila fez algo raramente fazia, ela sorriu, pois a poesia contida na letra daquela música a tocou como as águas do mar tocavam sua pele em sua imaginação, e ela percebeu que já estava na hora. Já era tempo de queimar as lembranças dolorosas, quebrar o tédio de uma vida vazia, era hora de limpar as feridas nas águas salgadas do mar, mas, águas reais dessa vez. Havia chegado o momento de alterar seu caminho. Ao seu lado estava A Sombria, mas ela estava calada, e naquela noite, Keila dormiu em paz.

Nos dias seguintes, em seu tempo de folga, Keila passou a procurar um lugar apropriado para mudar os rumos de sua existência, e após muitas buscas, encontrou uma praia que lhe pareceu perfeita, era quase deserta, cercada por mata nativa, distante e só poderia ser alcançada de duas maneiras: a pé ou por barco, e o melhor, ela ficava em Florianópolis, longe dali, onde nunca mais seria encontrada. Seu espírito poderia ser finalmente livre.

Pagou as contas restantes, abasteceu a dispensa, arrumou uma mochila com poucas peças de roupas, deixou um pouco de dinheiro para seu pai e saiu enquanto ele ainda dormia. Pegou o ônibus até a rodoviária de São Paulo e de lá partiu para Florianópolis.

Na estrada quase não conseguiu dormir, a paisagem era deslumbrante e Keila absorvia cada momento daquela viagem incrível. Não conversou com ninguém, não tinha interesse em fazer amizade, mesmo que passageiras, por isso, colocou seu fone, seu óculos escuros e ficou ali apenas contemplando aqueles momentos. A Sombria estava ao seu lado, mas Keila não lhe deu atenção.

Quando finalmente desembarcou em Florianópolis, procurou o posto de informações para saber como poderia chegar ao seu destino. Seguindo as coordenadas, pegou um táxi e foi deixada no ponto mais próximo da trilha, que era bem distante da praia.

Keila pegou uma das trilhas e começou a caminhar devagar, aspirando o ar puro e fresco. A manhã estava fria e uma névoa espessa não permitia que enxergasse a mais de um metro a sua frente. O lugar ao redor estava silencioso, tanto que ela conseguia ouvir os sons que suas botas faziam ao tocar o chão. Ao longe, ouviu o canto de algum pássaro que não conhecia e por alguns momentos, ela fechou os olhos e sentiu como se estivesse sendo abraçada pela névoa. Pela primeira vez era a protagonista de seu filme.

Depois de andar por mais algum tempo o barulho do mar tornou-se mais forte e o cheiro que vinha dele era melhor que o mais inebriante dos perfumes. Conseguiu distinguir, distante da praia, alguns vultos do que pensou ser barcos de pescadores. O som das ondas se tornou mais forte, e dessa vez, não estava ouvindo por meio de um fone de ouvido.

Keila ficou imóvel diante da imensidão do oceano, sentiu-se pequena, como um minúsculo grão de areia, mas, ao mesmo tempo, experimentou uma sensação de acolhimento como nunca sentira antes. Enquanto estava ali estática e hipnotizada, teve a sensação de que estava sendo observada, talvez fosse impressão ou talvez fosse alguém de um dos barcos, mas ela não deu importância.

A bela, solitária, depressiva e sem o tesão para viver com ousadia, sentiu-se diferente naquele momento. Algo havia despertado em seu interior, era uma ânsia, um desejo tão forte que a assustou. Alguma coisa havia despertado em seu interior, uma força desconhecida.

Keila inspirou o ar gelado, largou sua mochila na areia e percebeu A Sombria parada, observando-a. A entidade se recusava a ir embora, mas Keila não se importava mais com ela, pois, naquele momento sentiu a apatia de toda uma vida deixando seu corpo. Fechou os olhos, colocou os pés na água e deixou que as ondas a conduzissem para o desconhecido.

Sentiu o frio da água que parecia acariciá-la. Naquele momento teve ainda mais certeza de que estava fazendo a coisa certa. Morrer? Não, ela não desejava morrer, ao contrário, queria sentir-se viva, livre, feliz. Desejava ardentemente se livrar da criatura maligna que a acompanhara a vida toda, e que não lhe dera um instante de tranquilidade. Adentrou mais a água e naquele momento, seu destino foi entregue nas mãos das ondas do mar.

Sentiu uma pancada em sua cabeça, era uma onda, mas ela não sentiu medo, nem dor. Não havia resistência de sua parte, ela apenas relaxou e deixou-se ser levada. Keila percebeu braços fortes carregando-a, certamente era o mar, então não sentiu mais nada.

Keila abriu os olhos e sentiu o peito arder. A sensação de paz que sentira minutos antes havia desaparecido e foi substituída por dor. Ela tentava entender o que havia acontecido. Ali deitada podia sentir a areia que grudava em suas roupas, cabelos e pele.

Foi então que percebeu que alguém apertava sua mão. Olhou para cima e viu um par de olhos castanhos que combinavam com seus cabelos que caíam até os ombros. Um jovem bonito, forte e bronzeado, provavelmente um pescador de um dos barcos que havia visto, talvez aquele que a

observara quando chegou. Keila olhou à sua volta e não viu mais A Sombria. Teria ela partido definitivamente?

O homem sorriu, a puxou para seu peito e a abraçou. Keila se deixou envolver pelo abraço e se permitiu ser cuidada, e naquele momento percebeu que ela poderia ser mais que uma sombra indistinta perdida em meio a tantas outras, se ela se permitisse. De seus olhos brotaram lágrimas, mas dessa vez já não eram de tristeza.

Malu Zanoli



Malu Zanoli, nascida em setembro de 1975, na cidade de Rinópolis, São Paulo, moradora de Louveira – SP. Graduada em Letras e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), mestrado e doutorado em Letras, área de Filologia e Língua Portuguesa pela mesma instituição. Atualmente, cursa graduação de Cinema e Audiovisual pela UniCesumar. Fez o curso de Leitura Criativa: Roteiro na Fundação das Artes de São Caetano do Sul (Fascs), e agora faz o curso de Produção Cultural também na Fascs. Amante da literatura e do Cinema, desde criança escreve contos e poesias e foi membro da Academia Infantil de Letras e Artes de Jundiaí. Atualmente, trabalha em uma trilogia ficcional e também em um roteiro para um longa-metragem com mais dois roteiristas. Instagram: @mlzanoli.



FUGA

Definir alguém não é tarefa simples...

Quem é que pode dizer com precisão o que e como é?

É possível legitimar alguns traços de personalidade, familiares à maioria dos convives, mas não é possível conceituar alguém, quando nem mesmo somos capazes, muitas vezes, de nos conhecermos.

Em que conta estão os arroubos entusiasmados da alma que, embora não conheçam motivo aparente, reverbera de maneira furtiva nos poros da existência, sem que nem os mais íntimos possam notar?

Por que uma tristeza – que nos visita, hospeda-se sem cerimônia – insiste em ficar quando tudo que nos cerca sugere contentamento?

Como explicar o desejo pela solidão, condição necessária de vida, àqueles que nos amam e a quem também amamos?

Todo o universo interior se contrapõe – em algum momento – a um modelo de vida que julgamos correto, que está presente, do qual resistimos experimentar, porque preferimos o aconchego do que só existe na memória que não se consumou.

Como lidar com as intempéries do dia a dia sem preferir o anonimato autêntico a que se tem direito?

O espírito livre, dom de Deus, nos faz querer paradas constantes, não moradas eternas... tal qual o pensamento, que não se prende no tempo porque sabe que a vida é efêmera, tão pouco precisa ser monitorado pelos que compreendem o mundo como um guia de regras sociais, que nos intimam a ser o que os outros esperam de nós.

São inúmeras as percepções que as pessoas têm... Culpa minha ou culpa delas?

As certezas que há em comum entre a maioria são a parte mais insignificante de mim... Ou será que não me conheço... O que penso que sou

talvez só exista no mundo das ideias... As minhas certezas, por vezes, também são frágeis.

A realidade é uma visita pouco frequente, de quando em quando aparece de surpresa, como as tempestades de verão, que não precisam de avisos para chegar, e só nos damos conta quando já estamos encharcados... os poucos segundos nos fazem lembrar do que é o direito para quem vive no avesso.

As experiências mais relevantes estão trancafiadas no sub-mundo, situações em que a memória é protagonista absoluta, uma companhia tão familiar que quase parece real.

A ausência da concretização só encontra consolo nas letras que se juntam para explicar uma vida que, não sendo minha, é o mais caro de mim.

Regiane Maria Pankoski



Regiane Maria Pankoski é graduada em Letras Português/Inglês e atua como revisora textual. Católica, compartilha reflexões e inspirações em seu perfil no Instagram: @regianepankoski.



LÁGRIMAS NO SILÊNCIO

Há experiências pelas quais passamos na vida que nos mudam tão completamente, que nunca mais somos os mesmos depois delas. Foi assim que, num dia ensolarado em solo africano, em uma comunidade da província de Gaza, em Moçambique, uma médica, que vou dar o nome de Coralina, viveu algo que marcaria para sempre sua vida.

Iniciados os trabalhos da Fraternidade Sem Fronteiras naquela manhã, com inúmeras crianças à volta, os voluntários se preparavam para os atendimentos médicos e odontológicos. Os pequenos faziam filas, onde educada e humildemente esperavam para serem atendidos. Depois de várias limpezas de feridas, curativos, orientações de antibióticos para administrar às crianças... Uma criança em especial chamou a atenção.

Vou chamá-lo aqui de Ntsongwna, que significa menino, em Changana, dialeto local. Coralina nunca mais conseguiu se recordar do nome, mas... Daquele olhar...ahhh, será impossível esquecer...

Quando chegou a vez de Ntsongwna na fila, a médica Coralina se preparou para avaliá-lo. Ntsongwna não falava nada de Português e se mostrava muito tímido, com a cabeça baixa. Era um menino bonito, com aproximadamente 1,30 cm de altura, entre seus 6 ou 7 anos de idade, magro, negro, de olhos grandes e olhar profundo, penetrante, não tinha o brilho característico da infância, mas tinha as marcas de alguém que já havia visto muita coisa, era um olhar sofrido... Aquele olhar também refletia a imensidão do mundo, suas dores, lutas, mas, apesar disso, havia uma força muito grande. Ele usava uma blusinha azul já um pouco gasta, que deixava parte da barriga de fora, uma

bermuda e um par de chinelinhos igualmente gastos que não estavam cabendo mais em seus pés.

Ele timidamente se aproximou. A professora falou o nome dele e explicou o que seria feito. Coralina chegou mais perto e viu que sua cabeça estava repleta de feridas e “caroços”, que precisavam ser limpos e cuidados. Ela pegou o xampu, a gaze e foi limpando com a água da bacia ao lado, ferida por ferida. Eram muitas e, as cascas formadas, precisavam ser retiradas. No meio daquele cuidado, inesperadamente, Ntsongwana envolve a cintura de Coralina em um abraço, era a altura exata dos seus braços. Coralina, então, meio sem jeito, pela inesperada reação, retribui o abraço. Ela olhou para aquele rostinho e viu em seus olhos escorrer uma lágrima...uma lágrima silenciosa. Naquele momento, o mundo de Coralina parou e a vontade foi de cair em prantos.

Dizem que resiliência é a capacidade de se adaptar a situações dolorosas. Mas, para Coralina, resiliência é o sinônimo dessa criança. Foi nesse dia que Coralina aprendeu com esse pequeno uma lição de vida. Como poderia haver tanta força em alguém tão pequeno? E, hoje, um ano depois dessa experiência, ela ficou e ainda fica pensando nesse menino e em tudo que ele, embora, tão jovem, já deve ter passado para aprender a suportar a dor e abraçá-la, humildemente, com gratidão, resistir e vencer...no silêncio de uma lágrima que esconde um oceano de experiências, vivências, lutas e sentimentos. Que Deus abençoe imensamente os milhares de Ntsongwanas que nos ensinam a ser seres humanos melhores! Que Coralina ainda possa reencontrar Ntsongwana e retribuir esse abraço agora ainda mais cheio de amor e gratidão pela lição.

Este texto é uma homenagem a todas as crianças que sofrem desamparadas neste mundo, aos órfãos e a todos aqueles que estão sem acesso aos recursos básicos da dignidade humana.

Caroline Naimeg



Sou Caroline Naimeg, tenho 31 anos, sou médica de família e comunidade, pós-graduada em psiquiatria e mestranda em saúde coletiva. Trabalhei no Exército, nos médicos sem fronteiras e em algumas outras organizações e projetos. Atualmente, moro no Espírito Santo, em Vitória, onde estou finalizando minha especialização em cirurgia geral. Sou completamente apaixonada pelas artes, música, literatura e pintura. Já dizia Nietzsche, "a vida é suportável porque a arte existe." O que seria da existência sem a arte e sem o amor, não é mesmo?



MADRUGADAS

O relógio mostra três da manhã, mais uma hora passou e o tempo suspenso entre a insônia iluminada e a escuridão das entre-horas marca mais sessenta minutos na ampulheta da vida. Como uma panqueca virando na frigideira, me reviro de um lado para o outro. Encaro o teto, esperando que uma tela se abra e passe em HD todas as últimas horas que vivi. Mentalmente, repasso o dia — relembro cada linha e entrelinha dita naquela sala branca, fria como as paredes gélidas de um iceberg.

Expectativas quebradas. Esperanças esfaceladas. Um futuro tão incerto quanto o ponto da tal panqueca que prometi fazer para comemorar quando tudo isso passar.

Um riso incrédulo escapa pelos meus lábios e me escondo sob o travesseiro, que sufoca menos do que a realidade cruel e inesperada em que minha vida se transformou. Da noite para o dia, de um segundo para o outro, o mundo virou de cabeça para baixo. Não sei mais qual é o lado certo. Nem quem sou. É quase como se tivesse me perdido em algum vão escuro e agora a luz se foi. Na noite gelada, os devaneios sufocam tanto quanto a dor física e mental que me aprisiona em meu próprio corpo.

Pela janela, me perco em pensamentos e me distraio enquanto conto os apartamentos ainda acesos. Entre centenas, só uma dúzia brilha na madrugada.

O que estariam fazendo?

Para fugir do meu próprio drama, invento narrativas para cada morador, cada sacada iluminada, até mesmo para os poucos carros que corram o asfalto frio e silencioso.

A madrugada conta tantas histórias — algumas belas, outras prazerosas, tantas outras angustiantes.

Desta vez, estou do lado sombrio da noite. Perdida em pensamentos, medos... e, claro, nas histórias que crio para me salvar do buraco em que caí sem querer.

Será que, na sacada iluminada pela luz fria, alguém sonha com uma cura impossível? Ou naquele apartamento de luz azul, vive um amor digno de novela? E a casa com jardim verde-absinto? Será palco de festas exageradas, repletas de prazer e delírio? Tantas facetas. Inúmeras camadas. Vidas diferentes, despretensiosamente conectadas.

E se a vida fosse como um livro, em que o final é sempre feliz?

Em madrugadas ansiosas, gosto de imaginar histórias assim, em que não existe outra possibilidade além de um futuro milagroso.

No meu apartamento, a luz amarela esconde uma mente inquieta que escreve para se despir dos medos acesos pela realidade nua, crua.

Em tempos de crise, criar realidades fictícias é a minha forma de manter viva uma coisa que chamam de fé. Entre tantas luzes apagadas, talvez o milagre esteja nessa dúzia seleta de amantes da madrugada.

Como já dizia Lenine: “Quando tudo pede um pouco mais de calma e o corpo pede um pouco mais de alma, a vida não para.” No carrossel da vida, fingimos paciência para sobreviver, e quem sabe perceber a raridade de estar vivo.

Um pouco de calma. Um tanto de alma. E seguimos com as luzes acesas, à procura daquele milagre que a noite alta oferece, ao nos permitir sonhar com aquilo que o dia jamais ousaria mostrar.

Luana Schröder



Luana Schröder escreve romances onde o amor encontra a magia e o invisível ganha forma. Já publicou quatro livros (todos disponíveis em seu site www.luanaschrader.com.br) e acredita que as palavras têm o poder de curar, transformar e fazer sonhar. Em 2023, levou sua escrita até a Suíça, onde participou do Salão do Livro de Genebra e recebeu o Prêmio Talentos Helvéticos Brasileiros — entre outros reconhecimentos ao longo da sua trajetória.



FILIAÇÃO E MATERNIDADE

Hoje me peguei pensando que não sou mais filha de ninguém. Cruzei essa fronteira dolorosamente. E sei que nunca deixamos de ser filhos dos nossos pais mesmo depois que eles morrem, ainda mais no meu caso, que tive a sorte de experimentar uma relação de tamanho amor e amizade. Não é isso. Percebi a seriedade da conclusão do meu último papel, desse ciclo, e como é difícil processar essa outra perda. Imaginar toda uma vida futura não sendo o que me identificou como ser humano desde o primeiro dia, encontrar quem poderei ser daqui adiante.

A filiação é uma condição. Talvez por isso seja tão desconcertante conseguir nos enxergar além dela, dessa imposição que para alguns é uma experiência maravilhosa e para outros um fardo. Não é uma escolha. Ela costura a nossa existência até depois que ficamos órfãos e precisamos lidar com o luto, com a saudade, com a raiva do que não foi acertado ou a culpa. Porque a verdade é que somos o reflexo e o adverso daqueles que nos criaram. Marcados irreversivelmente pela leveza das boas lembranças ou com cicatrizes levadas escondidas sob os nossos disfarces.

O curioso da vida é que ela sabe muito bem onde encaixar as novas peças do jogo, é dinâmica, regendo soberana suas próprias intenções. No momento que começamos sucumbir à vulnerabilidade da falta da “retaguarda parental”, sem mais nem menos, somos seduzidos pela emancipação da nossa liberdade. Como se agora como primeiros da fila - apesar da exposição, avançando descobertos - o horizonte ficasse mais claro, compreendêssemos o sentido e poder dessa autonomia plena, desobrigados da aprovação, da necessidade da admiração. Uma conquista adoçada cruelmente. Foi o que descobri.

Encerrei o meu aprendizado filial. Daqui seguirei, revendo o que restou no meu prato, estou nesse movimento, decidindo o que fica e o que deixarei para trás com quem não sou mais. Transformando também a minha maternidade, porque essa sim foi uma vontade, e talvez eu tenha muitas vezes confundido o que realmente implica esse compromisso projetando a minha bagagem pregressa nos meus excessos de mãe; esses pequenos pecados - desculpáveis embora claustrofóbicos - que cometemos fingindo não perceber.

Preciso me ater a ser apenas amor e impulsão. Conter o ímpeto controlador que teima arquetipicamente me forçar impor, apontar e alinhar o caminho para que elas não tropecem, não errem, não se percam, não sofram. Aliviar sobretudo a responsabilidade que penso ter sobre todos e tudo, onde não cabe mais a minha vigília, essa minha versão servil que atrasa o rumo do que posso escrever por mim, apagando, reescrevendo, apagando novamente, num borrão neurótico. Preciso me devolver à minha essência original, essa é a minha urgência. No final das contas nossos jovens filhos não merecem carregar o fardo das nossas escolhas, herdar outra história que não seja aquela escrita por eles mesmos. A eles cabe o arbítrio que como pais decidimos postergar em nome do amor. Para sermos todos livres. Ávidos apenas do privilégio das nossas companhias.

Paula Mazzoli



Paula Mazzoli é carioca, nascida e criada no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, escritora, formada em odontologia pela Universidade do estado do Rio de Janeiro. Trabalhou satisfeita como dentista por um quarto de século até decidir alçar novos voos, seguindo a intuição da sua alma contadora de histórias, cuidadosa do detalhe, observadora do afeto das relações. Encerrando um ciclo, abrindo espaço para o próximo. Hoje tem alguns de seus textos publicados em coleções de contos e antologias poéticas, e faz parte como colunista do site “Inconformidades”, voltado para os sabores, conquistas e descobertas da maturidade. Instagram: @eusouPaulaMazzoli.



O QUE FICA DEPOIS DAS PALAVRAS?

Palavras, palavras... Do que são feitas, afinal? Em que momento me perdi, tentando ressignificá-las? Não lembro. Elas ficam se repetindo em minha cabeça. É involuntário, e não consigo me livrar. Minha mente é um labirinto. Encosto a testa no espelho. Estou cansada... muito cansada... Amanheceu visceralmente nublado... ou talvez tenha sido eu que despertei cinza. Faz horas que estou sentada, inerte, em frente a este espelho. Toco minha imagem, contornando o rosto com as pontas dos dedos. Já fui jovem e bonita. Hoje, já não me reconheço. O viço se foi, e nem percebi... e, enquanto o tempo descasca minha pele, esforço-me para manter intactas as memórias.

As palavras e as meias-palavras sufocadas reverberam ao meu redor. *Senhor, como doem!* São socos no estômago que se irradiam por todo o meu corpo. Não entendo por que estou aqui. Lembro do meu nascimento. Meu pai arrancou-me do ventre, não por crueldade, mas por necessidade, e, embora eu desejasse permanecer naquele oceano pulsante de vida, era necessário nascer. Confesso que resisti, dificultei o máximo que pude, causando, ao mesmo tempo, agonia e sofrimento à minha mãe. Tudo era tão quente e vibrante... por que sair? Não via sombras, em meu casulo, mas ouvia sons. O mundo me atravessava através das sensações, enquanto a diversidade de sabores impregnava meu paladar. Tudo era intenso: o amor, a frustração, a ansiedade.

O ar, de repente, fica rarefeito, como se o mundo esmagasse meu peito. Tento forçar a respiração, mas não consigo; o pânico me captura. Queria voltar para lá... mas a tempestade, aqui, não permite. Estou muito cansada e sem palavras. Demorei a falar, mas aprendi bem cedo a chorar.

O choro era como sangue, banhando cada parte de mim. A dor brotava das entranhas: uma dor doída, cheia de martírio e convivência. Éramos da mesma família, e não se abandona a família; aprende-se a disfarçar, sorrindo.

É... eu não queria sair. Gostaria de ser invisível... sem cor, sabor ou cheiro. Fluida e viscosa. Queria me esvair. Desejo me apagar do mundo: não sentir, nem ser sentida. A vida, aqui fora, sopra perigo. São vendavais que transbordam, indo além da sanidade. *Por que não me deixaram ali?*

Foco em minha imagem outra vez, mais uma vez... são tantas as vezes. No espelho, a minha velhice: envelhecer é inevitável. A cada dia a mais, um dia a menos.”. O que me salva são as reminiscências que rumino lenta e calmamente: a infância, o primeiro beijo, a primeira paixão que despertou o prazer da carne. Sim, tudo isso foi bom... mas eu queria ter ficado lá, colada, agarrada à placenta, umbilicalmente falando. Éramos uma, minha mãe e eu. Somente ela e eu... eu e ela. Não precisávamos de ninguém.

Fecho os olhos e escuto: tum-tum... Meu coração. O peito sobe e desce, e as artérias pulsam, o sangue e o choro tentando rompê-las. Às vezes, meu diafragma descompassa e soluço. Amo esse trepidar de emoções à espera da calmaria. Um tímido raio de sol invade o quarto e fere meus olhos. Algo parece diferente: um estranhamento, um pressentimento. Permaneço inerte, e, lá fora, o mundo se apressa em correr. Tenho oitenta anos e quatro filhos. Vivi para eles, mas não com eles. Levo a mão à nuca, um peso denso se acumulando lá.

Há tempos não converso comigo mesma. E há tanto a dizer. Gostava de abraços, afagos, do “eu te amo” sussurrado ao pé do ouvido, após me embriagar de desejo. Não me enxergo pelos olhos dos outros: é como afundar num rio de farpas.

Esses olhares já me despiram grotescamente, mas essa não era eu.
Eu... Eu? Eu! Quem sou eu — um todo feito de partes?

Penso nos caminhos que, por engano, deixei de trilhar. Talvez devesse ter seguido em frente, sem hesitar. Mas aqui estou, imóvel, sem saber ao certo por quê. O passado não me oferece retornos para que eu volte e escolha de novo: à esquerda, à direita... ou seria...?

Fecho os olhos, saudosa, e nada me demove: eu queria ter ficado lá, envolta no calor morno. Suspiro... mal aproveitei a vida. Amei, mas nunca me permiti apegar; temia sofrer. Não viajei, não explorei novos horizontes, não colecionei aventuras — minha existência inteira foi feita de incertezas. Mas uma única certeza sempre me acompanhou: eu nunca quis sair de lá.

E as palavras... ah, as palavras... No fim, o que fica depois das palavras?

Anna Rodrigues



Anna Rodrigues, cearense, pedagoga e psicanalista, adora livros, músicas e filmes que explorem as singularidades e os conflitos dos relacionamentos. É tutora de gatos, ama praia e, é claro, escrever, pois como já dizia o grande cantor, compositor e poeta Belchior: “Afinal, a vida é mesmo uma aventura da qual não sairemos vivos!” Então, nada melhor do que pegar papel e caneta e escrever sobre a vida, os amores, os desejos, os prazeres e os sonhos que jamais envelhecem. É autora dos livros: 'A flor do meu desejo', com sua primeira edição publicada pela Editora Viseu; 'A flor da minha pele' publicado pela editora Hope e 'Contos Eróticos', publicados de forma independente na Amazon. Participou das antologias 'Sem pudor' e 'Amores de Outono', SF Editorial; 'Uma poesia para cada dia' e 'Cartas para o meu amor', Lura Editorial; Coletânea de Microcontos pela Editora Persona; 'Coletânea Erótica' no Wattpad; #annarodriguesromantica | @annarodriguescontos | anna.rodrigues.romantica@gmail.com.



A PEQUENA PREGAÇÃO

Dentro da condução urbana, posta a minha frente, a vi, os joelhos acinzentados, pensei que tivesse caído ao chão pois era caquética e nas vestes encardidas haviam vestígios de terra. A bolsa que levava entre os braços descascava o couro sintético. Não estava mal cheirosa. Não havia cheiro nenhum de nada, nem parecia embriagada, mas chamava a atenção e incomodava. Parecia querer dizer algo, ou talvez pedir algo, pois estava inquieta e logo seguiu para a dianteira do transporte, de onde podia ter uma visão privilegiada. De dentro de sua bolsa descascada tirou uma bíblia velha, porém bem conservada. Foi então que daquele corpo caquético encoberto por farrapos soou uma voz meiga e doce pedindo permissão aos passageiros à leitura de um pequeno versículo de provérbios.

Fez a leitura e administrou a palavra de forma tão tocante que penetrava nas mentes e nos corações dos passageiros que durante sua leitura relaxavam as mãos tensas que até então seguravam seus pertences com firmeza por medo de serem assaltados. Silenciaram-se por respeito. Foi então que voltei os olhos para seus joelhos em uma análise julgativa, não deve ela ter caído ao chão, seus joelhos calejados eram de oração, de onde ajoelhara elevava poeira do chão. Pelas vestes humildes deve ter uma casa humilde, talvez um chão de terra batida. Por ser tão caquética talvez não houvesse boa alimentação, nem boa instrução. Tinha uma leitura razoável, em contrapartida fazia uma tocante pregação embora o linguajar revelasse sua analfabetização, era um detalhe insignificante. Era assim bem simples a moça, mas parecia ter um bom coração, e na ponta da língua evidenciava uma santidade. Pôs-se a dizer - Em Provérbios 17:22 "Um coração alegre faz bem à saúde, mas um espírito abatido seca os ossos." -

Foi de todos estes fatos a confirmação quando ao final de sua leitura veio relatar um testemunho, que outrem estava em seu quarto de janelas fechadas em pranto e de joelhos em oração e a tristeza assolava seu coração, porém ressaltou com um sorriso a que Deus que tanto a ama lhe trouxera a alegria a qual descreveu ser um simples canto de um pássaro que posara em sua janela fechada e de lá se insistia em uma cantaria, mas era de um canto tão satisfatório que lhe arrancara um sorriso e foi o primeiro sorriso de seu dia, então tendo sorrido, o pássaro enfim voou de sua janela. Acreditava a moça que já tinha o pássaro cumprido seu dever, agora estava livre para seguir seu destino. Não podia ela permanecer por mais nenhum segundo trancafiada em seu quarto, no escuro, se desmanchando em pranto. Seguiu até a janela correndo e a abriu totalmente deixando entrar a luz do sol que estava radiante naquela tarde, pois já era tarde. Disse a moça que pôde ainda ver o pássaro indo bem longe e seu sorriso duraria o resto do dia e se projetaria por todos os outros dias a que viverá. Após contar sua experiência vivida, instruía a moça a todos que a ouviam dentro da condução, a alegrassem das pequenas coisas. A moça estava leve e sorridente, sua inquietude havia passado. Fechou a Bíblia, guardou dentro da bolsa descascada e agradeceu desejando a todos uma noite abençoada. Desceu na próxima parada.

Karen Cerutti



Karen Cerutti, brasileira, mineira, nascida no ano de 1989 no município de Vespasiano/MG. Profissional de Técnico de Enfermagem. Estudante de Bacharelado em Enfermagem. Escritora poetisa. Publicado em fevereiro de 2024 o livro “Soprando a Poeira dos Versos” pela Editora “Clube de Autores”, comportando 36 obras literárias dentre poemas, crônicas e contos os quais exploram temas como dor, amor, reflexões líricas, e narrativas curtas. Karen Cerutti é coautora em 06 antologias publicadas pela Editora “Persona” e em 03 antologias publicadas pela Editora “Usina de textos”. Coautora assinante da revista “Autorretratos” com lançamentos mensais. @poemaskarencerutti (Escrever para a revista Autorretratos é abrir os horizontes do mundo literário, a cada edição uma experiência nova.)

G A M E R



EU SOU GAMER: O JOGO EM CHERNOBYL

Imagine um mundo onde a realidade se mistura com o perigo constante, onde cada passo pode ser o último e a sobrevivência depende não apenas da força, mas da astúcia e da coragem. Em meio a um cenário devastado, marcado por radiações invisíveis e ameaças que desafiam a compreensão humana, surge uma jornada intensa e cheia de desafios. É nesse ambiente hostil que nos encontramos com Billy, um personagem preso em um jogo que vai muito além do simples entretenimento — é uma luta pela vida, pela esperança e pela própria essência do que significa ser humano. Este texto convida você a entrar nesse universo pós-apocalíptico, onde cada escolha pode mudar o destino e cada momento carrega uma história de resistência.

Entre parafusos que neutralizam anomalias, em um território que mais parece um cenário de guerra, Billy veste seu traje de combate, disposto a sobreviver em um jogo onde tudo no mundo quer lhe matar. Ele precisa enfrentar anomalias, mutantes, radiações, bandidos, tempestades de exalação causadas pelas radiações locais, onde surgem nuvens vermelhas; o tempo nubla rapidamente e a tempestade te faz procurar abrigo (ou você se abriga ou respira a morte), assim diz o jogo, além de enigmas e muito mais... Tudo nesse território é propício para levar qualquer um à morte.

Entrar em locais cheios de radiações e encontrar pessoas que se dizem desarmadas, pedindo ajuda, é um risco constante. Para onde você olhar, existe radiação nesse local. Em um mundo onde nada mais funciona, pós-apocalíptico, sempre há um STALKER tentando sobreviver, com

suas armas em punho, procurando entre as sucatas tudo o que possa ser vendido, trocado ou negociado.

Nos pequenos vilarejos por onde Billy passa, ele vende tudo que conseguiu encontrar durante sua árdua jornada. As vendas são pagas com criptomoedas; nunca há dinheiro em espécie. Outra forma de conquistar dinheiro é cumprir missões para adquirir recompensas.

O jogo em Chernobyl não para; ele segue adiante, e Billy está preso nesse ciclo, completando uma missão após a outra sem saber quando terá um fim. Já se passou uma semana e a exploração parece infinita; nem é possível visualizar todo o mapa na tela do computador. Com muitas trocas de trajes, armas e explorações em territórios desconhecidos, Billy continua sua jornada.

Mas em meio ao caos e à destruição, ele começa a perceber algo profundo: cada escolha que faz, cada vida que cruza pelo seu caminho molda não apenas sua sobrevivência, mas também sua humanidade. Enquanto escava por suprimentos e enfrenta inimigos implacáveis, ele se vê refletindo sobre o que realmente significa viver em um mundo tão implacável.

As sombras de Chernobyl não guardam apenas perigos; elas também escondem histórias de esperança e resiliência. E assim, mesmo quando tudo parece perdido, Billy se lembra de que a luta pela sobrevivência é também uma luta pela alma. Com essa nova perspectiva, ele avança, determinado a não apenas sobreviver, mas a encontrar um propósito nesse deserto radioativo.

Estatísticas:

Em agosto de 2024, foi registrado que mais de 3 bilhões de pessoas jogam videogames no mundo todo. Isso demonstra como os jogos virtuais têm se tornado uma parte significativa da cultura contemporânea e como histórias como a de Billy ressoam com milhares de jogadores que buscam experiências imersivas e significativas.

Angela Gabriela



Angela Gabriela da Silva, 48 anos, brasileira, paulista, nascida no dia 13 de setembro, na cidade de São Bernardo do Campo, SP. Solteira, mãe de três lindos filhos: Pâmella, Nathália e Arthur. Filha de Marília Gabriela e Manoel Luiz, possui ensino médio completo, com certificado de conclusão pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Formada como cabeleireira profissional pelo Instituto Embelleze, atualmente curso faculdade de Design de Moda , EAD na faculdade Unifatecie. Além disso, trabalho como merendeira escolar, sou costureira nas horas vagas e também motociclista coletada M I , "bikers of angels" na cidade de Cariacica, ES. Estou abraçando novas oportunidades para mostrar outras habilidades, e "escritora" é uma delas. Espero que gostem! Sempre escrevo com muito amor e carinho. Divirta-se com mais essa leitura, e obrigada por dedicar seu tempo! Beijocas no coração!



MEU AMIGO MÁRIO

Numa noite muito difícil, saí do trabalho e entrei no bar em frente para tomar uma cerveja e relaxar. Os acontecimentos inesperados do dia roubaram a minha paz. Estava lá envolta nos meus pensamentos, quando ao olhar para porta, vi na mesa ao lado um homem quase feio, com um nariz enorme que destoava do rosto comprido e fino. Olhei novamente para a porta, o homem do nariz enorme sorriu. O sorriso dele era sincero e generoso. E dentro das circunstâncias daquele dia fatídico me fizeram um bem imenso. Continuei olhando para ele, e acho que olhei tão intensamente que ele se levantou e veio até a minha mesa.

- Boa noite! Eu sou o Mário Sérgio, o novo cirurgião cardiovascular do hospital.

- Boa noite! Eu sou a Lenita, acabei de saber que fiquei viúva. Meu marido sofreu um acidente de carro. Desculpe ficar encarando você, mas não sei o que fazer.

- Que notícia triste!

- Pois é – eu tenho 40 anos, e estou viúva!

- A dor é grande hoje, mas o tempo a fará ficar mais suave. Você precisa ter paciência e tentar olhar para frente! É difícil – eu sei – mas você é muito jovem!

De repente, eu comecei a sentir as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu estava chorando na frente de um estranho. Um médico novo do hospital. Mas o sorriso dele me acalmou e eu respirei fundo, tomei outra cerveja e fui para casa ver minhas meninas.

As meninas tinham exatamente 8 anos e 6 anos, naquele dia. Mariana e Julia, meus amores! Fui de táxi, deixei o carro no estacionamento.

Mário quis me levar em casa, mas considerei uma situação perigosa, numa cidade pequena como a minha.

Cheguei em casa, as meninas tinham feito um bolo de laranja com calda para me alegrar. Minha sogra estava com elas, parecia mais calma do que eu. Talvez ela fosse mais experiente e sabia que o tempo fecharia as feridas mais profundas. Sentei no sofá e chorei nos braços de Lúcia, minha sogra.

Consegui tomar um banho, depois uma sopa e fui dormir com as meninas. Nós 3 na minha cama. Lúcia ficou conosco e dormiu no quarto das meninas.

O corpo de Pedro chegaria pela manhã, o acidente tinha sido próximo a Belo Horizonte - a 300 km de casa. Pedro foi um marido ótimo, divertido, generoso e bonito. Mas gostava de carros e corria muito ao dirigir. Não estou criticando, apenas esclarecendo que o perfil dele trazia alguns riscos. Ele trabalhava em Belo Horizonte alguns dias por mês, por mais que eu houvesse aconselhado a ir de ônibus, ele curti dirigir. Temos ou tínhamos um carro bem veloz. Não sei ainda o que restou do veículo.

Na manhã seguinte, Lúcia já havia organizado o velório e o funeral para aquela tarde. Vesti um vestido preto, fiz um coque, coloquei um pouco de maquiagem e pedi a Deus forças para seguir adiante.

O cerimonial fúnebre correu bem, amigos vieram me abraçar e oferecer ajuda e carinho. Tirei uns dias de folga com as meninas e fui para casa de uma amiga na serra. Voltei mais energizada e menos deprimida.

Retornei ao trabalho, porque me distraía. A rotina agitada do hospital não me permitia sofrer a perda de Pedro. À noite, em casa, eu chorava no meu quarto e rezava para que Deus me ajudasse a continuar.

Passado um mês, numa sexta-feira, encontrei Mário Sérgio no bar novamente. Ele veio até a minha mesa saber como eu estava e contar que tinha recebido uma proposta maravilhosa de trabalho em Brasília. Apesar

de gostar daqui, lá o hospital era maior e ele teria chances de ser diretor em poucos anos. Fiquei feliz por ele. Mas no fundo, sabia que tinha perdido meu novo amigo. Brasília não era um destino fácil, provavelmente nunca mais nos veríamos. Devo ter demonstrado isso no meu olhar, Mário seguiu as minhas mãos com carinho e disse:

- Podemos manter contato? Posso ter o teu número?

- Sim, com certeza!

A conversa continuou alegre e acabamos nos beijando depois muitas cervejas. Senti muita culpa quando cheguei em casa. Mas foram beijos muito marcantes, tive a estranha sensação de querer conhecer melhor esse médico feio e narigudo com um lindo sorriso. Mário ainda ficou 2 meses aqui e acabamos tendo um rápido caso amoroso. Não vou mentir – foi ótimo! Me senti viva novamente e acreditando no futuro.

A vida continuou e as meninas foram crescendo. Tudo calmo, vendi a casa e comprei uma menor mais longe do hospital. A casa nova era linda, com um jardim na frente, apenas dois quartos e uma cozinha americana. Comecei um curso de jardinagem, logo consegui fazer um jardim bonito e colorido para nossa casa nova.

Quando Mariana fez 15 anos, Lucia levou a neta para Londres de presente. E eu fiquei apenas com Julia, então decidimos ir até Brasília visitar uma amiga minha de infância que havia voltado de Washington. Priscila trabalhava no Ministério das Relações Exteriores e depois de muitos anos fora do Brasil, agora estava morando em Brasília.

Ficamos em Brasília por 1 semana, no último dia, Priscila me chamou para ir a uma festa de amigos dela. Eu estava cansada, mas pensei que seria legal conhecer gente nova. Coloquei uma jeans bem justo, uma blusa florida de seda, caprichei na maquiagem. A festa foi ótima, ficamos até o fim. Na hora da saída, alguém me chamou – Lenita... Olhei para a varanda, reconheci o sorriso mas não o rosto.

- Lenita, sou eu o Mário Sérgio.

Meu coração disparou... Mas onde foi parar o nariz? Mário percebeu a minha dúvida e falou rapidamente:

- Fiz uma cirurgia reparadora no nariz – Ele era grande demais, né? Começamos a rir e nos abraçamos calorosamente.

Mário perguntou se podíamos nos ver amanhã. Não resisti e troquei as passagens e fiquei mais uns dias em Brasília. Julia entendeu que eu merecia tentar novamente.

E aí uma nova história de vida começou a ser construída, Mário vinha me ver duas vezes por mês, eu ia quando dava, e assim fomos nos conhecendo melhor durante quase dois anos. Eu nunca perguntei porque ele foi trabalhar no meu hospital, numa cidade tão pequena. Talvez ele tenha suas razões, quando estiver na hora, ele vai contar.

Mariana estava fazendo vestibular e quis se mudar para Belo Horizonte, mas falei que se tentasse ir para UNB o Mário poderia ajudá-la com um provável estágio. Ela gostou da ideia. Levamos um tempo para convencer minha sogra da mudança, mas no final ela aceitou.

Faz 2 anos que nos mudamos para Brasília, Priscila me ajudou muito na adaptação. Não trabalho mais, criei uma pequena empresa de flores e arranjos ornamentais. Na minha floricultura, vivo com as flores e as cores.

Mário trabalha muito ainda, é diretor do departamento de cirurgia no hospital, moramos numa casa grande, com piscina e um lindo jardim. Posso dizer que estou quase feliz. Penso que a felicidade está bem próxima. As meninas gostam do Mário e eles saem de barco às vezes. Brasília é uma cidade interessante se você olhar no foco certo.

Mês que vem, Mário vai tirar férias, vamos para a Itália. Nossas primeiras férias juntos, uma lua de mel atrasada. Muitos vinhos, muitos passeios e muito amor. Acredito que voltaremos como um verdadeiro casal que se ama e se respeita, que teve um encontro casual no momento de dor

e muita tristeza, mas que guardou o segredo daquela conexão maravilhosa para o futuro e o tempo de paciência nos presenteou com a esperança de uma segunda chance para ser feliz.

Tenho uma curiosidade, gostaria de saber do Mário por que ele se mudou para Brasília... Talvez eu pergunte durante a viagem, mas tenho receio de não gostar da resposta... Será que foi só pela parte financeira?

Numa noite em Veneza, arrisquei tocar no assunto, ele disse que o salário era ótimo, mas que ele foi para Brasília para me dar um tempo de curtir o meu luto porque se apaixonara por mim. Eu não soube o que dizer. Mas hoje acho que isso se chama “cuidado”, cuidar também é amar.

Eu apostei naquele sorriso, num rosto feio e não me enganei. Que bom para mim!

Bebel Pozzi



Bebel Pozzi nasceu no Rio de Janeiro, no Brasil. É graduada em Literatura brasileira e inglesa pela Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fez especialização em Português como língua estrangeira e trabalha como professora de português para executivos estrangeiros. Os livros sempre foram seus companheiros desde a infância. Ela escreve desde os 18 anos; diários, crônicas e contos curtos. Bebel recentemente publicou um livro infantil “A garota que amava beterraba” pela editora “Ases da Literatura”. Email: isabelcpozzi@gmail.com | Instagram: [bebel_pozzi](https://www.instagram.com/bebel_pozzi). | Facebook: [Bebelpozzi](https://www.facebook.com/Bebelpozzi).



O CÓDIGO DA VIDA

O ano é 4025. A Terra se tornou um deserto árido, devastada pelas mudanças climáticas e pela poluição. A humanidade sobrevive em cidades-cúpula, controladas por uma inteligência artificial onisciente. Os alimentos são sintéticos, e a natureza tornou-se apenas uma lenda de um passado muito distante.

Neleus, uma jovem mulher responsável por uma máquina que recicla resíduos eletrônicos, encontra certa vez uma semente antiga, aparentemente inativa. Movida por uma curiosidade quase sagrada, ela começa a sonhar com paisagens verdes, chuvas que molham a terra, noites claras de luar e raios de sol tocando seu rosto. Secretamente, decide plantar a semente — mesmo achando impossível que algo brotasse daquele solo morto.

Mas, para sua surpresa, a semente germina. E algum tempo depois, uma flor vibrante e cheia de vida floresce em pleno deserto. A inteligência artificial detecta o fenômeno e, intrigada, questiona a jovem onde encontrou aquela flor. Neleus responde que a encontrou por acaso na reciclagem — e que a plantou com amor e esperança.

A flor começa a exalar um perfume suave, uma mistura de jasmim, magnólia e lavanda. Seu aroma se espalha, e o deserto antes estéril ganha cor e verde novamente. Encantada, Neleus investiga a origem da flor e descobre, em seu computador, que a semente era rara — datada de 2025 — e fazia parte de uma pesquisa botânica liderada por um rapaz bonito e inteligente chamado Tosajan.

Tosajan era botânico e também músico — um verdadeiro gênio. Tocava todos os instrumentos que existiam na época e havia criado uma combinação de sementes e essências florais que resultou em um perfume

famoso no mundo todo. Com isso, fundou a marca de perfumes mais prestigiada do planeta e se tornou bilionário.

Porém, com a chegada do domínio das inteligências artificiais, o mundo mudou drasticamente. Tosajan havia guardado a semente com carinho dentro de sua carteira, junto com uma foto de uma bela jovem chamada Neleus — seu grande amor. Sabendo que o mundo poderia mudar um dia, ele escondeu a semente em uma caixa de aço, a bordo de um navio que transportava amostras botânicas do mundo inteiro. Esse tesouro foi lançado ao fundo do mar.

Milhares de anos se passaram. Quando o mar secou naquela região, a caixa foi encontrada já aberta — e uma única semente escapou, caindo por acaso na reciclagem. Sim, isso aconteceu dois mil anos atrás.

Ao descobrir tudo isso, Neleus fica ainda mais fascinada. Ela decide procurar pelas outras sementes que talvez ainda existam pelo planeta, alimentando a esperança de restaurar a natureza. No novo mundo, a poluição obriga as pessoas das cidades-cúpula a usarem máscaras ao sair ao ar livre — mas Neleus sonha com um planeta respirável.

Em suas buscas, descobre algo ainda mais inacreditável: em uma antiga rede social de 2025, encontra uma foto de um casamento. Na imagem, estão ela e Tosajan. Sim, ela mesma. Neleus fica sem entender: seria uma viajante do tempo? Ou ainda estavam em 2025, vivendo dentro de um metaverso?

De repente, a imagem de Tosajan surge na tela de seu computador. Ele diz:

— Você encontrou a flor mais poderosa do mundo... A flor do amor.

Explica que aquela semente só germinaria se fosse plantada por alguém com o coração puro e cheio de amor — como ela fez.

— Mas por que eu não me lembro de você? — pergunta Neleus.
— Você vai lembrar assim que o primeiro raio de sol tocar o seu rosto
— responde Tosajan, sorrindo.

Ele então a convida para sair da casa de vidro. Sem máscara. Pede que ela feche os olhos. Neleus obedece. Sente o calor suave do sol tocando sua pele. Pela primeira vez em dois mil anos, o sol nasce de novo para a Terra.

Quando ela abre os olhos, vê Tosajan ali, em pé diante dela. Ele a beija apaixonadamente. Ela se lembra. Lembra de tudo.

Ela o abraça com força.

O ano é 4025. A natureza renasce na Terra. E o amor, no coração de cada ser humano.

Suélen Ferreira Moreira



Meu nome é Suélen Ferreira Moreira. Sou gaúcha, nascida na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, no dia 13 de dezembro. Sou técnica em Contabilidade, cursei a Faculdade de Tecnologia em Marketing e também estudei Espanhol. Atualmente, trabalho no ramo da moda há mais de 10 anos, atuando com vendas no comércio varejista. Sempre tive uma grande paixão por escrever e ler. Agradeço primeiramente a Deus por esse dom que Ele me deu, à minha família pelo apoio constante e às amigas maravilhosas que conquistei ao longo dessa jornada. Meu especial agradecimento vai para a Revista Autorretratos pelo reconhecimento do meu talento, pelo carinho ao lerem minhas crônicas e pelo incentivo que me deram para continuar escrevendo. Isso trouxe maior visibilidade e oportunidade para um trabalho que eu tanto amo! Acredite nos seus sonhos! Contato: contato@sumoreira13.



OS CACHOS QUE ME LIBERTARAM

Essa é a história de uma garotinha muito esperta chamada Nathália, que adorava se divertir com sua boneca de pano chamada Isabel. A boneca tinha cabelos longos e cacheados, e Nathália adorava fazer tranças nela. Coincidentemente, Nathália também tinha cabelos compridos e cacheados — mas, ao contrário da boneca, ela não gostava dos seus. Não conseguia nem se olhar no espelho, pois se achava feia. Sempre insistia com sua mãe para alisar os fios, já que todas as suas amigas da escola tinham cabelos lisos.

— Mamãe, alisa meu cabelo?

— Minha filha, já conversamos sobre isso. Seu cabelo cacheado é lindo. Não faça isso... Eu sofri muito quando pequena com a minha mãe alisando os meus cabelos.

— Mas, mamãe, por que então a senhora também não usa o cabelo cacheado?

— Ai, filha, é tão complicado... Mas vou te contar uma história.

Ela respirou fundo e começou:

— Quando eu era bem pequena, menor do que você, sua avó Joana alisava meu cabelo, e eu sofria muito. Tudo para não passar na rua pelo que ela própria passava. Usava uma haste de ferro que era aquecida na brasa do fogão a lenha. Muitas vezes, aquilo encostava no meu couro cabeludo e me queimava. Eu ficava dias sem poder passar as mãos na cabeça, de tantas feridas que ficavam. Cresci assim. E mesmo com os cabelos alisados, sofria preconceito na escola. Seu avô era militar, e por isso eu estudava numa escola muito boa. Mas eu era uma das únicas meninas negras da turma. Tinha que ser excelente em tudo — tirar as melhores notas, fazer

os trabalhos mais bonitos — só para ser admirada. Mas, se me destacava demais, era perseguida. As meninas se juntavam para me bater na saída. Ou seja, eu sofria de um jeito ou de outro.

— Mas, mamãe, a senhora não contava nada pra vovó?

— Ela sabia de tudo, mas, se fosse à escola reclamar, podia ser pior. Eu podia apanhar mais ainda ou até ser expulsa. Eu só estava ali por causa da patente do meu pai. No fundo, eles apenas me toleravam. Então, minha filha, o cabelo alisado foi usado como uma arma contra o preconceito, uma forma de me encaixar num padrão que a sociedade impunha. Não me orgulho de ter usado o alisamento como uma armadura, mas foi a maneira que encontrei para sobreviver.

— Mas, mamãe, se é assim, por que ainda alisa o seu cabelo? E por que eu não posso fazer o mesmo?

— Porque, filha... eu ainda não consegui vencer essa dor. A transição capilar é difícil pra mim. Sempre que tento, desisto no meio do caminho. Parece que todo mundo está me olhando, achando meu cabelo feio. Vêm à tona todas as minhas feridas. Eu não quero mais passar por isso.

Ela fez uma pausa. Depois continuou:

— Sabe quando foi a última vez que tentei? Eu estava concorrendo a uma vaga no meu primeiro emprego como advogada. Passei por todos os processos e fui aprovada. Estava empolgada! No dia de começar, fui com tranças nagô. Era parte da minha transição e ajudava muito no cuidado. Mas, assim que cheguei, minha chefe me chamou e disse que “aquele tipo de cabelo” não era o padrão do escritório, que esperavam cabelos “lisos e arrumados”. Fui pra casa chorando. No fim de semana, fui ao salão e alisei os cabelos. Joguei fora todos os meses de esforço, mas achei que tinha feito o certo: eu tinha o emprego dos meus sonhos. Só que, na segunda-feira, me chamaram no RH e me demitiram. Ali, meu mundo caiu. E eu prometi

para mim mesma que nunca mais perderia um emprego por causa do meu cabelo.

— Nossa, mamãe... que triste! Então é por isso que eu também tenho que alisar os meus? Pra não sofrer como você?

— Não, minha filha. Não é por isso. Hoje os tempos são outros. Não estou dizendo que o preconceito sumiu — ele ainda existe. Mas hoje há meninas e mulheres que assumem seus cabelos cacheados, crespos, encaracolados, black... e são lindas, fortes, livres.

— Tá bom, mamãe. Eu vou desistir da ideia. Mas a senhora promete que vai deixar seus cabelos cacheados como os meus?

— Combinado. De hoje em diante, não usarei mais química. Seremos duas cacheadas lindas!

Alguns meses depois, Sabrina, a mãe de Nathália, criou coragem. Marcou um horário em um salão especializado em cabelos crespos e cacheados. Guardou segredo até o dia marcado. Levou Nathália com ela — e, ao chegarem, a menina ficou encantada com o lugar: um salão inteiro voltado ao cuidado dos cachos! Todos os atendentes tinham cabelos naturais, cheios de identidade. Nathália ficou radiante ao saber que, depois de tantos anos, sua mãe finalmente iria assumir os cachos — e mais ainda ao saber que ela também teria um dia de cuidados especiais.

Foi um verdadeiro dia de princesa: roupão cor-de-rosa, banho relaxante de ofurô, massagem. A primeira a sentar na cadeira da cabeleireira Angélica foi Sabrina. O espelho foi coberto para o resultado ser uma surpresa. Depois, Nathália foi para outra cadeira, em outro canto do salão, para que as duas se surpreendessem ao se verem no final.

Como os cabelos de Nathália nunca haviam recebido química, só foi preciso uma boa finalização e algumas dicas de cuidados. Ela amou ser tão bem cuidada. Já Sabrina precisou de um processo mais delicado, pois

ainda havia resquícios de química. Quando Angélica finalizou o trabalho e revelou o espelho, Sabrina chorou de emoção.

— Sou eu mesma? — ela perguntou, em lágrimas. — Nunca me vi tão bonita. Nunca imaginei que havia uma mulher empoderada escondida atrás daquele cabelo alisado...

Quando Nathália viu a mãe transformada, correu e a abraçou com tanta força que parecia que fazia anos que não se viam.

— Agora sim, mamãe! Você já era linda, mas agora está mais linda do que nunca. Agora eu pareço com você. Agora eu me identifico com você. Obrigada por fazer isso por mim. Estou muito orgulhosa da senhora!

— E eu, minha filha... estou orgulhosa de você. Obrigada por me dar coragem de ser quem eu realmente sou. Sem vergonha. Sem medo. Obrigada por me libertar.

A partir daquele dia, Nathália nunca mais pensou em alisar os cabelos. Exibia seus cachos com orgulho por onde passava. Começou a encorajar outras amigas da escola a fazerem o mesmo e a ensinar como cuidar dos próprios cabelos. Criou um canal nas redes sociais, voltado não só para meninas da sua idade, mas também para mulheres como sua mãe — mulheres que, por muito tempo, tiveram medo de enfrentar a transição, mas que agora podiam encontrar coragem... nos próprios cachos.

Ari Göisler



Sou Aricele Geisler, natural de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Cresci na icônica Praia do Cassino, a maior praia em extensão do mundo, onde os vastos horizontes e a brisa do mar moldaram minha paixão pela educação e pela escrita. Sou Professora, Historiadora, Geógrafa, Psicopedagoga e Pós-Graduada em Psicologia Positiva. Desde pequena, fui imersa em um universo repleto de livros, uma herança dos meus pais, ávidos leitores. Essa convivência despertou em mim um amor profundo pela leitura, que vejo como um pilar fundamental para o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens. Acredito firmemente que a leitura é o caminho para a construção do conhecimento e, por isso, os livros devem ser acessíveis e democráticos, essenciais para o crescimento de todos. Minha paixão pela literatura me levou a escrever meu primeiro livro infanto-juvenil, "Os Rabiscos Coloridos", publicado em 2021. A aventura continua com meu mais recente trabalho, "O Menino que Tinha Medo de Trovão". Além dos livros, dedico-me à escrita de contos e crônicas sobre os mais variados temas, explorando sempre novas histórias e perspectivas. Instagram: @escritora_aricele_geisler.



APRENDIZADO NO SORRISO DE UMA CRIANÇA

Um sorriso alegre e feliz me recebe assim que entro pela porta. Em seguida, dois bracinhos se estendem, pedindo um abraço. Desfruto desse momento com prazer, ao receber tão generosa demonstração de carinho.

Pergunto-me o que fiz para merecer tamanho gesto de afeto de um ser tão pequeno. Quase não nos conhecemos. Não convivemos. Nossos encontros são esporádicos. Por que, então, ele gosta de mim?

A resposta me leva de volta no tempo, a alguns anos atrás, e me faz recordar a história vivida com o pai dessa doce criança. A partir daí, tudo faz sentido.

Conheci o pai dele quando ele cursava o sexto ou sétimo ano. Era um aluno difícil: indomável, irritado, uma verdadeira força da natureza. Mas, ao parar para conhecê-lo mais de perto, outra faceta emergia. Surgia um menino sensível, maduro, e até — por que não dizer — doce e carinhoso. Assim era o meu aluno, que hoje é pai desse garotinho.

Por que tanto antagonismo? Talvez pela dor. Um coração machucado ou carente. Seu histórico familiar era complicado, e ele se ressentia de muitas coisas, embora raramente falasse sobre isso — e muito menos admitisse.

Apesar de firme em minhas atitudes com ele, nunca fui grosseira, mesmo quando ele me deixava à beira da loucura — o que acontecia com frequência. Ele se envolvia em confusões com facilidade, brigava quase todos os dias, tinha dificuldade de concentração e atrapalhava a aula, na maior parte do tempo. No início, não fazia tarefas, nem entregava os trabalhos.

Mas eu me recusava a aceitar aquele comportamento desregrado. Procurava conversar, incentivar, mostrar que acreditava na sua capacidade e que lhe dizia que ele podia ir além. Com o tempo, ele passou a fazer minhas

atividades, entregava os trabalhos e até estudava para as minhas provas — ou colava muito bem, confesso.

Suas notas, tanto em História, quanto em Geografia — as disciplinas que eu lecionava — ficavam sempre na média ou até acima dela.

Concluiu o nono ano, que à época ainda se chamava oitava série, e seguiu sua vida. Depois disso, devo tê-lo visto mais uma ou duas vezes ao longo dos anos. E então, o silêncio.

Cerca de cinco anos atrás, ele reapareceu em uma atividade da escola. Ao me ver, veio ao meu encontro com um abraço caloroso. Apresentou-me a sua esposa e o filho primogênito, então ainda de colo. Ao final do evento, passou por mim e disse algo que nunca esqueci: que desejava que seu filho crescesse logo para poder ser meu aluno, assim como ele havia sido. “A senhora foi uma das melhores professoras que tive”, disse ele.

Fiquei profundamente tocada. Mas, como tantas coisas que nos emocionam, deixei aquela lembrança repousar e o tempo seguiu seu curso.

Anos depois, enquanto participava de um trabalho voluntário comunitário, reencontrei-o. Nossos caminhos se cruzaram várias vezes, e em cada uma dessas ocasiões conversamos, relembramos histórias.

Agora, ele era pai de dois meninos. E, de forma encantadora, percebi que a cada novo encontro, o filho mais velho me tratava com mais entusiasmo e carinho. Ele não se mostrava tímido, como normalmente são as crianças diante de desconhecidos.

A explicação veio logo: eu havia sido apresentada como “a professora do papai”.

Com o tempo, recebi também o carinho e a amizade da esposa. No nosso primeiro encontro, ela já chegou me chamando de professora. Logo depois, como quem teme estar cometendo uma gafe, pediu permissão para continuar usando esse título, pois era assim que o marido sempre se referia a mim, e ela havia se acostumado.

Permissão concedida, não demorou para que o pequeno também começasse a me chamar assim. E foi assim que, num desses reencontros, recebi aquele abraço apertado e tão cheio de afeto.

Por que contar essa história?

Para retomar algo sobre o qual já escrevi antes: a responsabilidade que temos com as pessoas ao nosso redor, especialmente aquelas com quem convivemos com frequência.

Temos o poder de influenciar vidas — de forma positiva ou negativa — e essa influência pode se estender por muitos anos.

Se, no passado, eu tivesse sido intransigente, áspera ou indiferente com aquele aluno difícil, a lembrança que ele guardaria de mim certamente seria outra. E talvez o sentimento de sua família hoje fosse de desconforto, ou mesmo de rejeição.

Sempre procurei, no meu modo de ensinar, ser exigente — e, se necessário, firme —, mas sem jamais perder a humanidade. Explicava o porquê das minhas cobranças. Tentava fazê-los entender que o esforço de hoje traria frutos positivos no amanhã.

Ainda faço isso, embora reconheça que hoje o trabalho esteja bem mais difícil.

Fui feliz na minha profissão, como professora. E cada caso como esse, que volta até mim, me dá a certeza de que valeu a pena.

Quando trabalhamos com pessoas, nem sempre conseguimos ver os resultados imediatos. Mas tenho tido o privilégio de colher frutos que plantei há muito tempo.

Sei que cometi muitos erros — como todo ser humano —, mas também sei, pelos testemunhos que recebo, que consegui inspirar, apoiar e guiar muitos no caminho do bem. E até inspirar algumas escolhas profissionais.

Não digo isso por vaidade. Digo porque ouço.

Ex-alunos recordam de aulas, de exemplos, de palavras que eu mesma já nem lembro de ter dito. Mas que, para eles, foram marcantes e decisivas.

É emocionante receber o abraço de um engenheiro premiado no exterior, que lhe diz: "Você foi essencial na minha formação."

Ou ouvir de uma doutora em fisioterapia — que um dia disse que me odiava — o carinho sincero de um “minha professorinha do coração”, reconhecendo que as atitudes que tanto a irritavam foram, na verdade, fundamentais para seu crescimento.

Esses são os frutos da vida. De uma carreira que nunca se acomodou, mas se transformou ao longo dos anos.

Hoje, atuo em outro contexto, mas com a mesma paixão pelo ser humano e pela arte de ensinar — ou de ajudar a aprender.

E, com certeza, quem mais aprendeu nesse caminho fui eu.

Quanto ao pequeno do início desta história, ele me ama pelo que ouviu do pai. Pelo carinho que aquele jovem guardou por mim e fez questão de transmitir.

E essa é, sem dúvida, a parte mais emocionante. E a mais importante.

Por isso, cultive com amor, cuidado e respeito todas as suas relações — de amizade, profissionais, familiares ou mesmo com aqueles que cruzam brevemente o seu caminho.

No ponto de ônibus, na fila do mercado, na sala de espera de um consultório... onde quer que seja.

Distribua gentileza, atenção e empatia.

Você pode não saber quando colherá os frutos, mas, se as sementes forem boas, os frutos também serão.

Glenda Brum de Oliveira



Glenda Brum de Oliveira, é de SC. Tem 5 livros publicados e participa em mais de 150 antologias. É membro de 12 academias literárias, no Brasil e no exterior. Prêmios Diamante das Artes e Educação da Áustria Culture Brazil House; Destaque Literário e Melhores do Ano; Prêmio Sul Brasileiro de Literatura; e Latino Americano de Poesia. As comendas Jane Austen, Machado de Assis, Pablo Neruda, Anita Garibaldi e a de Maria Firmina dos Reis. Colunista das Revistas Casa de Escritores e Autorretratos; colaboradora da Revista The Bard e do Jornal Rol. Participou do Festival Cultural do Brasil, em Viena. Recebeu os diplomas Caneta de Ouro e Mérito Literário da FEBACLA. Condecorada com os títulos de título Embaixadora de La Paz; Doutora Honoris Causa, em Literatura, Chanceler das Artes, no Prize of Artes; o título de Grão- Mestre das Artes; e o título de Embaixadora Cultural Brasil África.



“ENTRE PLANTÕES E SORRISOS”

Na UPA Cidade da Esperança, em Natal, onde a pressa do tempo dança com a urgência da vida, dois nomes circulam pelos corredores com o afeto que só quem cuida com alma conquista: Artton e Telminha.

Artton, com seu jeito calmo de quem parece ter nascido sabendo medir pressão e acolher corações aflitos, é o tipo de profissional que escuta até o que o paciente não diz. Tem um relógio biológico afinado com o plantão da madrugada e um senso de humor que faz até o mais gripado esboçar um sorriso. Dizem que ele já mediu pressão de político, de cantor de forró e até de fantasma — esse último caso ainda está em investigação, mas Telminha jura que viu.

Ah, Telminha! Um furacão de eficiência com coração de algodão-doce. Tem aquele dom raro de aplicar injeção sem dor e bronca sem mágoa. Está sempre com um laço no cabelo e um conselho na ponta da língua. Sabe acalmar criança com piada e adulto com café. Se um dia escreverem um manual de primeiros socorros para a alma, Telminha merece assinar o prefácio.

Juntos, são uma dupla improvável de tão afinada. Onde um começa a cuidar, o outro termina. Dividem gases, histórias e, às vezes, até um pão com mortadela às 3h da manhã, quando a vida dá uma trégua.

Na UPA, onde tudo acontece ao mesmo tempo — choro, riso, sirene, silêncio — Artton e Telminha seguem firmes, costurando saúde com humanidade. E se alguém um dia perguntar onde mora a esperança na Cidade da Esperança, basta seguir o som dos passos dos dois. Estarão por lá, de jaleco branco e coração aberto. A saga continua.....

ARTTON POTIGUAR



Natural de Santo Antônio do Salto da Onça/RN, primogênito dos oitos filhos de Maria de Fátima Pessoa dos Santos e Ailton Rodrigues dos Santos. Servidor Público, Agente de saúde, Autor, Escritor, Enfermeiro Especialista UNIFACEX/RN, Biólogo/UFRN, mestrando/UFRN, Professor, palestrante, articulador, fomentador cultural literário, militante, ativista, agente e produtor cultural com várias participações em inúmeras antologias e coletâneas nacionais e internacionais físicas e virtuais por diversas editoras. Autor de um livro e coautor de mais de 400 obras literárias pelo Brasil. Membro das academias literárias: AIL, ALB, ACL, AILB, ALPAS, AILAP, ACAL, AISLA, ABECC, ALTOA, ALAAP.



CASABLANCA

Todo fim pode ser o começo de uma amizade
(Fala de Rick, no final do filme)

O filme *Casablanca* (1942), do cineasta húngaro-americano Michael Curtiz (1886-1962), com fotografia de Arthur Edeson (1891-1970) e roteiro de Julius J. Epstein, Philip G. Epstein e Howard Koch — é um clássico do cinema, conhecido no mundo todo, ele atravessa décadas, de forma impecável. Hoje, faz 83 anos que estreou e, ainda emociona plateias.

Laureado pela crítica, Curtiz recebeu inúmeros prêmios, como o de melhor direção, melhor ator, melhor coadjuvante, melhor filme, melhor roteiro adaptado, melhor trilha sonora, melhor fotografia preto e branco e melhor montagem. Foi condecorado pela Academia de Ciências Cinematográficas dos EUA. O pesar fica por conta de Ingrid não ter ganhado nenhum prêmio.

Casablanca continua emocionando o público. Em 2013, o filme estava entre os 40 mais assistidos de todos os tempos, no IMDB, uma base de dados de filmes, na Internet, conhecida por *Movie Database*. Em 2020, continuava entre os 50 filmes mais assistidos, provando que a nostalgia do amor romântico é consumida no século XIX. O elenco traz atores consagrados, como Humphrey Bogart, no papel principal de Richard Blaine; Ingrid Bergman, também, no papel principal, como Ilsa Lund; Paul Henreid, no papel de Victor Laszlo; Peter Lorre como Ugarte; Claude Rains, no papel de Capitão Louis Renault; Sidney Grenstreel como Signor Ferrari; Madeleine Lebeau, no papel de Yvonne; Joy Page como Annina Brandel, e Dooley Wilson como Sam, o pianista do luxuoso Rick's Café Américain. Victor, Rick e Ilsa formam o triângulo amoroso do enredo.

Curtiz faz uso de planos médios e americanos simples. Sua câmera é um objeto de apreensão, que a tudo observa, e a tudo capta, levemente, sem alardes. Para Ritter Fan, do Site Plano Crítico (2017), Curtiz, “ao deixar sua câmera no modo observação, ele se beneficia naturalmente da bela fotografia de Arthur Edeson, dirigindo de maneira invisível, sem maneirismos ou intrusões indevidas e, com isso, o foco todo fica nas atuações, na fotografia e no desenho da produção, de modo a permitir que o espectador mergulhe nos detalhes do cenário, na frieza inicial de Rick, na canalhice de Louis Renault e na beleza melancólica de Ilsa”. A cena icônica que serviu de modelo aos cartazes da película em que Rick e Ilsa estão de frente um do outro, ambos de chapéu preto, está alicerçada no expressionismo alemão, que brinca com luz e sombra com o objetivo de tornar a cena taciturna.

O filme de Curtiz traz várias temáticas, a primeira delas evidencia as dificuldades de se viver durante o nazismo, na França ocupada, com perseguições e mortes; a natureza estritamente humana do ser humano *versus* desumano; o amor proibido e seus dilemas morais; o sacrifício; a ética e a angústia das escolhas, como, por exemplo, a dúvida de Rick entre o amor por Ilsa e a ética. Ele se angustia em ter que escolher entre a amada, unicamente, salvando a ela ou a ela e ao marido. O que Rick escolhe? Ser herói ou amante de Ilsa? Todas as escolhas trazem angústia e melancolia, porque assim que se opta por uma, perde-se, automaticamente, a outra.

A trilha sonora ficou por conta do austríaco Max Steiner (1888-1971), e ela inclui, principalmente, a música *As Time Goes By* (Conforme o Tempo Passa), de Herman Hupfeld (1931), de Rick e Ilsa, em Paris, e de Ilsa e Rick, em Casablanca. Tocada e cantada pelo personagem Sam, marca a história dos apaixonados. A cena em que Ilsa pede a Sam que toque a música é belíssima e significativa, porque representa o amor entre eles: *You must remember this. A kiss is just a kiss. A sigh is just a sigh. The fundamental things*

*apply. As time goes by. And when two lovers woo. They still say I love you. On that you can rely.*¹.

1. Tradução literal do trecho da música: Um beijo é só um beijo. Um suspiro é só um suspiro. O fundamental se aplica e, com o passar do tempo, quando dois amantes se cortejam, eles, ainda dizem eu te amo. E nisso se pode confiar.

As Time Goes By é a música que poderia levar Ilsa, instantaneamente, a reviver os maiores e melhores momentos de sua vida, quando ela e Rick se amaram, de forma intensa e representativa para cada um deles. E não havia como ficarem longe um do outro.

No entanto, como é impossível amar em tempos de guerra, com a ocupação nazista, em Paris, eles planejaram fugir para Casablanca. E, juntos, combinam a fuga cheia de juras de amor, de beijos apaixonados e lágrimas. Mas Ilsa não vai ao encontro do amado, na estação de trem, deixando-o debaixo de uma intensa chuva, com Sam. Rick estava desesperado, inconformado. A música trazia lembranças de intenso amor vivido em Paris. E eles se reencontrariam, anos depois, em Casablanca, no Café Rick's, um lugar luxuoso que mantinha, também, um cassino e a venda de indultos.

No filme, o tempo é marcado pela ascensão nazista, por toda a Europa, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O espaço tem a cidade de Casablanca, em Marrocos, um lugar, relativamente livre dos ataques nazistas, controlada pela França, através do governo de Vichy. Há também as cenas em Paris. Mas quase tudo foi filmado em estúdios.

Após a ocupação nazista, em França, o governo colaboracionista de Vichy auxiliava na luta contra os judeus, perseguindo-os. E dessa forma, o governo de Vichy comandava parte da França, territórios ultramarinos, incluindo Marrocos e Casablanca. O nome Vichy é devido à sede de governo fixar-se, na cidade de Vichy, ao centro-sul da França. O governo do marechal francês Philippe Pétain durou, em Vichy, de 1940 a 1944.

Derrotada, em 1940, pelos nazistas, a França decidiu colaborar com os alemães. O governo de Vichy, como citado, era liderado por Pétain, que administrava a parte não ocupada pelos nazistas em Marrocos e Casablanca. Dessa forma, Casablanca era um território neutro, entre aspas, o refúgio perfeito para quem desejasse fugir, definitivamente, dos horrores da guerra. Mas a neutralidade não existia, necessariamente, porque, o cassino era frequentado por policiais nazistas e franceses. E volta e meia, eles pediam para tocar o hino da Alemanha e cantavam com fervor. Mas, também, havia quem pedisse para tocar a *Marselhesa*, composta por Claude Joseph Rouget, em 1792, durante a Revolução Francesa. Mais tarde *Marselhesa* virou o hino francês da luta por dignidade, por liberdade e paz. Os diálogos, hipócritas e intimidadores dos soldados nazistas, prendiam e assassinavam, como, no início do filme, que prenderam Ugarte e o mataram, em seguida, afirmando que ele praticou suicídio ou morreu tentando fugir. Muitos homens morreram em Casablanca, mesmo o território sendo neutro.

De Casablanca, através de indultos, de vistos, poder-se-ia embarcar para Lisboa, e de Lisboa para os EUA. Era uma saída para proteger-se da perseguição diabólica dos nazistas. Assim, Casablanca recebia gente de todo lugar fugindo dos horrores bélicos causados pelos nazistas. Eram, portanto, refugiados em busca de paz. Embora, Casablanca fosse um território livre, como citado, intrigas e perseguições existiam aos magotes. E tudo ocorria no Rick's Café Américain, gerenciado por Rick Blaine, um norte-americano expatriado, e que não poderia regressar aos EUA. Rick (entre outros, como Ugarte e Ferrari) era quem vendia vistos para a fuga de refugiados aos Estados Unidos, e é óbvio que eram indultos caros. Rick colocava-se como neutro em tudo e não impedia que os nazistas levassem quem quer que fosse. No entanto, comandantes franceses e nazistas frequentavam o ambiente de forma amigável, pelo menos, aparentemente. O governo de Vichy havia implementado valores

nazistas em suas bases ideológicas, e estabelecia o culto à família, ao nacionalismo e à ordem.

E neste contexto, começa a história desesperada dos refugiados, durante a ocupação nazista, em França (país que havia se rendido aos alemães), atrás de indultos para fugir da guerra e, em meio a história bélica, mescla-se a história de amor entre Ilsa Lund e Richard Blaine. E assim nasce o filme *Casablanca*. Logo, três temas entrecruzam-se no enredo do clássico: a história dos refugiados tentando comprar indultos para chegarem aos EUA, a história do Nazismo e a história de amor proibido entre Ilsa e Rick. Proibido, porque Ilsa era casada com Victor Laszlo, líder da resistência, preso nos campos de concentração. Foi exatamente no período da prisão do marido, que Ilsa se apaixona por Rick. Proibido, ainda, porque se apaixonam em plena ascensão nazista, época em que tudo eram morte e devastação.

Ilsa e Rick apaixonaram-se, perdidamente, em Paris, viveram por muito tempo esse amor. Estavam sempre juntos, dançavam, namoravam, bebiam champanhe nos bares e o amor parecia salvaguardá-los.

Era um amor verdadeiro, sólido, mesmo com a ocupação. Não é a primeira vez que uma película fala de como a guerra aniquila corações apaixonados. Chovia muito quando Rick aguardava Ilsa na Estação de Trem, para seguirem à Casablanca, ele estava com o pianista Sam. Rick aguardou a amada por muito tempo (e quase perdeu o trem) e, para desespero dele, recebe um bilhete de Ilsa, afirmando que não iria. O que sobrou foram os pingos de chuva desfazendo as letras do papel. Durante muito tempo, Rick sofreu por perder Ilsa. Tornou-se um homem introspectivo.

Em Casablanca, Rick monta um café e passa a administrá-lo, no meio de oficiais alemães e franceses. Ele se tornou um homem calado, ensimesmado, amargurado. E assim vivia, administrando o Café e auxiliando os refugiados. Depois de tanto tempo amargando o amor que lhe sufocava o peito, Ilsa reaparece. Está, ainda, mais deslumbrante, mas ela vem acompanhada

de seu marido, o líder da resistência nazista Victor Laszlo, um importante membro do Partido Revolucionário de Esquerda. Eles entram no Rick's Café Américain.

Trata-se, pois, da história de amor entre Ilsa e Rick. Uma história de amor que começou em Paris, durante a ocupação nazista, e que, renascia em Casablanca, anos depois. A cena em que Rick, reconhecendo a música *As Time Goes By*, caminha na direção de Sam é belíssima, quando ele vê Ilsa, todos os sentimentos humanos misturam-se em seu coração, ele está feliz, mas, também, não se esqueceu de que fora abandonado por ela. O olhar dele sobre o de Ilsa fizeram seus lábios sorrirem, mas ele se contém. E continua com o olhar fixo em Ilsa, e isso lhe provoca intensa emoção. Mas ele se controla. Essa cena é arrebatadora e provoca grande emoção no espectador. Eles se falam, ela vai embora, ele se embriaga e sofre. Mas ela retorna à noite.

É impossível não falar da atuação de Dooley Wilson, no papel do pianista Sam, ele está espetacular, quando vê Ilsa diz a ela para desaparecer: “Por favor, vá embora, você traz azar ao Rick”. Sam temia pelo amigo se sempre. Mas Ilsa pede que ele toque *As Time Goes By*: “Play, Sam. Play”.

Entre as personagens, duas mudam drasticamente no decorrer do filme, o primeiro é Rick, sempre calado, respondendo com evasivas, meias palavras, respostas prontas e até irônicas, não se mete com os oficiais franceses muito menos com os alemães. Tem atitudes pensadas e neutras, não bebe, enquanto trabalha, não conversa com clientes e vive de forma impassível. No entanto, a personagem Rick muda, completamente, da água para o vinho, quando Ilsa chega a Casablanca e vai até o Café. Ao vê-la, ameaça algum sorriso, mas se contém. Desesperado e louco, ele sofre, então, passa a beber, a sentar-se à mesa dos clientes, principalmente, à mesa em que estava Laszlo e Ilsa. Eles se olham por longo tempo. Todo aquele amor calado no peito estava prestes a explodir.

O segundo é Louis Renault, um policial corrupto, que gosta de ganhar dinheiro com os indultos, inclusive com sexo (muitas vezes constava serviços sexuais, no pacote de vistos), canalha, hipócrita, vil e indecoroso, não tem uma mudança drástica como a de Rick, mas, no final, acaba escolhendo o lado certo, cena que resulta na frase conhecida do final do filme: “O fim pode ser o começo de uma amizade”. Para Ritter Fan, Louis é um personagem indigno que perdeu sua moralidade, mas não completamente, porque no final, se mostra amigo de Rick e patriota francês, jogando a garrafa de bebida que grafa o nome de Vichy, no lixo.

Quem não viu a cena final que arrancou suspiros de milhares de plateias, entre Ingrid Bergman e Humphrey Bogart? Quem não torceu pelo amor entre Ilsa e Rick? E com a cena em que o major Louis acaba por ajudar Rick? E quando, andando no meio da névoa, Rick diz que “que o fim poderia ser o começo de uma amizade”? Todas as cenas são emocionantes. Os olhos de intensa tristeza quando Ilsa parte com o marido, olhar este fixo nos olhos de Rick, as lágrimas caindo, o medo nos olhos. Mas Ilsa, também, estava entre Rick que amava intensamente, e Victor, pessoa que lutava por liberdade e pela vida, a quem Ilsa respeitava mais do que a si mesma. O que vale mais em tempos de guerra, um líder antinazista, que sofrera nos campos de concentração, e solto, continua a lutar por liberdade e paz ou o amor devastador que sufoca o peito de quem o sente?

Casablanca, uma adaptação da peça de teatro *Everybody Comes To Rick's* (Todo Mundo Vem para o Rick's), não produzida, de Murray Burnett e Joan Alison, é um filme que abarca estética, história, cultura e uma história de amor. O filme não só divulga a realidade, mas informa e ensina sobre nazismo, mentira, violência e morte. Mostra a supremacia e a xenofobia do governo alemão. Ele orienta o espectador, nas linhas da história, e o emociona ao mesmo tempo, com amor entre Ilsa e Rick. Não à toa é um ícone do cinema norte-americano.

A cidade de Casablanca era um território cercado pelo nazismo, mas, ao mesmo tempo, seguro para os refugiados. Trata-se, ainda, de um drama romântico, comentado por inúmeros críticos e especialistas, no formato livro, em artigo, ensaio e sites de internet e, até hoje, é considerado uma obra-prima do cinema. No início de *Casablanca*, surge um imenso globo mundial, contextualizando-o na guerra e informando as rotas que os refugiados usavam via Paris-Marsella ou via Mediterrâneo-Oran para chegar à Casablanca. O mundo estava perplexo com o diabo austríaco comandando exércitos.

O filme em preto e branco termina com Rick herói, um homem ético e honesto, pois ele, com posse dos indultos, que Ugarte havia confiado a ele, envia Ilsa e Victor Laszlo a Lisboa. Ele fica só, mas será o melhor e o maior homem do mundo para sua amada, que parte chorando. Não se pode deixar de pensar que o filme não teve um final feliz, porque Rick tomou a atitude correta, num espaço bélico, governado por Vichy.

As cenas de amor, em Paris, entre Ilsa e Rick, completamente apaixonados, as cenas entre Ilsa e Rick, em Casablanca ficarão no coração do espectador, eternamente: *I'm looking at you, girl*.

Vânia Coelho



Nascida em São Paulo, Capital, é jornalista, palestrante, escritora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, trabalhou em vários veículos de comunicação, e lecionou por mais de 30 anos em universidades, nos Cursos de Jornalismo, Direito, Psicologia e Letras. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira de Nova York. Foi orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso, TCCs, das turmas de Jornalismo; editora-chefe do jornal Institucional **Contraponto**; redatora-chefe do **Cinco Minutos UnG** e coordenadora do **UnGNews**. Sua carreira jornalística deu-se dentro das academias. Trabalhou, também, na rádio web *De*

Prima, responsável pela **Agenda Cultural**, às quintas-feiras - com dicas de filmes, peças de teatro, shows, exposições e livros. Compôs o Júri Internacional do FESTFRANCE – mostra francesa de 2021 que engloba animação, filmes e curtas. Alimenta o site <http://literacomunicq.blogspot.com.br> - com resenhas críticas de cinema e literatura. É autora de *Ritos Encantatórios*; *Aspectos Teóricos da Linguística*; *Mulher na Idade Média* – In: História e Resistência; *Costureira dos Malditos*; *Os Inocêncios*; *Café com Sartre*; *Tormenta e A Incrível Lenda da Inferioridade, volume I*. Este último lançado em maio de 2021, em Portugal, disponível nos formatos digitais e físicos. O formato físico encontra-se nas livrarias Martins Fontes, Cultura e nos sites da Amazon. Lança em março de 2023, mês em que se comemora o Dia Internacional das Mulheres, o volume II de *A Incrível Lenda da Inferioridade*, em que denuncia as atrocidades misóginas contra o feminino e ressuscita fragmentos da vida e da luta de mais 33 mulheres, cuja importância social, política, científica, artística, cultural e econômica, o sistema patriarcal desautorizou. Os volumes I e II da obra *A Incrível Lenda da Inferioridade* resgatam o nome de 66 mulheres reais que foram silenciadas, ocultadas das páginas da história oficial. O volume II também denuncia as atrocidades (práticas cruéis) direcionadas às mulheres desde tempos primórdios. Hoje, milita em prol da igualdade de gênero com palestras e debates, de modo a fazer o ouvinte refletir sobre o direito à liberdade e à felicidade. Atualmente, tem palestrado com frequência na Casa de Cultura Odisseia, em São Paulo, e participa, ainda, de forma contínua, dando entrevistas em diversas emissoras de rádio, televisão e internet sobre os seus livros.



A NAVE VAI, VAI, VAI!

Tudo é nave

entre zarpar e atracar tudo é meio-do-caminho ao longo do qual você passa por cada coisa que nem pode imaginar...

Com cada casa

cada barco

vassoura

foguete

vem junto

- em anexo - o manual de passageiro da nave específica.

Atravessando a grande massa, de braçada, iate, jacaré, seja massa de água, ar ou éter: o *eu-corpo*.

Espaço Ele Ocupa.

Frente-trás, lado-lado, cim'abaixo: volume existe.

As dimensões são três, quatro, cinco, durante as quais, lentamente, eu me visto, lentamente, len-ta-men-te.

No entre: o tempo.

Puxo a camisola que me envolve-me enrola- me envelopa num tecido de algodão verde estampado; a fina faixa atravessa o furo, dá uma volta no tórax, encontra outra com quem faz um laço.

À altura do peito esquerdo, o nome do plano de saúde é revelado numa etiqueta e por sua vez o empresta ao edifício de um bairro litorâneo a oeste da cidade hipertensa.

Estou hospitalizada.

Hospital e hotel possuem a mesma origem etimológica.

Um prédio é feito de tijolos, cimento, vigas e argamassa.

O corpo, meu *eu-corpo*, é composto que transcende a soma de suas partes; rejunta-reúne células em tecidos, órgãos e vísceras, a mais famosa delas, involuntário músculo, pulsa-expulsa num rítmico batuque um rubro líquido de ar e comida se presta à entrega, coleta, transporte.

Atravessam paredes das células, margeiam interfaces, preenchem interstícios, entram e saem incríveis suprimentos.

O ar. O ar. já falei deste elemento, mas não da satisfação, do produto mais belo das plantas, dos perfumes, do cheiro da pele da pessoa amada, do prenúncio da coisa mais bela do mundo segundo a escritora Carolina de Jesus, que é matar a fome que te mata.

Já a comida, essa chega aos grandes pedaços, desce goela abaixo depois de lhe alcançar a Boca; dentes trituram, saliva escorre pronta, a língua gira, sorve, rebola, se mexe.

Lasanha

Nham

Nham

Nhoque

Diz-se deste outro estranho músculo detentor dos prazeres máximos.

Embora gulosa até o meu, não, tomar banho frio ganha troféu de êxtase. É por isso que uso cabelos curtos! Algumas gotas de xampu são suficientes para um conforto plácido.

Pendurada na parede por uma haste metálica, a TV exhibe as últimas notícias.

Zapeio. Estico antebraço, aperto com o polegar, do controle, as pequenas teclas.

Eis que do nada, mais que de repente, sabe-se lá porque cargas d'água, está dando aula a pessoa que me ensinou tudo aquilo com que pela vida toda

eu trabalho. É como se tivesse sido internada naquela asséptica suíte master só para vivenciar este momento!

Certos canais exibem documentários ótimos.

Sobre a mesa de rodinhas ao lado, repousa uma bandeja com restos.

A porta do quarto é larga o suficiente para permitir que por ela passe a maca.

No corredor, lá fora, profissionais de jaleco franzem a testa enquanto, com dez dedos, preenchem formulários eletrônicos. Levam e trazem medicação e demais apetrechos.

Todo o ambiente é hermeticamente fechado. A varanda do quarto é um apêndice *fake*. Supõe-se que o ar condicionado espante as bactérias. Mas daí exige cobertores, meias e casaco.

Esses dias, meu *eu-corpo-edifício* apresentou rachaduras pelas quais encontraram brechas certos seres microscópicos prontos para o ataque.

A mais forte hipótese é de que chegaram através dos dentes.

Logo os dentes!?

Essa parte estranha, nem mole nem osso.

As gengivas inchadas ardem. Delas, diz-se que a pele que separa do seio da face é tão fina quanto a situada entre a casca e a clara de um ovo de galinha ou de codorna. Fina o suficiente para o bote.

A ciência moderna, para isso, preconiza medicação antibiótica intravenosa.

O buraco que a agulha faz na pele do dorso da mão ou da face interna do antebraço se chama acesso.

A consequência dermatológica desse enfia-puxa-espeta é uma mancha roxa.

Entregaram tubo de dez miligramas de um gel que atua sobre hematoma, dor, inchaço.

Tem odor agradável a pomada feita de pitadas de olissulfato de escina só-dica sobre salicilato de dietilamônio.

Não, eles não são sádicos nem estou de dieta.

Cumprem protocolos previamente estabelecidos lá se vão séculos.

O fato é que. O fato.

É que a instituição é um microcosmos de todo o resto.

Manifestações variadas de O Castelo de Kafka.

Esta nave parece estática, porém o planeta é astro errante.

Segunda feira, recebo *alta*.

Até agora, vinha mantendo suficiente calma, porém, com a notícia, a expectativa da saída faz com que as horas e os minutos não mais passem a partir do momento em que se os contem.

Como em voo internacional, recebe-se alegre o primeiro lanche.

Já a proximidade dos processos de aterrissagem faz com que a corrente elétrica do filme *blockbuster* trema em mal contato, até ser substituído pelo símbolo gráfico do avião sobre determinado ponto do mapa.

Piloto pede elegantemente em três idiomas em sequência para a tripulação verticalizar o encosto do assento, guardar bolsa e demais objetos, além de afivelar cinto.

Relaxa-abaixa esses ombros. Respira fundo, o que quer dizer, solta o ar sem pressa até permitir aos alvéolos o vazio indispensável.

Larga mão desta revista! Solta.

Alguns instantes depois da decolagem e após meia dúzia de palavras jogadas fora em papo furado com o vizinho aleatório, esquecemos por alguns instantes da tarefa de realizar um trajeto de um ponto A a um B-outro.

Com a interrupção do filme pela poliglota e simpática fala do piloto, não mais se evita a consciência da condição de ocupar uma cápsula. Naves são cápsulas de formatos diferentes.

Lá fora, céu encoberto, temperatura amena, nuvens esparsas.

A companhia aérea agradece vossa confiança.

Não esqueça de computar os seus pontos. Vai chegar o momento de viajar de graça.

Em poucos minutos, estaremos em terra firme.

Terra é elemento que serve para armazenar o impulso e armazenar energia cinética para o próximo salto.

Plié - Grand Jeté.

Sextou!

Uma pessoa de quem não gosto nenhum pouco recebeu um dispositivo eletrônico que impede que fuja da sanção pelos crimes cometidos.

Enquanto isso, antes do que imaginava, eu recebi alta.

Vida que segue.

Hoje certamente está rolando um arranjo muito bonito dos astros...

Vai, vai, nave!

Para Federico Fellini

Marta Bonimond



Marta Bonimond - vive e trabalha entre Rio e Niterói/RJ - é multiartista e professora universitária (UFRJ). Formou-se em Dança pela Faculdade Escola Angel Vianna, cursou Pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e tem Doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília, cidade em que viveu por 9 anos. Dirige a Trupe DiVersos Coletivo de Artistas e tem uma palhaça chamada Filomena Filona. Publicou o ensaio sociológico "Corpos em Obras" pela Editora Annablume.

ENSAIOS



QUEM MAIS EU PODERIA SER, ALÉM DE MIM MESMA?

Antes, um pouco sobre o meu “eu”

Não faz muito tempo, eu andarilhava de algumas coisas. Hoje, tenho colocado certa atenção no caminhar, na busca de uma travessia que possa ser percebida, sentida e compreendida. Não tinha consciência de que os excessos de atividade, disponibilidade, produtividade e cuidado com os detalhes dos meus fazeres, bem como de que querer ganhar o mundo e viver constantemente em busca de tudo aquilo que se fizesse alvo de meu desejo estava entrelaçado, em alguma medida, a uma busca por reconhecimento externo. Por muitos anos, convivi com ansiedade e síndrome do pensamento acelerado, normalizando esses sentires, especialmente por acreditar que esse era o padrão e que não viver impulsionada pela adrenalina de estar constantemente em alta rotação seria totalmente inadequado. Acreditava que não seria útil no e para o mundo. O meu “eu” não entrava nessa conta.

Demorou para eu entender que a minha menina interna ainda tentava ser destaque e motivo de orgulho para o outro, acertando sempre. Não vejo problemas em ser motivo de orgulho para alguém. No entanto, eu nunca havia, conscientemente, feito o pouso necessário para apartar o que fazia parte das expectativas que foram forjadas em mim dos meus próprios desejos e da promessa que fiz à minha alma. Parece estranho pensar assim, pois quem mais eu poderia ser, além de mim mesma?

Tenho refletido bastante, há um bom tempo, sobre *ser*. Entre inúmeras ideias e muitos pensamentos, uma palavra tem sido recorrente: coragem!

É preciso ter coragem para deixar vir o que se é, para viver sem nos intimidar com os olhares alheios e não agir como se fôssemos outra pessoa, nos ferindo à medida que nos subjugamos. É preciso ter coragem para abrir mão do que provoca uma falsa sensação de conforto para buscar as dores de nascer, de deixar de ser semente para, então, florescer. É preciso ter coragem para sustentar o equilíbrio entre ser quem se é e ser aqueles que precisamos ser, nos mais diversos cenários que atuamos na vida.

E de onde vem a coragem? Da compreensão da jornada de tornar-se pessoa. De descobrir e (re)descobrir quem somos em verdade e essência enquanto nos envolvemos com as belezas e os esforços impostos pelas irregularidades do caminhar pela vida. Aproprio-me dos dizeres de *Carl Rogers* sobre o viver: “a vida, no que tem de melhor, é um processo que flui, que se altera e onde nada está fixo”. Somos muitos, mas somos únicos. Há algo dentro de nós que pede para ser percebido, validado, acolhido, respeitado; que nos traz calma e paz, que nos equilibra e nos dá coragem. Há algo dentro de nós que nos avisa quando a alma precisa ser ouvida. Não deveríamos negligenciar o som do despertar. Mas é preciso coragem!

Todo processo que direciona o nosso olhar e sentir para dentro nos conduz por uma jornada de autoconhecimento; um caminho bastante irregular, mas que permite uma vista deslumbrante e uma sensação de liberdade genuína. É como subir uma montanha. No início, um caminho longo, íngreme, que nos exige esforços; a depender das trilhas por onde andamos, um percurso apertado e pouco desbravado que nos convida a

sermos atentos aos galhos que nos riscam o corpo, à boca seca que clama por água e ao corpo que queima sob o sol. Mas seguimos, pois decidimos por essa travessia e ansiamos pelas sensações que nos espera ao final da subida: a vista deslumbrante, o silêncio do vento e dos cantos dos pássaros, o refrescar do mergulho nas águas que descem pelas pedras. Além do que nos espera, também somos impulsionados pelas belezas dos caminhos que são raras por onde andamos cotidianamente: horizonte a perder de vista, céu azul, vento forte a bagunçar os cabelos, sol que aquece e vibra o corpo, flores com cores e texturas únicas, verde que cobre como um tapete. Vida.

Agora, um pouco sobre como arte da Fotografia me levou ao meu “eu”

Sou enfermeira, professora universitária, escritora, arteterapeuta e fotógrafa. Me considero uma pessoa-profissional realizada, pois o que faço faz sentido para mim, mesmo flertando com um certo desequilíbrio provocado pela necessidade de acertar e orgulhar. No entanto, por muito tempo, a fotografia era apenas a vista deslumbrante, o silêncio do vento e dos cantos dos pássaros e o refrescar do mergulho nas águas que descem pelas pedras que eu desejava desfrutar, alienada do caminho que deveria ser caminhado.

Minha criança tentou, por muitas vezes, subir a montanha das artes: dança, teatro, escrita, música e fotografia. Mas as forças externas para moldar foram mais fortes, adormeceram a sensibilidade e levaram a menina a outros caminhos, mas que de alguma forma exigiam habilidades atreladas a manifestações artísticas: falar, ouvir, relacionar, obter a atenção, dar

atenção, inspirar, transformar, sensibilizar, denunciar, responsabilizar, movimentar, acolher, tocar, cuidar. Algo meu sempre esteve comigo!

Certo dia, durante uma marcha de carnaval, compreendi que a arte liberta e cura. Senti, impulsionada pelas batidas dos tambores, pelo som ecoando em coro e pelos corpos em movimento, que poderia cuidar de pessoas seguindo, literalmente, um dos conceitos mais potentes da Enfermagem, proferido por Florence Nightingale: “A Enfermagem é uma arte; e para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso, quanto a obra de qualquer pintor ou escultor; pois o que é tratar de tela morta ou do frio mármore, comparado ao tratar do corpo vivo, o templo do espírito de Deus? É uma das artes, poder-se-ia dizer, a mais bela das artes!” Em meio a um bloco de carnaval, tive um insight de que poderia exercer a ciência e a arte do cuidar usando a fotografia como recurso terapêutico e vislumbrei que não precisaria abandonar minhas duas paixões, enfermagem e educação, para poder exercer a arte da fotografia.

Poucos meses depois, me arrisquei a trilhar uma mentoria em Fotografia Terapêutica e percebi, sem demora, que esse seria o início da subida da montanha. Fui conduzida por um processo profundo de autodescoberta e transformação. Se fosse possível resumir essa vivência em poucas palavras, seriam: revelação, autovalidação e CORAGEM!"

Mergulhei em águas turvas, tomada pelo medo daquilo que estava submerso e oculto, mas impulsionada, como uma criança que ainda não consegue medir a dimensão do perigo, pelo desejo das sensações que o mergulho, certamente, me proporcionaria.

Essa imersão me levou a um encontro com o meu "eu" e com algumas de minhas mais profundas e secretas verdades. Fui agraciada com

uma TRAVESSIA que me despertou autoconsciência e me elevou a outros níveis de compreensão sobre mim, o outro e a forma como me relaciono e me apresento no mundo. As reflexões deflagradas durante o processo de Fotografia Terapêutica me fizeram perceber algo em mim que jamais havia sido visto ou sentido. Num âmbito mais profundo, era como se eu estivesse me encontrando pela primeira vez, munida de uma clareza que me dissecava cada vez mais.

Durante a jornada, temas profundos eram traduzidos em imagens que revelavam meus sentires sobre memórias, desejos e marcas que me fazem ser quem sou. Cada imagem captada por mim clareava um canto, validava outro, despertava saudades, importunava uma dor, revelava uma coragem! Não raro, as reflexões a partir das fotografias faziam brotar um choro calmo, silencioso e que provocava alívio. Impossível descrever nesse texto todos os aspectos vivenciados durante a mentoria em Fotografia Terapêutica e as transformações ocorridas. Mas algumas vivências foram agentes catalisadores para o olhar da (re)descoberta e de uma nova percepção pessoal e merecem espaço nesta partilha.

O primeiro encontro me levou a uma memória na casa dos meus pais e para a saudade que sinto do meu tempo de infância.

Saudade do vestido verde. Do alfabeto bordado na barra. Das meias de crochê.

Do pequeno smoking cinza. Das mãos dadas. Da amizade. Do amigo. Do Sol forte. Da sombra na lateral da casa. Do chão batido.

Do vento forte. Dos redemoinhos efêmeros.

Do corcel vermelho. Do som da televisão anunciando a presença na sala.

Da Caloi vermelha. Dos cachos. Das mãos que bordou, costurou e fez os cachos.

Das tardes de domingo. Da Kodak. Do desejo de guardar.
Do vestido bege. Dos cabelos curtos. Do abraço. Do sorriso.
Saudade de mim. Do amor. Da presença. De estar junto.

Durante uma semana inteira, nesse processo intenso de sentir saudade, tive a oportunidade de me isolar do mundo externo em companhia de meu pai, em meio à natureza. Por uma semana, senti, chorei, pensei, acolhi, compreendi e, claro, fotografei e escrevi. As discussões, partilhas e reflexões que ocorreram nos próximos encontros da mentoria foram importantes para entender e organizar o turbilhão de sentimentos e percepções que foram desencadeados nesta semana.

Quais sentires dos meus pais determinam os meus? Essa foi a reflexão que não me deixou nesse período de isolamento do mundo de fora e aproximação com o meu pai e o mundo de dentro.

As fotografias eram construídas de modo intuitivo. Se a imagem despertava memória ou algum sentir, era logo capturada.

E o que dizer da força de uma fotografia? Fotografia é poesia. Música. Cheiro vindo da cozinha. Vento que bagunça os cabelos. Que derruba roupas do varal. Calor. Luz. Pele. Poeira. É permissão de (re)ver e (re)significar. Compreender e perceber. Sentir. Fotografia é memória do tempo. E de nós. É tesouro sagrado do que nos faz sagrados.

Ainda no processo de entender e organizar os sentires, continuava a me perguntar:

Por que nunca estou satisfeita com o que faço? Por que me sinto incompleta? Por que estou constantemente em busca de algo novo e diferente? Por que não estou em paz? Não sei. Sinto que há um lugar vazio a ser preenchido e sempre atribuo ao que eu desejei no passado e não consegui concretizar.

Eu havia percebido que essa busca alienada me gera angústia e exaustão e me leva para longe de casa. A palavra que está por trás é impulsividade, o que me torna portadora de uma mente excessivamente inquieta. Percebei, também, que impulsividade e inquietude são sentires que formam um elo entre eu e meus pais.

E o que está por trás da impulsividade e da mente inquieta? A vontade de acertar. De agradar. De ser motivo de orgulho. A necessidade de validação externa. Qual a consequência? Um não sem força. Medo de errar. Insegurança. Por que dói errar?

Apesar de tudo que faço ter sentido para mim, à medida que eu conseguia organizar os sentires acima partilhados, eu percebia que havia algo que eu estava ocultando de mim mesma.

Estou nua e crua. Essa luz que distorce, na verdade, ilumina a verdade, aquilo que pede para ser visto, sentido e acolhido. Meus cabelos? São o meu escudo, a proteção diante do que ainda não consigo confrontar.

Muitos sentires foram aflorados e percebidos com clareza. Até mesmo o que estava turvo. À medida que eu acessava as sombras do meu

“eu”, era possível compreender o quanto a minha jornada era para frente, sempre por um caminho de luz e florescimento.

Sou do jeito que sou.

Vou do jeito que dá.

Coragem. De ir. De deixar vir.

De aprender a ser.

Eu aceito quem eu sou.

Eu acolho minhas angústias.

A inquietude faz parte de quem sou.

Encontro após encontro, as revelações descobertas pelas fotografias captadas por mim e as reflexões por elas permitidas se entrelaçavam cada vez mais!

À certa altura da mentoria, eu avistei a origem da ausência da força do não, da impulsividade, da mente inquieta e da busca desenfreada por algo: medo da rejeição e do abandono que, em princípio, atribui aos sentires dos meus pais, que foram inerentes ao SER de cada um deles. Já havia compreendido o ritmo excessivo no trabalho, o distanciamento das coisas da casa, a autocrítica e autocobrança intensas, o excesso de ideias e pensamentos, a exaustão. Havia entendido o medo da falta do amor do outro.

Essa lucidez me trouxe calma, paz e segurança.

E o processo de cura? Entendo que perpassa pela capacidade de enfrentamento que só a aceitação do outro e das marcas que ficaram em mim pode proporcionar. Entender, compreender, aceitar e acolher. Desprender os sentires e a história do outro dos meus próprios sentires e da história que tenho escrito para mim.

Finalmente, uma explosão de luz e percepção consciente emanou de mim: uma mulher que reconhece e honra suas origens e sua ancestralidade, admira e respeita a própria TRAVESSIA e que não teme o re(torno) para casa. Na verdade, deseja o retorno e se alegra por isso! As águas turvas do medo, da insegurança e da busca exaustiva pelo preenchimento do vazio perderam força à medida que o mergulho avançava.

O coração sempre avisa quando a alma precisa ser ouvida. Não silencie o som do despertar. Sempre é tempo de deixar vir o que está dentro e ouvir o nosso "eu". Deixá-lo se manifestar. Se olhamos atenta e cuidadosamente para fora, somos guiados a uma travessia de perceber quem somos em essência, para além do que fomos moldados ao longo de nossas vidas.

Pude olhar para as minhas sombras e compreender que, embora não sejam faladas, foram, intimamente, compreendidas e perdoadas.

O sentir é solitário e confuso.

Pude contemplar o meu caminho de subida da montanha e das recompensas das belezas presentes no caminhar.

A jornada é solitária. O despertar é solitário. Mas é preciso seguir e FLORESCER.

Pude amparar a mulher consciente dos obstáculos da subida, sem os temer, negligenciar ou valorizar excessivamente. Pude testemunhar a mulher

feliz, realizada, segura e grata pelo que sou e pela forma como vivo em comunidade.

Essa sou eu, que olha para o futuro. Que caminha para frente.

Ao final dessa subida, pude compreender que a busca exaustiva por algo que nunca preenche e que o medo e a insegurança podem estar relacionados à fuga de um lugar de sombra. Compreendi, claramente, o porquê de tantas estradas nas composições de minhas fotografias. Essas estradas são os caminhos para onde não quero retornar e para onde desejo estar! Trata-se de uma estrada única, que é preciso ser aceita, amparada e cuidada! Eu sou um ser de movimento.

Amar-Se é um constante movimento.

De re-TORNO. re-VER. SER.

A fotografia, enquanto instrumento terapêutico sensível de cuidado, ampliou a minha autoconsciência de que, para além de ganhar o mundo, desejo deixar as marcas de quem sou no mundo por onde caminho. A fotografia, ao me fazer caminhar pelos terrenos do “olhar para fora e para dentro”, me encheu de coragem e desejo de deixar marcas de um caminhar coerente com a promessa que fiz para minha alma, com o que me fala internamente, com tudo aquilo que consigo sustentar e me deixa em paz.

Revelador. Criador de coragem para (re)começar.

Como meus pais eram recorrentes em minhas reflexões e composições fotográficas, acho justo encerrar essa partilha com as revelações proporcionadas por algumas fotografias capturadas em torno de temas que

conversavam com e sobre eles: sacrifício e mistério. Essas percepções foram fonte de angústia, tristeza e nostalgia ao longo dos meses da mentoria. Contrapondo esses sentires, compreendi que ambos escolheram viver suas vidas, de alguma forma, coerente com o que professaram ao longo de suas jornadas e cabe a mim, apartar de mim.

Aceitação. Liberdade para entender e aceitar que somos “eu” e o “outro”.

Katiucia Barros



Me chamo Katiucia Barros, nasci em Caetité (BA), em 1977, e vivo em Belo Horizonte há quase 30 anos. Sou mulher, esposa, mãe, filha, irmã e amiga — papéis que nutrem minha forma de estar no mundo. Desde a infância, sou fascinada por livros e imagens. Folhear páginas ilustradas era, para mim, uma forma de sonhar com histórias que iam além das palavras. Sou enfermeira graduada e mestre pela UFMG. Sigo minha trajetória como professora universitária, coordenadora, escritora, fotógrafa e arteterapeuta — caminhos que se cruzam na busca por expressão e conexão. Cuidar do corpo humano é minha escolha de ofício; cuidar da alma, uma vocação que a fotografia me revelou com força. Em 2017, mergulhei no estudo da fotografia profissional e descobri nela uma extensão do meu amor por narrativas e escuta sensível. Observar pessoas e captar os detalhes que as tornam únicas é o que inspira minha arte. Além de publicações em Enfermagem, venho explorando a escrita literária como forma de dar voz às emoções e verdades que habitam o encontro entre palavra, imagem e olhar. Instagram: @projetoperceba_se e @katiuciabarros-fotografia | E-mail: katiuciamar-tins@hotmail.com.



DESAFIOS DE UM CORPO PLUS SIZE

Para mim, a palavra “moda” vai muito além das roupas. Ela conta histórias, traz pertencimento, identidade e contesta padrões.

Antes de cursar Design de Moda, eu tinha uma visão limitada: achava que moda era apenas um estilo de vida — ser fashionista e seguir o que as marcas ditam como certo. Mas, ao me aprofundar nos estudos, percebi que moda é algo muito mais profundo.

Ela reflete um período da humanidade atravessado por aspectos históricos, econômicos, geográficos, sociais e culturais. Embora pareça cíclica, a moda incorpora novos padrões, conectando o passado, o presente e projetando o futuro.

Seu papel na sociedade é refletir quem somos e, ao mesmo tempo, influenciar nossos comportamentos. Pode levantar questionamentos sobre temas importantes ou expressar mudanças no mundo, como a adoção de novas tecnologias. A moda funciona como uma forma de comunicação, assim como a arte: não se trata apenas de estética, mas de transmitir mensagens. Essas mensagens podem nos impactar diretamente ou não — influenciar ou afastar.

Marcas já consolidadas possuem mais liberdade para explorar essas questões, pois seu público reconhece e confia em sua identidade.

Antes do movimento de inclusão, a moda Plus Size tinha uma relação bastante limitada com o corpo. Muitas marcas ainda se prendem ao estereótipo do corpo magro, visto como “cabide vivo”, o que exclui muitas pessoas. E isso é ainda mais problemático em um país como o Brasil, com corpos miscigenados e proporções diferentes dos padrões europeus. Essa

exclusão abriu espaço para o mercado Plus Size, historicamente negligenciado, já que esses corpos demandam mais tecido e estudos de ergonomia para que as roupas tenham bom caimento.

A distinção entre “moda” e “tendência” é essencial para compreender o cenário da moda Plus Size. Tendência é uma direção, um movimento que ganha força no consumo. Moda é a materialização dessa tendência — expressa em produtos, estilos e comportamentos específicos.

Hoje, os consumidores estão mais conscientes e valorizam marcas que se preocupam com sustentabilidade, como é o caso da tendência Zero Waste, que busca reduzir ou eliminar o desperdício de tecido.

Participei do projeto Incubadora Eco Estilo, com a professora Jainaina Ribeiro, onde desenvolvi uma coleção sustentável baseada na modelagem limpa (Zero Waste), com bordados Assemblei — feitos com retalhos — e looks de alfaiataria Plus Size, utilizando tecidos doados. Foi uma experiência transformadora, que mostra como essa tendência pode ser aplicada de forma prática.

Para mim, o estilo pessoal é a identidade visual de cada um e pode se manifestar de várias formas: romântico, dramático, esportivo, criativo ou clássico. Muitas pessoas não sabem qual é seu estilo — mas isso não significa que não tenham um. Na verdade, podemos ter mais de um, dependendo do nosso cotidiano e estilo de vida.

Na minha experiência, pessoas Plus Size sempre tiveram menos liberdade para expressar seu estilo através da moda. O mercado ainda tem pouco interesse em corpos fora do padrão magro, o que torna difícil encontrar roupas que reflitam nossa personalidade. Estudar moda foi libertador: uma maneira de descobrir como expressar meu próprio estilo.

Os maiores desafios enfrentados por pessoas Plus Size ao desenvolver seu estilo são a escassez de opções nas lojas, especialmente nas fast fashions,

que oferecem tamanhos limitados e padronizados. Poucas marcas trabalham com numerações maiores, o que dificulta a expressão do estilo pessoal.

Uma dica para quem busca se vestir melhor é pesquisar marcas nacionais que conhecem seu público ou procurar uma costureira para fazer peças sob medida, que valorizem suas medidas e tragam mais exclusividade.

O estilo pessoal na moda Plus Size pode ser uma poderosa ferramenta de empoderamento. Nossas roupas funcionam como armaduras — ajudam a enfrentar o mundo com mais confiança, revelando quem somos e o que queremos expressar.

Demetra Ais



Sou Demetra Ais, profissional na área de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda e Designer de Moda. Apaixonada pelas áreas de Arte, Publicidade, Design e Moda, busco constantemente me desenvolver nestas áreas, por ser um campo abrangente. Minhas habilidades estão ligadas a criação (desenho) de estampas e roupas, assim como modelar e criar identidade visual. Participei da criação do fardamento da FE-COMÉRCIO CE - 2020, desenvolvi o figurino de uma trupe de circo, participei do projeto Incubadora Eco Estilo 2024 e desfilei a coleção como modelo no Papoca Fashion em 2025.



Artigos

O SERTÃO NORDESTINO NO CINEMA BRASILEIRO: TERRITÓRIO, REPRESENTAÇÃO E DISPUTA SIMBÓLICA

Introdução

O Sertão nordestino é mais que uma localização geográfica: trata-se de uma paisagem simbólica, construída historicamente por narrativas políticas, culturais e artísticas. Desde *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, até a produção cinematográfica contemporânea, o Sertão tem sido um campo de disputa representacional, onde se cruzam mitos, estereótipos e projetos de identidade nacional. Este artigo apoia-se em um conjunto de leituras fundamentais para explorar criticamente as formas como o cinema brasileiro tem narrado e figurado esse território.

O Sertão como construção simbólica: entre o mito e a crítica

Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em *A invenção do Nordeste e outras artes* (2011), revela como o Nordeste e, por extensão, o Sertão foi inventado discursivamente por elites do Sul-Sudeste, que o construíram como alteridade interna da nação, símbolo de atraso, rusticidade e exotismo. Essa invenção ideológica projeta-se sobre o Sertão como território marcado simultaneamente pela pobreza e pela resistência, estruturando imaginários que o cinema frequentemente reproduz ou contesta. O artigo de Sheila Schvarzman (2012), *Os Sertões do cinema*, mostra como essa matriz literária e histórica influenciou o cinema brasileiro. Filmes como *O Canto do Mar* (1953), *O Cangaceiro* (1953) e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) reencenam a paisagem sertaneja a partir de modelos estéticos e políticos distintos, alternando entre o exotismo, o heroísmo e a denúncia social. A

autora destaca como o Cinema Novo, especialmente em Glauber Rocha, retoma a tradição regionalista de forma crítica, contrapondo misticismo e rebeldia, e transformando o cangaço em alegoria da revolução.

Genealogia das imagens: entre estéticas e ideologias

Diogo Cavalcanti Velasco (2017) propõe uma *Genealogia das imagens do Sertão no cinema brasileiro*, mapeando os principais ciclos e rupturas. Segundo o autor, o ciclo do cangaço introduziu uma estética da violência e da aventura que, embora centrada no Sertão, frequentemente o reduzia a um cenário de fundo, despolitizado. Já o Cinema Novo reposiciona o Sertão como protagonista simbólico, espaço de contradições e potencial de transformação. Velasco argumenta que há uma continuidade entre as representações fílmicas e os dispositivos ideológicos que conformam o olhar sobre o Nordeste.

A crítica à romantização do cangaceiro: o caso de Lampião

Tiago Pavinatto (2023), em *Da Silva: a grande fake news da esquerda*, desconstrói o mito de Lampião, tradicionalmente exaltado como símbolo de resistência. Para o autor, trata-se de um psicopata popular, cuja imagem foi instrumentalizada por setores da esquerda para fins ideológicos. Pavinatto realiza uma leitura semiótica e psicológica da figura de Lampião, denunciando o que chama de “fraude simbólica” promovida pelo cinema e pela cultura oficial. Sua crítica se dirige particularmente a filmes como *O Cangaceiro* (1953) e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), que, segundo ele, contribuem para a distorção da memória histórica ao romantizarem a violência e obscurecerem as vítimas reais do cangaço. Essa leitura, embora polêmica, aponta para um problema relevante: o risco da estetização do banditismo como forma de resistência popular. A figura de Lampião, ao ser transformada em herói ou mártir cinematográfico,

reconfigura narrativas de opressão em gestos revolucionários simbólicos, apagando ambiguidades éticas e sociais. Apesar do viés conservador de sua análise, a provocação de Pavinatto instiga uma revisão crítica das narrativas heroicas em torno do cangaço.

Sertão-Mar e a estética da fome: a imagem como potência política

Ismail Xavier (2022), em *Sertão-Mar: Glauber Rocha e a estética da fome*, aprofunda a análise da estética sertaneja no Cinema Novo. O autor destaca como Glauber Rocha, especialmente em *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Terra em Transe*, articula o Sertão como espaço de insurreição e transcendência, onde a fome, a mística e a violência se tornam linguagem estética e política. A "estética da fome" propõe uma nova relação entre o espectador e a imagem: em vez de identificação ou consumo passivo, o choque visual e simbólico busca interromper a passividade do olhar e provocar a consciência crítica. Xavier propõe uma leitura em que o Sertão é território performativo e cinematográfico, onde o real e o alegórico se entrelaçam. Nesse sentido, a representação do Sertão não se reduz ao retrato da miséria ou da paisagem árida, mas se converte em metáfora da condição colonial, da exclusão estrutural e da possibilidade de reinvenção nacional.

Conclusão: o Sertão como disputa simbólica e estética

A análise conjunta dos textos evidencia que o Sertão nordestino no cinema brasileiro é um campo de tensão entre romantização e crítica, mito e denúncia, memória e invenção. O Sertão cinematográfico não é um reflexo neutro da realidade, mas uma construção complexa que articula geografias, afetos e ideologias. Reposicionar o Sertão como categoria estética, simbólica e política significa reconhecer seu poder de mobilizar

afetos e discursos, desestabilizando os centros hegemônicos de produção cultural. Ao propor uma genealogia crítica das imagens do Sertão, este artigo contribui para a reflexão sobre o papel do cinema na configuração de territórios simbólicos, defendendo uma leitura não estereotipada do Nordeste e a valorização de suas múltiplas subjetividades. O Sertão é, ao fim, um espelho partido onde se refletem as disputas sobre o Brasil que fomos, que somos e que queremos ser.

Eliana Guerra



Eliana Guerra é historiadora da arte, aposentada, brasileira, atualmente doutoranda em História da Arte e Musicologia pela Universidad de Salamanca (Espanha). Possui mestrado e graduação em História da Arte pela mesma instituição. Sua pesquisa atual se debruça sobre as representações do Sertão nordestino no cinema brasileiro, com enfoque interdisciplinar nos estudos culturais, pós-coloniais e cinematográficos. Tem interesse especial na articulação entre imagem, território e identidade no contexto audiovisual latino-americano. E-mails: elianaguerra@usal.es | elianaguerra@uol.com.br.



ENSAIO POÉTICO E FILOSÓFICO

PARTE II

A VERDADE NA POESIA

Neste capítulo tentaremos verificar e ilustrar através de poesias, como a poesia pode ser um caminho para a verdade. Como nosso trabalho tem por base Heidegger, deveríamos exemplificar através de Hölderlin que é o poeta com quem nosso autor trabalha, pois ambos são alemães, este é um dos motivos que leva Heidegger escolhê-lo pois só um poeta alemão pode registrar e poetizar o ser – estar alemão “ todo o poema lírico é sintoma de que a existência produz sua própria realidade (e não uma realidade decalcada) por noutros termos, o poeta sensível pode tirar da bruteza dos fatos o diagrama do futuro.”(Pág. 17 canto de destino e outros cantos. Hölderlin, Antônio Medina Rodrigues). Porém nosso autor escolhido foi Carlos Drummond de Andrade, pois ele é um poeta que retrata a nossa realidade, e está em língua portuguesa, o que por hora facilita nossa pesquisa, além do que, o que faz de Hölderlin um grande poeta é o poder da sua relação lírica com a verdade e também faz de nosso Drummond o lapidador de palavras.

Então através de algumas poesias com: Verdade, Procura da poesia e Medo poderemos verificar como a poesia e sua lírica podem servir á verdade, mesmo que sem perceber, se utilize da filosofia para poder provar este encontro.

A primeira poesia de nosso autor escolhido será:

VERDADE

A porta da verdade estava aberta mas só deixava passar meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade, porque a meia pessoa que entrava só trazia o perfil de meia verdade. E sua segunda metade voltava igualmente com meio perfil. E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta. Chegaram a um lugar luminoso onde a verdade esplendia seus fogos. Era dividida em metades diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela. Nenhuma era totalmente bela. E carecia optar. Cada um optou conforme seu capricho, sua ilusão sua miopia. (P 41 – 42 Corpos, novos poemas).

Esta poesia ilustra bem todas as questões sugeridas aqui, primeiro as verdades, são meias verdades, onde sempre estaremos a procura de uma parte, o claro-escuro de Heidegger, nem sempre arrebatando uma porta, ou seja a poesia, a arte, é a porta, a chave, ou abertura que nos permite tocar uma parte, mesmo que finita e ínfima da verdade, Drummond, já havia captado a essência da verdade como Alétheia, percebendo mesmo não intencionalmente como acontece com a maior parte dos poetas, que a verdade também implica em uma revelação da verdade, que a verdade está dividida, e que às vezes ela não coincide com a dos outros, e que a escolha é tomada por cada um, carece tomar uma decisão.

Isto não é um subjetivismo, e relativismo infinito, mas é sim uma relação onde a decisão se torna subjetivamente a partir do momento que o objeto - no caso do poema, o perfil da meia verdade – se apresenta.

Outros poemas como Procura da poesia nos fazem perceber a magia, maestria da palavra sendo tocada pela poesia:

*...Chega mais perto e contempla
as palavras
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres
Trouxeste a chave?*

As palavras podem ser a chave do ser do ente como pensava Heidegger, podem ser o modo de nos colocar em contato e a poesia possui esse dom mais do que qualquer outro tipo de manifestação artística, pois ainda citando o poema Procura da poesia:

*“Convive com teus poemas, antes de
escrevê-los
Tem paciência, se obscuros. Calma se
te provocam
Espera que cada um se realize e
consume com seu poder de palavra e
seu poder de silêncio”*

A palavra tem sua consagração através de sinais que às vezes são obscuros e em sua própria evocação e entonação já existe o poder do silêncio.

A poesia com sua musicalidade, profundidade e alma nos tocam e atentam sem explicação pura para verdades, das quais não conseguimos nos livrar vejamos isto na poesia O Medo de Drummond:

*...Em verdade temos medo
Nascemos escuro...*

*...E fomos educados para o medo
Cheiramos flores de medo
Vestimos panos de medo
De medo, vermelhos rios
Vadiamos...
...O medo, com sua física,
tanto produz; carcereiros,
edifícios, escritores, este poema;
outras vidas...”
...Nossos filhos tão felizes...
Fiéis herdeiros do medo,
eles povoam a cidade
Depois da cidade, o mundo
Depois do mundo, as estrelas
dançando o baile do medo.*

O medo é o tema do poema, poderia ser piegas, grosseiro, mas é redondo, profundo e aterrorizante, se não temos medo, depois de lermos o poema ficamos com medo, pois ele toca a transcendência da realidade através do sentimento do medo, nós percebemos que tudo que fazemos é por medo, mas somos levados à essa constatação não através de números, classificações e provas, mas sim através da música que só a poesia tem. Não analiso as construções, os edifícios a psicologia do medo que está instaurada em nossa civilização apenas sinto através das palavras e compreendo o medo em minha volta.

Poderíamos encontrar inúmeras outras poesias, mas termino com Fragilidade que nos deixa bem claro que esta é a nossa condição, frágeis seres que tentam penetrar na essência e na razão, mas a chave para a verdade das coisas é quem sabe, como diria Drummond, apenas uma ilusão.

*“Este verso, apenas um arabesco
 em torno do elemento essencial – inatingível.
 Fogem nuvens de verão, passam aves, navios, ondas,
 e teu rosto é quase um espelho onde brinca o
 . [incerto movimento,
 ai! já brincou, e tudo se fez imóvel, quantidades .
 [e quantidades
 de sono se depositam sobre a terra esfacelada
 Não mais o desejo de explicar, e múltiplas palavras .
 [em feixe
 subindo, e o espírito que escolhe, o olho que
 . [visita, a música
 feita de depurações e depurações, a delicada
 . [modelagem
 de um cristal de mil suspiros límpidos e frígidos:
 não mais que um arabesco, apenas um arabesco
 abraça as coisas, sem reduzi-las.
**(A rosa do povo – Carlos Drummond de Andrade – pá-
 gina 53)***

POSSÍVEIS VERDADES FINAIS

" ... a arte é uma consagração é um abrigo, por onde o real dispensa
 ao homem o seu brilho até então escondido, para que numa tal claridade,
 possa ver de que maneira mais pura, e ouvir, mais distintamente o que fala
 à sua essência." (Heidegger).

Chegamos ao final de nosso ensaio monográfico, mas partindo dos textos analisados neste ensaio do curso de Leitura de Múltiplas Linguagens no módulo de Leitura e Poesia, é impossível não sermos tocados pela beleza, busca e procura da essência do poetizar, que é essência e contingência, busca e encontro, morada e partida, por este motivo não traçamos neste final, conclusões mas sim, perspectivas, reflexões que desenvolvemos ao longo deste trabalho. Este modo de pensar foi o que nos fez escolhermos os textos de Heidegger que nos permitem edificar e identificar a natureza da poesia com a essência do humano, a partir do claro-escuro movimento do mundo e da verdade. Este modo de pensar não nos deixaria concluir, mas sim ampliar o nosso modo de ler o mundo, segundo uma proposta poética e filosófica.

Percebemos o quanto a poesia está em contato com a alétheia grega, e o quão distantes estamos de entender o verdadeiro significado e essência das coisas e da verdade.

Verificamos também ao longo deste ensaio que a poesia não é um simples devaneio ou pura imaginação, mas sim um modo de nos relacionarmos com o mundo, modo esse, que nos permite chegar até o mais verdadeiro, às vezes, porque nem sempre o verdadeiro quer ser visto ou tocado; observamos que o poetizar e o pensar são troncos vizinhos do ato poético palavras de Benedito Nunes mais uma vez.

Aprendemos também que o ato poético nos conduz ao diálogo, que é o que há de mais verdadeiramente e essencialmente humano, seja na poética ou na filosofia, pois é através do encontro, do diálogo entre sujeitos e sujeitos, entre sujeitos e objetos que nosso mundo nos “mundia”, se Torna familiar, portanto a verdade se aproxima também do prazer e do lirismo poético, do que da simples e unicamente da enumeração e classificação dos fatos e das coisas.

Compreendemos assim, e sabemos mais que nunca que Goethe estava certo, ou quem sabe bem perto de uma das verdades:

"Todas as coisas são metáforas."

Talvez deste modo, e só assim, estejamos inseridos no claro-escuro do mundo...

Desirée Marie Dos Santos



Nascida em Curitiba, Paraná, no dia 09 de julho de 1971, é filha de mãe solteira e foi criada com amor pela família da avó materna, descendente dos Guimarães – raízes que carrega com orgulho. Define o século XX, onde nasceu, como o século das grandes revoluções: tecnológicas, políticas, sociais e psicológicas. Formada em Filosofia pela UFPR, atua como educadora desde 1995, lecionando Teatro, Geografia, Filosofia, Sociologia, Literatura e Projeto de Vida, da Educação Infantil ao Ensino Médio. Possui especializações em Leitura de Múltiplas Linguagens (PUC-PR) e Geopolítica (UNIBEM), além de formações complementares em metodologias ativas, design pedagógico e sociologia. Tem passagens marcantes por instituições como o Colégio Novo Ateneu (seu

primeiro emprego), Dom Bosco Batel, Dom Bosco Colombo, Colégio Madalena Sofia, Escola Passo a Passo Evolução e, atualmente, atua no Centro Educacional Tistu. Curiosa e apaixonada pelas artes, filosofia e psicologia, é participante de cursos livres de teatro e escrita criativa, como o Lavra Palavra. Desenvolve projetos culturais e integra o Teatro Para a Vida, contemplado pela Lei Paulo Gustavo. Bailarina por amor à dança e ao próprio corpo dançante, também é amante da pintura, dos livros e do conhecimento. Casada, crente em Deus e madrastra de duas filhas lindas, mesmo aposentada do trabalho formal, continua atuante e criativa nas escolas por onde passa. Contato: mitosgeografiaefilosofia@gmail.com | Insta: [@Desiree.santos.7528610](https://www.instagram.com/Desiree.santos.7528610).



PRESSÁGIOS DE CASSANDRA

Diferente do que se possa imaginar, Cassandra é uma das personagens mais lúcidas de toda a mitologia grega. Embora tenha sido chamada de delirante, insana e portadora de mau agouro, a filha de Príamo e Hécuba, rei e rainha de Tróia, recebeu de Apolo o dom da profecia, tornando-se capaz de prever o futuro.

O deus da mântica, apaixonado pela princesa, prometeu dar-lhe o dom da adivinhação caso ela cedesse aos seus desejos. Cassandra aceitou a oferta do filho de Zeus, mas ao ser capaz de desvendar o futuro, ela o rejeitou. A fim de se vingar, Apolo amaldiçoou-a a ser desacreditada em suas previsões. Essa punição provocou um grande infortúnio à Cassandra, pois, embora ela adivinhasse o futuro, era por todos ignorada.

Curiosamente, a princesa de Tróia profetizava desgraças, perdas e ruínas. No entanto, ela não falava apenas sobre o futuro, mas era capaz de ver claramente o passado, além de refletir sobre os acontecimentos presentes, desvendando-lhes o significado por trás das aparências. Suas mensagens eram totalmente desacreditadas ou então reinterpretadas segundo o desejo de quem as recebia. Nesse sentido, Cassandra dizia o que não se desejava ouvir.

Nas *Heróides*, de Ovídio, Páris, ao escrever uma carta de amor endereçada à Helena, comenta sobre a precisão das palavras de Cassandra ditas a ele no momento em que partia de sua terra natal em direção à Grécia a fim de conquistar a filha de Zeus: “Minha irmã Cassandra acorre, os vastos cabelos, no momento em que nossos navios iam levantar a vela: “Aonde vais? Levarás um incêndio contigo: ignoras que grande abrasamento vais procurar através dessas ondas”. Ela profetizou a verdade: encontrei os fogos que previu; um amor desenfreado queima em meu coração sensível.” (Ovídio, 2003, pág.194).

Em suas palavras, Cassandra referia-se, na verdade, à ruína de Tróia que seria provocada pela guerra. Desejando ter Helena, Páris não ouviu o alerta da irmã sobre os resultados de sua ação, preferindo fechar os olhos para as consequências de uma relação com a mulher de Menelau, rei de Esparta. O fogo, ao qual Cassandra se referia, representava a destruição do reino de Príamo, que foi interpretado por Páris como o fogo de sua paixão.

O próprio destino de Páris ao nascer foi guiado por um presságio sobre o futuro de Tróia. Hécuba, sua mãe, ainda grávida do príncipe troiano, sonhou que dava à luz a uma tocha que destruía a cidade. O recém-nascido foi, então, abandonado por seus pais, adotado por uma família de pastores e cresceu desconhecendo sua origem.

Páris vivia tranquilamente como pastor quando, a mando de Zeus, foi designado para ser o juiz no concurso que elegeria a deusa mais bela. As concorrentes eram Afrodite, Palas Atena e Hera. A fim de obter o título, cada uma oferecia ao pastor um prêmio. Afrodite ofereceu Helena, a mulher mais linda do mundo. Como quisesse viver a paixão, Páris escolheu não a mais bela deusa, porque segundo ele todas eram lindíssimas, mas aquela que oferecia o que ele desejava ter.

Quando ele e Helena se encontraram, Páris já havia sido reconhecido como filho de Príamo e ocupado seu lugar em Tróia. A filha de Zeus cedeu à paixão que sentiu por ele, tornou-se sua amante, fugiu de Esparta em sua companhia, abandonando seu marido, Menelau, e sua filha, Hermione. A consequência dessa união foi a guerra de Tróia, um conflito que durou dez longos anos.

O golpe final dos gregos sobre os troianos foi dado por Odisseu, que inspirado pela deusa Atena idealizou um imenso cavalo de madeira planejado para esconder em seu bojo soldados armados. Dessa forma, eles passariam pela grande muralha que protegia a cidade sem serem vistos e abririam os portões para a entrada do exército grego. O Cavalo de Tróia, como ficou

conhecido, foi construído e ofertado aos troianos que, ingenuamente, o receberam. Cassandra avisou que o cavalo de madeira traria a ruína da cidade, fazendo com que Tróia perdesse a guerra, mas foi novamente desacreditada.

Com esse ataque surpresa, Tróia foi destruída, seu rei, Príamo, foi morto, Hécuba, a rainha, e as mulheres da cidade foram feitas escravas, o ouro e as riquezas foram tomados e Cassandra foi violada por Ájax, o Menor, um dos guerreiros gregos, no templo de Palas Atena, o que provocou a ira da deusa.

Em *As Troianas*, peça de Eurípides, encenada em 415 a. C, tradução de Mário da Gama Cury, Palas, sentindo-se desrespeitada pelos guerreiros gregos por não terem punido Ájax, o Menor, pelo crime cometido em seu templo, uniu-se a Posídon, deus dos mares, a fim de juntos lançarem uma grande tempestade sobre os soldados no momento em que eles partissem de volta à Grécia: “Quando partirem suas naus daqui de Tróia levando-os de retorno ao lar, conforme esperam, Zeus as fustigará com chuvas em torrentes e tempestades escurecerão os céus; meu pai nos cederá o fogo de seus raios para com eles açoitarmos os soldados e incendiarmos suas naus; faze tu mesmo vagas enormes estrondarem sobre a rota amontoando em turbilhões no Egeu as ondas e enchendo de cadáveres o mar sulcado de Eubéia para que os gregos enfim aprendam a respeitar os meus altares no futuro e a venerar os outros deuses como é justo.” (Eurípides, 1991, pág.171).

Ájax, o Menor, também foi afetado por essa tempestade. O deus Posídon, conforme é narrado na *Odisséia*, de Homero, tradução de Antônio Pinto de Carvalho, o lançou sobre as rochas, mas depois salvou-o das ondas; o guerreiro, no entanto, vaidosamente, orgulhou-se de conseguir se salvar mesmo contra a vontade dos deuses. Ouvindo as palavras de Ájax, Posídon irritou-se com a *hybris* cometida pelo guerreiro e deu fim à sua vida: “Ouvindo estas palavras altivas e logo, empunhando o tridente com as vigorosas mãos, numa das rochas de Gira, e fendeu-a em duas. Uma parte permaneceu no

sítio; o outro fragmento, precisamente aquele onde Ájax estava sentado quando se sentiu tomado de delírio, esse precipitou-se nas ondas e arrastou-o para o abismo do imenso mar.” (Homero, Canto IV, 1981, pág.45).

Em *As Troianas*, de Eurípides, Cassandra já havia sido feita escrava pelos gregos, assim como sua mãe, Hécuba, e as mulheres de Tróia. Elas foram levadas para um acampamento em frente à cidade e lá permaneciam aguardando orientações sobre seus destinos. Enquanto Hécuba, enlutada e em desespero, chorava pela perda do marido, dos filhos, de seu reino e por sua própria condição, Taltíbio, arauto dos gregos, aproximou-se do acampamento para informar o que seria feito delas e também levar Cassandra para Agamêmnon. O general, rei de Micenas, e irmão de Menelau, a havia escolhido para viver com ele em Argos como sua concubina. Agamêmnon era casado com Clitemnestra, mas desejava que a filha de Hécuba o servisse sexualmente.

Cassandra surgiu, então, com as insígnias de sacerdotisa de Apolo, segurando uma tocha, dançando e cantando um hino em honra às suas núpcias com Agamêmnon. Parecia estar louca e haver perdido completamente a razão, mas suas palavras, no entanto, demonstravam uma profunda sabedoria quanto ao saldo da guerra para os gregos, mesmo com a vitória sobre Tróia. Além de referir-se sobre a origem do conflito entre os dois países, ela contrapôs as condições dos homens que lutaram em favor da Grécia e de Tróia. Cassandra fez ecoar não apenas a honra dos troianos, mas mostrou que a vitória dos gregos não trazia a eles a glória que desejavam aparentar.

Em sua voz, os soldados troianos foram reconhecidos por lutarem e morrerem em defesa da pátria. A profetiza destacou ainda que, durante os anos de batalha, os guerreiros de Tróia lutavam e retornavam às suas casas, mantendo o convívio com suas famílias; quando eram mortos, seus corpos eram enterrados por familiares e amigos, recebendo deles todas as honras e homenagens que mereciam. O próprio Heitor, seu irmão, príncipe de Tróia,

ganhara notoriedade durante o conflito, pois, não fosse pela guerra jamais teria sido reconhecido e lembrado por seus talentos como guerreiro.

Em contrapartida, os soldados gregos precisaram deixar para trás suas famílias, que passaram a viver desamparadas e largadas à própria sorte; ao serem mortos, seus corpos eram sepultados em terras distantes, longe de seus parentes e sem as devidas homenagens. Quanto ao chefe dos exércitos gregos, Agamêmnon, havia sacrificado a própria filha para seguir em direção à Tróia a fim de recuperar a mulher do irmão que o traiu e fugiu com o amante: “Por causa de uma só mulher, de um só amor, só por Helena, quantos gregos pereceram! Seu chefe, cujas qualidades muitos louvam, sacrificou o mais precioso de seus bens visando ao mais nefando de todos os fins;” (Eurípides, 1991, pág.183). Cassandra profetizou ainda a morte de Agamêmnon, e todos os sofrimentos pelos quais passaria Odisseu ao tentar retornar para casa.

Ao ouvi-la, o arauto dos gregos, Taltíbio, desprezou-a, classificando-a como insana e reduzindo suas palavras a um mau agouro. A princesa de Troia, transformada em escrava, viu ainda em seu transe a própria morte. Seu dom manifestava-se através de imagens pelas quais ela via o passado e o futuro. Por isso, sabia que não poderia impedir ou transformar o rumo dos eventos que a levariam a perecer longe de sua terra natal, sendo brutalmente assassinada, e tendo seu corpo abandonado. Foi capaz de reconhecer no destino dos soldados gregos a sua própria tragédia: “E eu? Meu corpo morto, nu, abandonado nas ravinas onde corre a água das torrentes, junto ao túmulo de meu senhor e noivo, vai servir de pasto às feras, que devorarão famintas a fiel profetiza de Apolo e sua servidora.” (Eurípides, 1991, pág. 186).

Ao chegar em terras gregas, Cassandra seguiu junto a Agamêmnon em direção à Micenas. No palácio, ele já era esperado por Clitemnestra, sua mulher, que se tornara amante de Egisto, primo de Agamêmnon. Clitemnestra havia tramado o assassinato do general a fim de se vingar da decisão do marido de sacrificar Ifigênia, filha deles. É que a deusa Ártemis havia imposto o

sacrifício da jovem como condição para que os exércitos gregos seguissem do porto de Áulide em direção à Tróia. Na verdade, a deusa havia resgatado Ifigênia no momento do sacrifício, colocando em seu lugar uma corça. No entanto, a filha de Clitemnestra foi considerada morta.

Na peça *Agamêmnon*, de Ésquilo, encenada em 458 a. C, tradução de Mário da Gama Cury, o rei de Micenas foi recebido por Clitemnestra com todas as honras pela vitória sobre Tróia. Como parte de seu plano, ele foi levado ao interior do palácio sem suspeitar que seria assassinado. Cassandra, que aguardava do lado de fora, já em transe, via não apenas a morte de Agamêmnon, mas também os crimes ocorridos no passado da família dos Atridas: “Crianças choram, os cutelos matam-nas e o próprio pai devora-lhes as carnes!” (Ésquilo, 1998, pág.57).

A maldição da família dos Atridas, da qual Agamêmnon fazia parte, começou com o ato criminoso de Tântalo, rei da Frígia, que participando do convívio dos deuses olímpicos, ofereceu-lhes um banquete servindo-os as carnes do próprio filho. Horrorizados, os deuses reconstituíram e reviveram Pélops, lançando Tântalo na região do Hades para o qual seguiam os réprobos.

Pélops, por sua vez, também se tornou um assassino, pois para casar-se com a mulher que desejava, Hipodâmia, matou o pai dela. Dessa união nasceram Tiestes e Atreu. Os dois irmãos tornaram-se inimigos ao disputar o reino de Micenas. Atreu, então, em um gesto aparentemente pacificador, convidou o irmão para um banquete e repetiu o crime de seu avô, Tântalo. Ele matou os filhos de Tiestes e serviu-os a seu irmão em um banquete. Durante a refeição, Tiestes descobriu que havia comido a carne dos próprios filhos e lançou uma maldição sobre Atreu, que era pai de Agamêmnon e Menelau; Tiestes, posterior a esse acontecimento, teve um novo filho que recebeu o nome de Egisto. Quando adulto, Egisto se tornou cúmplice e amante de Clitemnestra para vingar os crimes cometidos pelo irmão de seu pai e apossar-se do reino de Micenas.

Depois de ver os crimes cometidos pelos Atridas no passado, Cassandra entrou no palácio, local em que Agamêmnon e ela foram assassinados; a profetiza de Apolo foi morta pelas mãos de Clitemnestra por ter sido levada pelo marido para ser sua concubina.

A princesa de Tróia, considerada louca e insana, por não ser compreendida, viveu solitária, mesmo estando entre os seus. No entanto, era tão racional e lúcida que se não fosse pelo transe, estado em que recebia suas visões, acreditaria-se que ela antevia os acontecimentos futuros através de interpretações baseadas na própria realidade.

Mas, segundo a tradição, Cassandra era uma profetiza e, por isso, sua visão se estendia a uma outra esfera da realidade. O curioso é que sua percepção se deslocava, mas ela mantinha a lucidez e o domínio sobre si mesma. A exemplo disso a própria Cassandra diz à Hécuba, sua mãe, em *As Troianas*: “Embora esteja possuída por um deus, para provar-te vou sair de meu delírio.” (Eurípides, 1995, pág.182).

Cassandra não era uma seguidora do deus Dioniso, mas uma profetiza de Apolo. No entanto, ela era tomada pelo transe, mesmo sendo este uma prática atribuída à experiência mística vivida pelos adoradores de Dioniso. Nesse contexto, eles viviam o *êxtase* que representava sair de si mesmo para que no *entusiasmo* o deus os penetrassem, o que simbolizava a perda da própria consciência. Apolo e Dioniso são considerados deuses relacionados a atributos e qualidades diferentes. Enquanto Dioniso representa uma esfera de desterramento de si mesmo que toca tanto o primitivo quanto o sublime, Apolo, por sua vez, está ligado à consciência e à razão, mas é também o deus da mântica.

A princesa de Tróia vivia o transe, mantendo-se consciente e lúcida e sendo capaz de iluminar os caminhos que levam ao futuro, assim como também aqueles que já foram percorridos no passado, sem perder a compreensão sobre os acontecimentos do momento presente. É como se ela transpusesse barreiras que limitam a percepção e conseguisse apreender uma unidade

formada por imagens do passado, presente e futuro, o que lhe conferia a clareza de ver o que não era visto.

Sua visão foi seu dom e ao mesmo tempo sua maldição. Essa qualidade invulgar foi, na verdade, sua marca. Viveu entre o poder e a impotência, o poder de saber e a impotência de não ser ouvida e, por isso, não conseguir intervir nas escolhas feitas por aqueles que a cercavam. Morreu completamente impotente, sem ter como se defender e sabendo o que lhe aconteceria.

Cassandra viveu em meio a uma guerra que dizimou o reino de seu pai e matou sua família, assim como também foi levada em direção ao centro de um conflito familiar marcado pela violência e pelo derramamento de sangue. A razão não predominava em nenhum desses dois cenários, pois o que havia eram disputas, paixões sem limite e desejos de vingança. Sendo assim, a voz da razão não era ouvida, tão pouco compreendida e aceita.

A profetiza de Apolo representa a luz da consciência que alerta para as consequências imprevisíveis oriundas de atos impensados. De forma clara e objetiva, ela demolia as aparências, revelando o que se escondia por trás da realidade. Seus presságios tinham o poder de evitar a dor e o sofrimento, mas a condição para isso seria a de aceitar a existência da irracionalidade e os perigos de a ela se entregar.

Isabel Spagnolo



Isabel Spagnolo, jornalista, pós-graduada em História da Filosofia e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuei como professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda por quase duas décadas. Sou apaixonada por Tarô, Astrologia e Literatura Grega. Participo, atualmente, de cursos sobre Mitologia e Teatro Grego. Instagram: @isabelspagnolo | E-mail: isabelspagnolo@yahoo.com.br.

Revista **Autorretratos**

Entre em contato conosco para publicar:
revistaautorretratos@gmail.com



Obrigado pela sua colaboração!